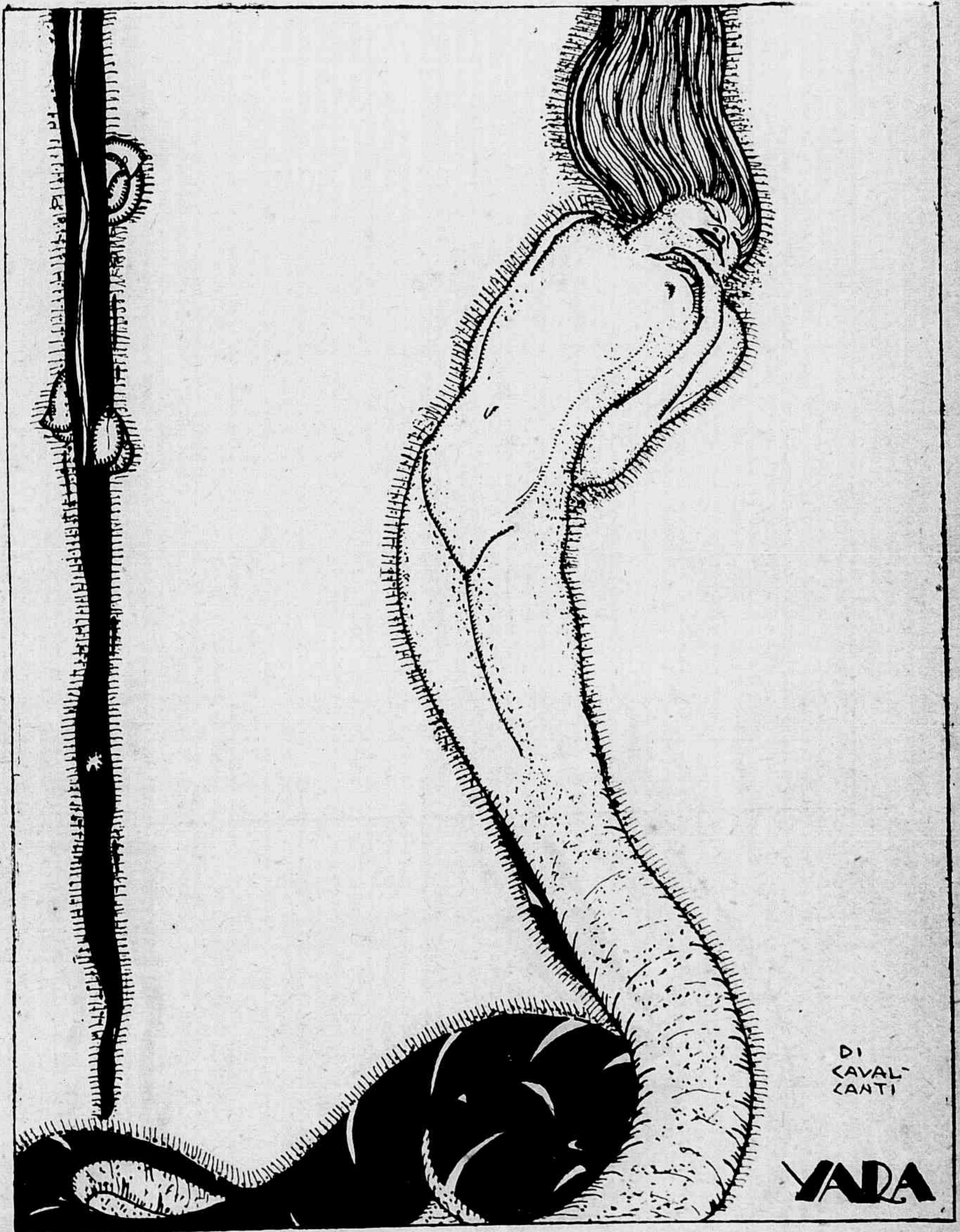


# AMERICA BRASILE

DIRECTOR: Elysio de Carvalho

23



Anno II. N. 13. Janeiro de 1923.

Preço: 1\$000

# AMERICA BRASILEIRA

RESENHA DA VIDA NACIONAL

Director: ELYSIO DE CARVALHO

Secretario da redacção: LUIZ-ANNIBAL FALCÃO

## SUMMARIO DESTE NUMERO

DETRAHIDORES E DERROTISTAS.....	REDACÇÃO.
OS BENEFICIOS DA ALEGRIA.....	MESQUITA PIMENTEL.
DESLUMBRAMENTOS DE PERO VAZ.....	OSWALDO ORICO.
O NOVO GOVERNO E SUAS PERSPECTIVAS.....	REDACÇÃO.
OS ITALIANOS NO BRASIL.....	REDACÇÃO.
FASQUINO REMENDÃO.....	ELYSIO DE CARVALHO.
PHILÉAS LEBESGUE .....	LUIZ-ANNIBAL FALCÃO.
O CAVALLEIRO DE OLIVEIRA.....	AQUILINO RIBEIRO.
O TRICENTENARIO DE GREGORIO DE MATTOS.....	ELYSIO DE CARVALHO.
UM LIVRO DE PATRIOTISMO.....	OSWALDO ORICO.
NOTAS E COMMENTARIOS.....	REDACÇÃO.
NOTULAS.....	REDACÇÃO.
REPERTORIO.....	REDACÇÃO.

ILLUSTRAÇÕES DE DI CAVALCANTI

## EXPEDIENTE

### ASSIGNATURA ANNUAL

Para o Brasil.....	10\$000
Para o Exterior.....	12\$000

### VENDA AVULSA

Numero do mez.....	1\$000
Numero atrasado.....	2\$000

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 96, 3.º

Tel. Norte 6011

RIO DE JANEIRO — BRASIL

Caixa Postal, 1223

# AMERICA BRASILEIRA

Director: ELYSIO DE CARVALHO

RESENHA DA ACTIVIDADE NACIONAL

NUM. 13

RIO DE JANEIRO — JANEIRO, DE 1923

ANNO II

## DETRAHIDORES E DERROTISTAS

Precisamos fallar claramente. Desde o inicio desta publicação que se move contra nós uma campanha insidiosa, feroz e mesquinha, em que nem se respeita o decôro da opinião publica, pois que a mentira e a injuria têm sido as armas preferidas, e essa onda infrene de maldade e de despeito tem de se quebrar ante o nosso impassivel desprezo, nascido da serena confiança do dever cumprido. No entanto, se a desprezamos, como vilania, não devemos deixar de rebater ponto a ponto, e desde já declaramos que accetamos a discussão a mais ampla possivel, reptando assim todos os adversarios confessos ou emboscados, para que venham a liça, onde tranquilos os esperamos. Não que estejamos dispostos a um debate com certa imprensa, que nos repugnaria em demasia, mas porque estamos promptos a responder e pulverisar definitivamente todas as acusações, desde que sejam formuladas com precisão. Fica, portanto, a opinião publica esclarecida quanto aos nossos processos: as calumnias e as injurias discutiremos pelos tribunaes, mas estamos a postos para rebater todas as questões de facto e doutrinarias, que quiserem trazer a publico. Servimos a um alto ideal, que, por ser insultado, não havemos de apoucal-o.

A datar do primeiro numero desta revista, que surgiu disposta a trabalhar com efficacia e desinteresse por um largo programma de acção, concebido dentro de um idealismo fecundo e patriótico, alguns individuos attribuiram, maldosa e nesciamente, a intuitos inconfessaveis o nosso proposito. Que diziamos e o que queriamos? Diziamos e repetimos, sem cousa alguma alterar, que somos um paiz que está só na America do Sul e, portanto, deve viver dentro das contingencias irremediaveis desse isolamento. Queriamos e queremos, sem variações, que a nossa politica faça do Brasil uma nação forte, capaz de se impôr no mundo pelo seu prestigio; que se remodelem os processos de nossa administração, começando pela revisão constitucional; que se dê efficiencia ás nossas forças armadas; que se resolva o

problema do ferro e do carvão; que se firme "*uma politica de paz e de cordialidade na America, pois depende da tranquillidade das nossas relações com os paizes visinhos o progresso e a grandeza deste continente*"; que se erga nossa politica a um nivel digno das aspirações e das possibilidades nacionaes. Esse programma, de uma grandeza indiscutivel e a cujo serviço nos temos collocado com esforço modesto mais sincero, porquanto numerosos pontos estão hoje em execução iniciada ou por iniciar, não é uma bandeira que se enrole ao primeiro assovio anonymo. Porque fallamos francamente á opinião, mostrando qual a nossa exacta situação politica em certos paizes visinhos, onde nem sempre um ambiente de cordialidade domina, afim de avisal-a, não para provocar irritações, que temos evitado sempre, mas para que possa se orientar, disfazendo equívocos que perduram porque não procuramos elucidal-os, ignorando-os, pretenderam ver em nós um grupo de provocadores da paz continental, a serviço de interesses mercantis. Ha crimes que são impossiveis a determinadas pessoas, por impossibilidade absoluta de meios, e aquelle de que nos accusavam está perfeitamente enquadrado na especie. Positivemos os factos.

Accusou-se a esta revista de querer fomentar a guerra na America do Sul (*risum teneatis!*...) para facilitar a venda de armamentos ao Governo, favorecendo á fabricantes de armas estrangeiras, de que seriamos intermediarios. A accusação é diota. Seria ridicula e pueril se não fosse infame. Os que a formularam sabem perfeitamente que a mesma é imbecil, mas querem insinuar o escandalo no espirito ligeiro e boateiro das avenidas. Dahi não corarem com essa tolice, que é facil de demonstrar. Antes de tudo, ficam reptados os individuos que escreveram este aleive, ou formularam esta torpeza, a dar em publico as razões que os levaram a fazel-o, ou os factos em que se estribam, de contrario passaremos a consideral-os calumniadores vulgares, sem caracter e sem vergonha.

Para os espiritos de bôa-fé, vamos mostrar por que é improcedente e irratoria a accusação. Como se sabe, todas as compras feitas pelo Governo obedecem a processos administrativos especiaes, de concorrência publica, aos quaes, irregularmente, alguns governos se esquivam. Mas, quando se trata de venda de armamentos, não ha sómente processos administrativos, senão technicos, sob a direcção do Estado Maior do Exercito e suas commissões especiaes, havendo ainda uma Directoria do Material Bellico e uma commissão de compras no estrangeiro, chefiada por um general. Portanto, para que alguns individuos pudessem obter a venda de materiaes, pelo simples apparecimento de uma revista, que tem tido o melhor acolhimnto publico, mas é modestissima, seria preciso que ella dispuzesse de um prestigio formidavel junto ao Governo, de modo a conseguir que suas propostas fossem accetadas e, depois, que estivessem ás suas ordens os technicos militares. Basta isso, para mostrar o absurdo. Ora, nunca, o director, nem qualquer redactor da nossa revista andou pelas secretarias de Estado, ou pelo Palacio do Governo, nunca ninguem os vio pelas casas do Congresso pleiteando creditos para as pastas militares, nunca ninguem os descobriu em transacções suspeitas. Se alguem os viu, que o declare; se estamos mentindo, que se restabeleça a verdade. Proseguindo, na nossa argumentação, necessario era, para substanciar esse libello, que se declarasse, primeiro, de que fabricas eram os representantes e, segundo, quaes os passos dados para induzir o Governo brasileiro a ficar com seus productos. São todas questões de facto, cuja prova deve haver para que se nos accuse, pois não se insinuou siquer, mas se affirmou, a existencia desse alto negocio. Como mostrou, ha pouco, pelas columnas do *Jornal do Brasil* o illustre escriptor militar que se occulta sob o pseudonymo de *Caxias*, para que se compre material bellico, prévio se torna longo trabalho de commissões, sendo que, ainda agora, o material de artilharia de campanha e montanha encommendados á casa Schneider,

depois de dois annos de estudos, são de um typo brasileiro, sem semilhança na igualdade de calibre com os demais canhões europeus, aos quaes são muito superiores. Como, pois, se poderia conceber que a nossa modesta revista pudesse impingir ao Governo material de guerra? Fallemos com seriedade. Em primeiro lugar, quem pretendesse fazer taes transacções, não deveria de esquecer que o silencio é a alma do negocio e não iria, ridiculamente, descobrir o flanco para os ataques desses bagageiros de quinta ordem; depois, qual a fabrica do mundo, que desejando fazer uma operação desse quilate, iria se valer de uma revista mensal, de character ideologico, a cuja frente não ha nenhum prestigio politico? Note-se o vulto da accusação, cuja infamia se póde medir por seu volume de absurdo. Foi dito que a nossa revista seria o instrumento provocador de disensões internacionaes no Continente, e que, alarmando os governos, os faria comprar a toda pressa armas e mais armas. E' espantosa a toleima dessa gente, é immensa a estupidez crassa desse aleive.

Seria ridiculo si quizessemos demonstrar que a guerra é um phenomeno social, regido por leis imperiosas, quicá fataes, e que não póde ser provocada por meia duzia de artigos de uma modesta revista mensal como a nossa *America Brasileira*. Insistir no assumpto, seria offender o leitor.

Portanto, temos para o juizo do publico, o seguinte: de um lado o repto formal aos nossos accusadores para que exhibam as provas, os documentos e os testemunhos em que baseiam suas accusações, se não querem passar por vis calumniadores; do outro, a argumentação clara e insophismavel de que não seria possivel ser verdadeiro o facto, e de que, embora o pudesse ser, não eramos capazes, materialmente, de sua auctoria. Vamos, agora, aos argumentos circumstanciaes. O mais ousado de nossos calumniadores, ~~o Sr. ...~~ lançou na primeira pagina de seu jornal, com titulos, sub-titulos e photographias, a noticia de que eramos o orgão dessa organização armamentista e de que o nosso director, envolvido no caso, estava preso. Mentiu, e mentiu duas vezes. Mentiu na accusação, porque não tinha fundamento (e se o tiver que mostre) e mentiu de facto, noticiando que estava preso o nosso director, que nunca foi vexado neste caso por qual-

quer autoridade. Apesar do desmentido cathogorico do Gabinete do Chefe da Policia, não rectificou a gazeta a mentira. Voltou com mais insultos, porque o nosso director resolveu chamal-o á responsabilidade em juizo. Ora, o indice é patente. Quem informa o publico conscientemente, com uma noticia falsa, não póde merecer credito para cousa alguma que diz, ou escreve.

Não vamos resolver esse monte de lixo, por demais repugnante, mas estamos decididos a discutir todas as questões que se relacionem com a defesa da nacionalidade, e teremos a necessaria energia para defender os nossos immensos interesses politicos, sociaes e economicos no taboleiro das intrigas diplomaticas. Não é com a opinião apressada, leviana ou idiota de escribas analphabets que estarão, por ventura, os homens de boa vontade e de senso esclarecido do paiz. Todos aquelles que têm uma parcella de responsabilidade, os technicos militares, os sociologos, os politicos desentereados estão comnosco, quando affirmamos, com factos e baseados nos precedentes historicos, que o Brasil está só no Continente, não porque o deseje, não porque estime esse estado de cousas, mas por irremediavel fatalidade historica e geographica, e mais, que continuamos desarmados, apesar da missão franceza e da missão americana, e não obstante as imponentes paradas militares, que os nossos vizinhos transformaram em espantallo terrivel á paz americana. E quando divulgamos tudo isso, não nos moviam sentimentos inconfessaveis, nem interesses inferiores, mas a visão do perigo e o amor da patria.

Nossa campanha, desenvolvida com um sincero espirito de previdencia politica, visava, como ainda visa, a segurança dos destinos do Brasil, paiz de vastas fronteiras abertas, de largas costas desprotegidas e de incommensuraveis latifundios entregues a uma população diminuta e fraca. Enquanto os outros paizes obram com energia e presteza, no sentido do aperfeiçoamento de seus meios de defeza militar, o Brasil estende platicamente as mãos generosas e cordiaes nas mesas das conferencias e dos banquetes, discute, estuda, planeja, ~~...~~ A nota do Itamaraty, traçada com abundancia de coração, levantou ce-leuma injusta e imprevisita. Que propu-

nhamos nós? Simplesmente um accôrdo, um entendimento prévio entre as grandes potencias sul-americanas, seguindo nisso o exemplo da Inglaterra, da França, dos Estados Unidos, emfim, dos maiores paizes do mundo. ~~...~~ a terceira potencia militar da America do Sul, pois as estatisticas provam exuberantemente a nossa condição de inferioridade, os dirigentes da imprensa platinassa assalharam que eramos um povo militarizado, insinuando, ~~...~~ o perigo de uma febre de armamentos que não existe nem nunca existiu no Brasil. E é nojento confessar que, entre nós, ha energumenos capazes de sustentar essas mesmas intrigas, fazendo o jogo dos nossos calumniadores solertes.

Fallemos sem reticencias. Não queremos a guerra, e o Brasil jámais provocou um só de todos os conflictos em que foi obrigado entrar, e não queremos competições armadas, mas desejamos ardentemente, pelos menos, ficar em igualdade de condições com os nossos vizinhos, porque, sem isso, não teremos a necessaria energia para afirmar a nossa existencia como nação soberana e apoiar a politica que indicam as nossas aspirações pacíficas. Nada mais ambicionamos senão que os destinos do Brasil sejam efficientemente protegidos. ~~...~~

Agora, mais do que nunca, precisamos fallar claro, embora gritem contra nós os cynicos detractores, os salteadores da baixa imprensa, os gazeteiros venaes, sem consciencia nem patriotismo, toda essa ralé de profissionaes da calumnia e da injuria, que se habituaram a enxovalhar a honra dos patriotas. Aqui estaremos para pedir, reclamar e exigir os elementos imprescindiveis á garantia do nosso esplendido futuro. Aqui ficamos para desmascarar os propagandistas de idéas dissolventes da sociedade, denunciar os mercenarios que tentem perturbar, retardar e deturpar a solução dos nossos magnos problemas e combater os demagogos que pretendam amesquinhar a nacionalidade. Aqui continuamos, firmes e impassiveis, para tripudiar sobre os derrotistas, os vendilhões e os trahidores da patria braisleira.

# S BENEFICIOS DA ALEGRIA

Os Brasileiros constituem em geral, e na roça do que na cidade, um povo de tristes. A mulher é uma resignada e o homem um taciturno; quando se reúnem em festejos é ao som de melancolicas toadas, exprimidas das sanfonas ou beliscadas nas violas, que elles cantam e dançam; quando riem é frequentemente de um riso recolhido, quasi silencioso e mettido para dentro; e se entre elles estala uma gargalhada é antes uma esquinada ironica e de mofa do que um frouxo de riso livre e franco, expansão de um corpo sadio e de uma alma sem desconfianças nem preocupações... A causa desse vincio moral, ainda não estudada, relaciona-se, de certo, com as que geram as demais características da psychologia brasileira, e no seu embrulhado complexo se não de enxergar a hereditariedade de tres raças fracas e tristes, a mestiçagem dessas raças produzindo um typo ethnico achacado e vicioso, a acção do clima tropical e debilitante sobre as gerações successivas da gente, as moenças que sempre a perseguiram, indigenas, outras importadas, e todas igualmente recebidas sem defesa... A remoção de alguns desses elementos, a diminuição ou o desvio de outros, haverá de fazer aos futuros Brasileiros, com a isolação da saude a energia, a iniciativa, a sciencia de prevêr e a arte de prevêr, o dom incomparavel de rir, propriedade humana, segundo Rabelais, e de todo o mais precioso dos bens que o creador doou ás suas creaturas, — ao mesmo tempo effeito e causa de outros bens preciosos, eixo de um invejavel "reulo virtuoso" da physiologia humana.

Apontarei adiante, sem rigorosa ordem, algumas das vantagens de ser alegre. Um pedagogista inglez já propoz a fundação de escolas para ensinar o riso ás crianças: no Brasil, está visto, e mórmente no interior, seria proveitosissimo que fizessem taes escolas, mas não só para crianças, para os adultos também, homens e mulheres...

nessas escolas a primeira aula de cada dia versaria, provavelmente, sobre as utilidades da alegria, e o professor com um ar grave e doutoral, como quem ensina e é pago pelo governo, diria entre outras cousas profundas que vão a seguir e o leitor poderá apreciar máo grado não haver Escola Professor.

Alegria faz engordar. Não ha exemplo de homem gordo que fosse triste. A alegria e a lenha sempre combinaram n'este typo, como qualidades harmonicas e interdependentes, a jovialidade e a rotundidade da pansa. O Patagruel é quasi redondo de corpo; o melancolico cavalheiro da Tristeza é Aguião como um canico. O emperador de nosso D. João VI, de agradável memoria, é roliço de ventre e costas; o XI.º de França, o soturno e cruel de ventos dos ventinhos do seu chapéo, é angustoso e ecco. E isso explica-se. O riso se é um forte exercicio muscular, activa a circulação, dilata os pulmões, faz magros os ossos e, portanto, afina a carne e a ab...

"Le front est balaféré de plis. Les yeux brillent de fièvre et sont noyés de pleurs. La bouche fait un trou noir, béant, plein de bave et farouche. où la langue balotte, où se cognent les dents.

"Le ventre convulsé s'enfle, rentre en dedans, prús ressort, bossué de meuds comme une souche; et les poumons, crachant le spasme qui les bouche, s'es-coufflent, par la gorge, en cris durs et stridents.

"Mais quel est donc ce mal, ce cas d'épilepsie où l'on rale écumant, la cervelle épaissie, les sens perdus, les nerfs détraqués, où la chair semble un poisson vivant dans un poêle à frire? Hélas! ce mal c'est notre ami, c'est le plus cher, c'est le consolateur des hommes, c'est le Rire."

Este riso frenetico e brutal não é commum. Mais frequente é o que Dugas chama *riso franco* e pleno, indicio de exuberancia individual, de saude e vida e que, mesmo moderado, constitue um valente exercicio muscular.

As pessoas que muito a miudo riem desse modo, a gargalhadas, riem assim porque são fortemente sadias e por isso também é que são gordas; mas também porque riem assim, activando, portanto, a respiração e a circulação, é que permanecem sadias e continuam a engordar. Não ha melhor regimen para emagrecer do que o das tristezas e desgostos moraes. Não ha melhor regimen para engordar do que o de sonoras, amplas, gostosas gargalhadas.

A alegria e o riso não só conservam a saude, também curam molestias do corpo e da alma. Tissot, no seu tratado sobre as *Doenças nervosas*, ensina que a cura de certas asthenias e de certas molestias escrophulosas de crianças faz-se por meio do riso. "Mais de uma vez, escreveu elle, empreguei com optimos resultados o riso, excitado pelas coegas, em crianças fracas, pallidas e languidas, para as quaes eu receiara o rachitismo, e considero este recurso bem empregado, como infinitamente mais efficaez em muitos casos, do que todos os remedios."

Conta Olavo Bilac, numa conferencia sobre o *Riso*, "casos de pessoas engasgadas com uma espinha, em que as coegas, provocando um frouxo de riso, são mais efficazes do que as sondas e pinças esophagianas." Relata ainda o mesmo conferencista o caso de Erasmo, o autor do *Elogio da Doudice*, que "certa vez, torturado por um abcesso maligno, começou a ler, para se consolar, as *Epistolaes obscurorum visorum*, escriptas no latim barbaro dos theologos escolasticos, e em certo ponto da leitura rio tanto da incongruencia do estylo que o abcesso reventou por si mesmo.

Além desses beneficios, acarreta a alegria o de tornar bemquisto em sociedade aquella que a possui no seu coração e prodigamente a espalha em torno de si.

Os homens alegres são preciosidades estimadissimas nos salões. Nas estações de aguas, nos clubs, na praia elegante, em toda a parte onde se reúne gente desoccupada e que procura se divertir, vale mais do que um rei o *boute-n-train*, o individuo que nunca perde o "resort", como um certo personagem de Mibeau nos *vingt et un jours d'un neurasthenique*, inventor inesgotavel e incansavel de divertimentos; — e se este não existe procura-se, ao menos, o companheiro *bom-enfant*, sempre disposto a applaudir e executar todas as propostas — senão mesmo o *homem que conta medoctas*...

Nos casos amorosos, também, a alegria é um recurso precizo, ao que parece. Não me lembro em qual de seus livros Bourget affirmou de uma feita que "as mulheres se deixam facilmente impressionar por um homem de aspecto melancolico, mas só se deixam prender pelo que as diverte e distrahe..." Aliás, essa alegria que serve aos Don Juans para prearem as mulheres em suas arditosas esparrelas, serve também a elles de consolo quando ellas se lembram de mostrar que os laços que as prendem não são nós cégos. O Principe de Ligne já dissera com a sua profundidade de espirito habitual: — "La cour vous a oublié, chantez! Une jolie femme vous quitte pour un de vos amis, chantez! Demain vous aurez la sième N, sans doute le petit plaisir, par surcroit, de voir qu'il ne sait pas qu'il faut chanter..."

Essa era provavelmente, a philosophia de Horacio, o suave epicurista latino. Lera-o, porventura, aquella Doge de Veneza que, consolando Brabantio dos seus infortunios, (Shakespeare, *Othello*, acto I, scena III), ensinava-lhe: —

"Quando não pudermos retêr o que a Fortuna determinou de tirar-nos, precisamos supportar pacientemente o prejuizo, e mesmo rir delle. O roubado que ri rouba alguma coisa ao rapineiro; ao passo que rouba-se a si mesmo quem se deixa dominar por um inutil desespero."

E' verdade que Brabantio não deixa de duvidar se o Doge permanecerá tão sereno e alegre se taes infortunios o fizessem pessoalmente; e Machado de Assis, aguçando uma já afiada maxima de La Rochefoucauld, observou que toda a gente "supporta com paciencia a colera do proximo."

Isto, porém, não inquina a veracidade da theoria, e continua certo que, ainda mais proveitoso do que saber supportar as dores e infortunios alheios é saber com serenidade, com sobranceira e com intimo sorriso até supportar todos os pequenos males que de continuo nos assaltam. E' assim que rir por occasiões das pequenas desgraças que nos affligem é o melhor meio de dominar-as, domitrouxeram e que desejavam, talvez com isso tornar-nos batidos e tristes.

De onde se concluirá que a alegria é a melhor e mais leve couraça que a Sphedoria deu ao homem para aparar os golpes do Destino.

# OS DESLUMBRAMENTOS DE PERO VAZ

A chronica de Pero Vaz de Caminha é o primeiro documento official á vaidade graciosa da nossa belleza.

Precedam-na, embora, outras revelações. ella é a grande significadora da magia tropical.

Relegada ao nivel inferior das majestades simplesmente historicas, opprimida pela narrativa dos detalhes, eu prezo, com amor, com sua candida humildade, a missiva destinada ao soberano lisboeta pelo escrivão itinerante.

Este homem tinha um destino, um sabio destino.

Por entre as incertezas das longas viagens, capitães apressados e affeitos procuravam mundos, procuravam terras virgens. O tumulto das ambições augmentava os perigos e encurtava as distancias.

A fortuna dos mareantes era uma permanente afflicção no distender das rotinas pela vaga noção dos horizontes.

O gesto de Pero Vaz registrava apenas sorpresas ás maravilhas que lhe vinham aos olhos; suave e voluptuosa contemplação a desse chronista felizardo que, opposto ao pensamento dos homens sedentes que trabalhavam nos calculos pelo conseguir do roteiro continental, ia apenas catando de um lado e de outro lado a nostalgia e a subtileza ao preparo da chronica formosa da viagem.

No torvelinho dos marinheiros dextros e dos seismographos illustres que o monarcha venturoso collocara numa galera aos ventos propiciadores de sua Corôa, a figura desse intellectual é uma allegoria sympathica ao pensamento contemporaneo.

Imagine-se o contraste entre os olhos anciosos que se alongavam indefinidamente das altas popas, á procura das ilhas verdes que a sabedoria de Platão adivinhara no *Timeu e Critias* e a visualidade de Socrates revelou num instante de bom humor, e os olhos silenciosos do Escrivão, que se deixavam fixar nas proximidades da caravella, para transmittir mais de perto á futura memoria a emoção das cousas circumdantes.

Esse officio de chronista, diga-se, ficava-lhe maravilhosamente.

Pero Vaz dá-me a impressão de haver prolongado com habilidade e doçura o mestér dos avoengos, não desses capellãos illustres que prestaram a D. Affonso Henriques o duplo serviço de preparar-lhe os nichos e preparar-lhe a historia; não, tampouco, dos controversos cenobitas nem dos outros priores claustraes de Santa Cruz; mas daquelles aristocraticos senhores que olhavam as cousas com um certo deslumbramento, acariando os apographos com a nobreza dos palatinos.

Fazer o noticiario dessa rota importava em missão assaz delicada quanto encaminhar as náos pelo trajecto soprado na camara real.

E eu vejo, lendo essas paginas graciosas que nos deixou o escrivão da feitotria de Calecut, que havia no seu espirito qualquer cousa travessa de agil noticiario, no modo de entender e de louvar as paisagens e na

maneira espontanea de agradecer com o filete de sua ironia entre classica e gentil.

Pero Vaz é uma fortuna apreciavel na historia do nosso optimismo. Foi esse vasalo intelligente, "homem de boas lettras", emotivo e delicado, capaz de uma fantasia alada, o primeiro a sentir e a transmittir para o idioma de sua gente, com graça e colorido, as illuminuras da Terra semi-virgem.

A belleza dos nossos quadros, a esplendida floração primaveril que delles se destaca é talvez o unico beneficio que o espirito nativista considera e não consente ver menospreçado.

Por elle sacrificam-se alegremente, com um sorriso, todas as outras cousas.

E' uma das mais bellas e fortes illusões da nossa infancia.

A criança brasileira tem uma evidente superioridade na sua fé. A primeira idade é illuminada sempre por um raio de sol. Tem a consciencia da grandeza de seu paiz. O atavismo incutic-lhe no espirito uma affectuosa mocidade e uma ephemera alegria. E' esvoagante e é feliz. Acredita por idealismo e pensa por imagens.

A unica offensa que o nosso ingenuo patriotismo não admitta é o epigramma desairoso á grande Natureza deslumbradora.

Ficamos silenciosos quando nos causticamos os desastres da organização historica e social; impassiveis quando a critica vergasta as mais veneraveis instituções; e alegramo-nos apenas nos falle a maravilha dos olhos contemplativos e profundos.

Pero Vaz é um dos creadores dessa obra.

A sua missiva a El-Rey é uma pagina litteraria que me não ficou apenas na primeira leitura. Lendo-a, tem-se a impressão de como os documentos bellos natam os documentos civicos.

Qualquer desses famosos *globe-troters* elegantes ou eruditos que traduzem para a nossa vaidade umas fugidias impressões sobre a realza barbara do sólo, não têm a originalidade mater dos ensinamentos allegoricos de Caminha.

A Natureza, por mais bella, é feminina e é ruda.

A grande alma das cousas para fallar exige companhia demorada.

Todos esses elogios com que a rapida visita dos itinerantes abre o vellario das exterioridades, podem peccar.

Os homens scepticos podem sorrir...

Diante do testemunho de Pero Vaz, sente-se uma ideologia mais grave. Esse contemporaneo do grande seculo, debruçado lithurgicamente ao peitoril de ensinada galera, é um consolo á indole maravilhosa de todos nós.

Elle madrugava contemplando a plastica sinuosa das margens.

O saudoso pittoresco, revelado no tracejo do famoso pergaminho enviado ao dynasta venturoso, tem uma alta significação neste momento.

Seculos choveram sobre a obra pictural da Providencia. A mão do homem bordou o

labirinto das montanhas, dos corregos, dos grandes rios...

Edificaram-se bellas cidades ao influxo das claridades do occidente.

A Natureza é que parece ter ficado no que era, docemente hostile.

E é quando labios alheios se entreabrem ao murmuro de referencias á formosura da paisagem, que eu sorprendendo, rondando a alcatifa que servia de estrado ás botas de Pedro Alvares, a figura de Pero Vaz, observadora e attenta, architectando o galanteio para escrever a El-Rey que uma das nossas jovens ancestraes, não gentilica da radiosa graça moderna, "era tão bem feita e tão redonda, e sua vergonha, que ella não tinha, tam grandiosa, que a muitas mulheres de nossa terra (delle) vendo-lhe taes feições fizera vergonha, por não terem a sua como ella".

Pero Vaz foi o nosso primeiro grande enamorado.

Elle amou com uma galante maneira todos os primitivos quadros diante dos quaes o espelho da velha civilização continental é apenas uma reliquia illustre.

Quando as vistas estreitas da marinhagem, julgavam ter descoberto sómente uma ilha jogada por Deus sobre o Atlantico, já o sabio escrivão affirmava, olhando a Terra "por cima toda chan e muito cheia de grandes arvoredos de ponta em ponta", uma dimensão prophetica.

Havia nelle uma poderosa alegria physica a inspiral-o.

Essa alegria trahe o milagre que transformou o deslumbramento mercenario do aventureiro, na dourada ficção do dealismo.

A consciencia mal — desperta procurava integrar o entusiasmo do homem na hostilidade da Natureza.

E é por isso, que Pero Vaz, atvinhando talvez um futuro excelso, procurou tornar-se um precursor de optimismos.

O encanto brasileiro pôde não ser essa realidade tão palpitante; mas é, em duvida um grande bem a attenuar o scepticismo da gente que não sabe sorrir...

No rythmo da eterna poesia á agua das fontes e da agua dos riachos, eu sinto a palavra notavel que me disse que a nossa terra seria formosa, numa propheca distante.

Quem não haverá de achar linda toda essa exaltação contemporanea?

Pena é que no tumulto das grande vozes que se erguem para festejar o mysticismo physico da louvada joia meridional, o seu primeiro revelador, o bondoso misivista que nos deu a primeira grande illusão nacional esquecido como um anonymo, no tem a homenagem de uma palma, elle que repudiou a inquietação dos primitivos amose a vaidade das primitivas rosas, deifran o mysterio de uma nova belleza, essa pr com que revelar, a maravilha:

"Es... Senhor..."

# O NOVO GOVERNO E SUAS PERSPECTIVAS

Quando ia mais intensa a campanha presidencial, fizemos ver que não nos interessava na luta que se travava com imprevista violencia em torno dos dous candidatos senão as idéas e principios pelos quaes nos batemos, e em cuja vanguarda está o lemma revisionista. Ademais o programma nacional não se póde circumscrever a um quadriennio, mas ser obra collectiva de um partido, ou mesmo de mais de um partido, mas organizados em torno de programmas definidos e práticos. Essa ausencia de partidos, é que torna precaria a promessa de todo governo novo, porque, na posse do poder, fica sem garantia para executá-la, ou mesmo sem fiscalização politica efficiente. Entre nós, o perigo máximo está nessas maiorias inconscientes do Congresso, que annullam completamente o Poder Legislativo, tornando o regime uma dictadura do Executivo, mais ou menos violenta e irresponsavel. Na Republica temos vivido sujeitos ao criterio pessoal do presidente; ao seu temperamento; aos seus nervos, ao seu aprazimento unico e exclusivo. Portanto, num regime tão pessoal, ninguem poderia, com as melhores intensões, executar fielmente promessas, feitas, aliás, sobre os bordados de um lyismo exaltado e romantico. A pratica é outra coisa. O caso do Presidente Epitacio Pessoa, que condemnou, em linguagem vehemente e nervosa, as emissões e os empréstimos, e depois emittiu e contractou empréstimos como os que tinha empregado, é de hontem, para nos dispensar insistir no assumpto. O Governo, no Brasil, resulta da fusão das contingencias nacionaes, com o coeeficiente pessoal do chefe da nação. Tudo mais é phantasia, é doutrina, é apparencia. Portanto, se assim o fizemos, enquanto não fôr possível remediar, o melhor é tentarmos uma adaptação intelligente a esse estado de coisas. Devemos, pois, tornar os movimentos de opinião bastante fortes para que impressionem os presidentes e os escareçam, quando houver desencontro de vista, o que não é afinal muito raro.

Tudo isso vem a proposito da situação geral do paiz, no momento, de uma gravidade incontestavel, pois as forças propulsoras de sua economia estão exgotadas, por um desperdicio de energias sem precedentes. Gastámos mais do que podíamos e muito mais do que devíamos; confiámos demasiadamente no potencial de nossa riqueza e gravámos as rendas publicas, endividando-nos sob condições onerosas e algumas vezes vexatorias; recorreremos por duas vezes a moratorias e ha fundados receios de que, em 1927, não se consiga retomar o serviço da divida externa, o que, esperamos em Deus, não aconteça, para maior vergonha nossa. Por outro lado, as necessidades de toda ordem exigem solução prompta: os serviços da defesa nacional, da hygiene, da agricultura, do aparelhamento bancario, da instrução, da viação ferrea, e emfim as multiplas fontes de actividade do paiz

necessitam da assistencia do governo, sem forças para impulsionar o mecanismo do Estado, num paiz em que é tao limitada a iniciativa privada. Temos um caso terrivel de desequilibrio. Em face de situação financeira grave e ja com poucas soluções, das quaes nenhuma imediata, o progresso exige que não se entrave seu desenvolvimento, do contrario retardaremos a marcha do paiz e comprometteremos seus destinos no mundo, apoucando-lhe o futuro. Esse é o dilemma que se propõe ao governo e, sinceramente, convenhamos em que tem muito da pergunta tremenda da esphinge de Thebas. Só uma politica de alta visão e de um grande dynamismo conseguiria resolver o problema, que não está nas dinanças, nem na economia, nem na instrução, nem nos campos, nem em parte alguma isolada, mas em toda parte, na synthese dos valores nacionaes, que precisam de um impulso harmonioso e não de arcaas e isoladas tentativas. De novo voltamos ao nosso ponto de vista inicial — não se trata da obra de um governo, mas de toda a nação, guiada por governos fortes e energicos, na consecução de um ideal superior. O que parece de todo indiscutivel é que é tempo de iniciar esse esforço formidavel e cujas exigencias não sabemos a que sacrificios nos podem levar. Portanto, devemos nos preparar para todas as lutas e todos os perigos.

Temos lido com a maxima attenção e o mais franco optimismo as declarações do actual Governo, a quem cabe o dever de iniciar essa ordem de coisas, sem o que estaremos á beira de uma crise tremenda, capaz de affectar os fundamentos da propria nacionalidade, o que não parece exagero, dadas as proprias condições com que o mesmo debuxa a actual situação do Brasil. Dessa leitura cuidadosa, só podemos tirar duas conclusões: o Governo conhece a gravidade excepcional do momento e sinceramente a proclama, sem subterfugios nem esquivações, segundo: o Governo teme a situação que enfrenta e ainda não sabe como ha-de se conduzir. A consciencia do perigo, nos governos novos, é coisa altamente apreciavel, porque, em geral, elles se acreditam omnipotentes no Brasil. O seu temor, expresso na reserva havida em suas promessas, quando promete, vem sendo outra coisa igualmente facil entre nós, é ainda indice favoravel até certo ponto, embora desfavoravel em outros. É favoravel, porque significa que deve haver um certo estudo por parte da administração, de seu programma, o balancear das disponibilidades em haver e dos reclamos a attender; é desfavoravel, porque parece que falta ao governo aquella visão rapida e concisa que caracteriza os verdadeiros estadistas. Estamos, por consequencia, em periodo de expectativa, em que seria perigoso fazer previsões.

O desequilibrio orçamentario, com deficits formidaveis, o crescimento da divida publica, que attinge a mais de 8 mi-

lhões de contos, considerando incluída a massa de papel-moeda, que não passa de credito contra o Thesouro, as responsabilidades do erario publico com os inativos, reformados e pensionistas, o peso immenso do funcionalismo publico, as obras sumptuarias, as rendas mal arrecadadas ou fraudadas, o máo emprego dos dinheiros publicos, tudo isso constitue assumpto immediato para a acção governamental, enquanto tem que attender ás forças vivas do paiz que precisam da assistencia do governo, para se desenvolverem e não ficarem atrophiasdas. Não só a hygiene publica, sobretudo a rural, a agricultura, a mineração, sobretudo do carvão e do ferro com os problemas correlatos da siderurgia, a industria, o aparelhamento defensivo do paiz, etc., etc., estão a solicitar a attenção do Estado, como as questões politicas e juridicas, quaes o codigo commercial, o codigo processual, o codigo penal, a unidade do processo, as questões vitales da instrução primaria, da organização bancaria, das seccas, da viação ferrea, da revisão de tarifas, e muitas e muitas outras. Como dissemos, é mister que o programma do Governo actual tenha a necessaria elasticidade para enfeixar todos esses assumptos, findando com a politica funesta do particularismo, a cuja sombra temos vivido. Cada Governo se occupa com alguns problemas e se desinteressa pelos outros. Dahi essa falta de unidade na administração, esse excesso de perfeição em certos ramos da nossa actividade e o descaso pelos outros, esse constante desequilibrio de forças, que redundam no desperdicio de energias, o mal maior a um paiz moço. Por isso, parece-nos que só um largo programma de dynamismo politico, executado com energia e serenidade, poderia resolver a crise que nos ameaça. Esperemos que o Governo actual inicie essa obra salvadora e dahi a anciedade com que aguardamos sua acção, ainda não manifestada de modo a nos permittir um juizo seguro.



# OS ITALIANOS NO BRASIL

Não ha muito que juntar á contradicção unanime, perfeitamente documentada pelo Ministerio da Agricultura, feita ás declarações do General Eurico Caviglia, referente á situação dos italianos no Brasil, que o illustre cabo de guerra, em cotejo com a Argentina e o Chile, disse inferior, recommendando, portanto, desviar para esses paizes as correntes emigratorias que vêm para o nosso territorio.

O General italiano, na sua rapida e brilhante passagem entre nós, onde foi cumulado de todas as homenagens, não só pela colonia italiana fremente pela gloria do heroe de Vitorio Veneto, pelos poderes publicos brasileiros, pela imprensa, pela opinião publica, em summa, atravez de seus órgãos mais conspicuos, o General Caviglia, diziamos, não teve, por certo, muito tempo para analysar da situação do immigrante italiano, uma vez que queremos attribuir ás suas declarações a maxima boa fé. Não poude, certamente, visitar as colonias italianas do sul do paiz, especialmente de São Paulo; não poude syndicar de sua prosperidade; não poude observar, com um quadro estatistico nas mãos o gráo de prosperidade economica de seus compatriotas; e, não podendo verificar em pessoa a vida da colonia italiana no Brasil, deixou-se levar por algumas informações que lhe foram prestadas. E' de erer que o grande General, mais habituado ás syntheses militares, onde a lealdade é a base suprema, nem suspeite da malicia subtil da diplomacia. E, dest'arte, não se preveniu contra os máos informantes. Para seu mal (mais seu do que nosso) cahiu o bravo soldado em mãos capciosas de qualquer individuo de pouco escrupulo, que lhe falseou a verdade, torcendo os factos e invertendo as coisas.

Innocente talvez da falsidade que o enlejava, o General Caviglia endossou tudo quanto lhe foi dito, repetindo-o numa conferencia publica em Roma, em que a magestade do Rei da Italia dava o mais augusto caracter. Pois bem, as formaes declarações do General Caviglia, que o Sr. Ministro da Agricultura acredita, bem como nós, serem o fruto de facil credulidade em informações capciosas, podem ser pulverizadas com os dados que passamos a trascrever, na sua eloquencia insophismavel. Pelo ultimo rescenseamento de 1920, verifica-se que, depois dos brasileiros, os italianos são os maiores proprietarios ruraes do paiz. Assim, confrontando-se o valor de immoveis com a extensão do territorio agricola, temos que as explorações pertencentes aos italianos attingem, em média o valor de 170\$ por hectare, muito superior ao de 60\$ por hectare, preço médio das explorações agri-

colas do Brasil, inclusive as bemfeitorias, os machinismos e os instrumentos agra-rios: baixando o valor médio a cerca de 57\$ nas explorações pertencentes a brasileiros. Das 80.921 propriedades agricolas recenseadas no territorio paulista, 22.065 ou mais de 27 % são de estrangeiros, individualmente considerados, correspondendo-lhes uma aréa superior a 1.900.000 hectares, ou cerca de 14 % da aréa total recenseada no valor de mais de 500.000:000\$, ou 17 % do valor total. Em São Paulo, possuem os italianos 11.825 estabelecimentos ou mais de 50 % dos que possuem as demais colonias estrangeiras, pertencendo aos portuguezes apenas 3.873 fazendas, ou cerca de 20 %. Em relação á área agricola, os italianos têm 47, 8%, enquanto os portuguezes não possuem mais de 22,8 %. No tocante ao valor, a percentagem dos italianos é de 51,2 % e de 24,1 % a dos portuguezes. Igual primazia cabe á colonia italiana localizada no Rio Grande do Sul, pois possui mais de metade da propriedade rural pertencente a estrangeiros, pois estas são em numero de 25.485, e os italianos são proprietarios de 13.810, ou seja 54 %. A extensão de suas fazendas é de 737.368 hectares, ou 35 % da área das demais propriedades estrangeiras. Quanto ao valor, de cerca de 101.620:764\$, corresponde a 38 % do valor total das propriedades estrangeiras no Estado. No Estado de Minas Geraes, é ainda privilegiada a posição dos italianos com 2.193 fazendas, com o valor de 35.800:000\$, e, embora os portuguezes possuam nesse Estado maior área de territorio agricola, 27 % a mais do que os italianos o valor médio do hectare nas explorações ruraes dos italianos é de cerca de 48 % o maior do que nas explorações portuguezas. Emfim para se avaliar da situação dos italianos no Brasil, basta dizer que são, depois de nós, brasileiros, os maiores proprietarios de estabelecimentos agricolas no paiz, seguidos pelos portuguezes, allemães, hespanhoes, russos, austriacos, uruguayos, turcos, suissos, francezes, argentinos, paraguayos, húngaros, suecos, inglezes, hollandezes, norte-americanos, belgas, dinamarquezes, noruegueses, venezuelanos, chinezes e bolivianos.

Não só na agricultura mas tambem na industria a prosperidade da colonia italiana entre nós, sobretudo em S. Paulo, demonstra claramente a improcedencia das arguições do Embaixador Especial da Italia, pois os grandes industriaes de hoje vieram todos da obscuridade, tendo se feito no nosso paiz, a custa de uma indiscutivel operosidade mas á sombra de nosso meio propicio e favoravel. Na industria de tecidos de algodão, por exem-

plo, das 41 fabricas paulistas e que alcançam ao todo o capital de 81.455.421\$, sete, e das mais importantes, são italianas, com 1/4 do capital, total, ou seja o de 21.039:629\$000. A *Companhia Mecanica e Importadora*, do Conde Siciliano, o *Cotonificio Rodolpho Crespi*, do Comendador Rodolpho Crespi, as *Industrias Reunidas F. Matarazzo*, do grupo Matarazzo, são exemplos frisantes e significativos do que representam, no Brasil, o capital, o esforço e o trabalho dos italianos. Mas, tanta prosperidade e tanta pujança não seriam possiveis se, o nosso paiz, á maneira pintada pelo General Caviglia, não prestasse ao immigrante e ao colono estrangeiros a assistencia, o desvelo e a protecção com que, realmente, os cerca. Basta dizer que, enquanto um brasileiro encontraria dificuldade em obter um pouco de terreno para cultivar, o colono estrangeiro o tem garantido em magnificas condições.

Parece, pois, que não é mister mais nem mais radical refutação e a eloquencia incisiva dos algarismos dispensa outros commentarios. Estamos certos que o General Caviglia foi victima de algum impostor que abusou de seu alto espirito, mas pouco versado em assumpto que taes. Porque se um povo que immigra consegue se tornar o maior proprietario do paiz que buscou, depois dos nacionaes, se isso não representa vantagem compensadora, positivamente não entendemos do assumpto. Nem nós, nem o General Caviglia.





# PASQUINO REMENDÃO

"... e Pasquino remendão, escravo da mentira, da inveja ou do alcool, exulta nas columnas mosqueadas de torpezas de seus jornaes".

CELSO VIEIRA.

Nesta heroica cidade dos Sás, existe um escriba sem cultura nem polidez, sem credito nem decencia, que, dispondo das columnas de importante orgão de nossa imprensa, se entrega ao triste officio de ejacular asnidades, sordicias e ineptias sobre autores de livros que são enviados a esse jornal.

Insolente, grosseirão, nullo, mais ou menos imbecil, coberto de mazellus de toda a especie, o seu louvor, corouando os mediocres, como o seu insulto, tentando apoucar os homens de talento, reflecte a inalteravel mesquinhez de um espirito cuja característica afinal não está em mostrar-se bronco, mas em ser perverso. Este folliculario sem letras e sem vergonha, gandaeiro da lazeira carioca, agitando-se entre a diffamação e a mentira, pervertendo e explorando a opinião publica, seria um belfurineiro absolutamente desprezível, e inoffensivo, se não fosse veridica expressão da nossa época e do nosso meio social inculto e despolido, com a sua literatura incolor, sem faisca de ideal, amorpha, pueril ou caduca, feita de todos os elementos oppositos á cultura e contrarios ao espirito metaphysico da nossa minoria intellectual. Dahi o exito desse remendão vaidoso e inutil, improvisado em critico literario, toda vez que apedreja, invectiva ou injuria a obra daquelles que tentam traduzir os symbolos ou os aspectos da nossa idealidade e revelar os nossos superiores propositos politicos. Nos seus purulentos escriptos, em que o asneirão bravateia e cambalea, resvalando até á ignominia, embora o arrieiro solerte ostente as palmas academicas, usurpadas mediante os processos artificiosos das comborças e dos alcaíotes, a honra, o saber e a arte, nas suas mais nobres manifestações, como o patriotismo, e até a piedade e a morte, são ultrajados por esse michelo sordido, enfermo e abjecto, em risos hediondos e em esgares simiescos. Venerará, respeitará ou estimará o parvoeirão, por ventura, a nobre arte de Machado de Assis, a obra gigantesca de Ruy Barbosa ou de

Euclides da Cunha, o labor proficuo e probo de Rocha Pombo, a poesia luminosa de Alberto de Oliveira, a esthetica e o symbolismo das creações de Graça Aranha, o fascinante humanismo de Celso Vieira, o peregrino talento de Alberto Rangel e de tantos outros opulentadores do nosso patrimonio intellectual? Não. Systematicamente e delirantemente, com o desplante de sua ignorancia impenitente, o parvajola, que é o maior "raté" na profissão das letras no Brasil, o salaz Anacreonte que poetou amores despudorados e plebeus num livro pulha, o aristarcho pifio e petulante, escarnece os nossos mestres, vilipendia as nossas glorias, denigre as idéas dos nossos pensadores e as concepções dos nossos sociologos, deshonra as pugnas literarias, e amesquinha os mais formosos sonhos de energia ou de arte. Os seus idolos são couceantes, deleterios ou obscenos.

Numa pagina que é prima em toda a sua producção, falou-nos um dia Celso Vieira da postura dos nescios, sucios e debeis de espirito deante da belleza, da verdade e da justiça, tendo encontrado na nossa lingua tão opulenta e colorida um vocabulo expressivo para designar o riso que, no Brasil, degenera em gargalhada descomposta e bestial — rinchavelhada. O lapidario de "Endymião" mostrou como os relinchadores motejam dos valores intellectuaes, artisticos e moraes universalmente reconhecidos, transformando, por exemplo, a Victoria de Samothracia em "Victoria de Sapucaia" ou a Venus de Milo em "Venus de Milho", e "como Pasquino remendão, escravo da mentira, da inveja ou do alcool, exulta nas columnas mosqueadas de torpezas de seus jornaes". Dizia mais o admiravel escriptor "que se pudesse apresentar-lhes um dia o "Doryphoro" de Polycleto, assignalando a regra mathematica e a pureza esthetica das linhas, o gargalhador, olhos vãos e turvos, pinoteando, couceando, ante o prodigio da estatuaria grega, rinchavelharia, gritando: "Polycleto foi um burro"! Ora, no pellitrapo literario a que nos referimos, e que é ainda insultador de nações e falsificador da historia, reconhecemos a sua procedencia intellectual. Não vem, positivamente, do idealismo transcendente dos Taines, dos Carlyles e dos Carduecis, mas

descende da mais vil escoria de gazeleiros, que enxameiam na penumbra das vielas escusas da nossa metropole literaria. Nascido de uma raça abominavel, vivendo e medrando no lodo, na literatura do catilinario, feita só de tinta, papel e perversidade, e no seu linguajar tropego de bebedice, rude, ignorro e chocarreiro, em que lixo, mentira e injuria se identificam, surge, sem artificios, o homunculo rastejante, adulão, burlesco, risivel, contradictorio, obtuso, cloacino, rinchavelhando na mesma concordancia generica em que insulta maiores e menores, senhores e senhoras.

Ainda agora, farejando um escandalo e mettendo o focinho num monturo, exhibiu-se em publico o sarrafaçal a cuspir sobre nós, sobre esta revista honesta e patriotica, vilezas e immundicies. De certo, o cevandija, que tanto esbravejou, irritado, congesto, nas pontas dos pés, pensou que o chamariamos a juizo, como aos demais que nos lançaram a tórpe accusação de provocadores de guerra. Não era possivel tratar com seriedade creatura tão pequena. Seria inutil, e até inhumano, processar um irresponsavel, a cujo favor milita conhecida dirimente do nosso Codigo Penal. Deixámos quieto o sacripante, atirado ás moscas, no seu alcouce de mediocridade ephemera, obscura, innocua. Misero e mesquinho, póde o enxovedo continuar asneando, envelhecendo e mofando na relissima e putredinea prosa de seu registro literario. Na sua extrema degenerescencia, cada vez mais accentuada pelo seu aspecto repugnante e pela progressiva exasperação de seus nervos desequilibrados, o energumeno só se accomoda cuspilhando desafóros, injurias e parvoices, porque esse dessorar de podridões, em que emmagrece, gasla e se consomme, é alivio para a existencia venenosa. Triste bigorrilha, em cujo envoltorio debil, derreado e asqueroso, se conjugaram, para escarneio da vida, a materia de Asinus e o bafejo de Crepitus!

Que o mundo se apiede do degenerado, pruido de gafa, oscillando, no seu delirio e no seu furor diffamatorio, entre o hospital e o manicomio; mas evitemos, prophylacticamente, o contacto com o jogral insidioso, insultador, perverso.

Elyσιο de Carvalho.

# PHILÉAS LEBESGUE

A justiça, em particular na republica das letras, é tão rara, tão atrasada, que quando por ventura se manifesta é recebida com extraordinaria surpresa. Acontece, porém, — (talvez para nos dar melhor opinião da vida e dos homens,) — que esta deusa venha se mostrar aos nossos olhos admirados, lembrando-nos que ainda não desapareceu de todo.

E' o que acaba de ocorrer em França.

Os admiradores de Philéas Lebesgue, movidos por um alto e nobre sentimento de justiça, reuniram-se em vista de homenagear este notavel escriptor, publicando em um volume uma selecção das suas melhores paginas. Este bello e espontaneo movimento reveste-se de maior valor ainda, tratando-se do honem modestissimo que é Lebesgue. Esta homenagem não foi solicitada, nem ostensivamente desejada; não foi, como tantas vezes acontece, indicada pelo homenageado em constantes insinuações e persistente reclamismo. Lebesgue como Cyrano, prefere, á trabalhar pela publicidade de um livro seu, escrever um outro.

Na pequena aldeia de la Neuville Vault, na planicie onde se findam a Normandia e a Picardia, elle vive a rude vida dos lavradores, arrancando da terra a sua subsistencia. Assim passou-se a sua honesta e laboriosa vida, e hoje, no limiar da velhice, eil-o alcade da aldeia. — singela homenagem dos seus singelos concidadãos.

A vida intellectual de Philéas Lebesgue começa á noite. Quando todo o serviço da sua granja está acabado, á hora em que todos procuram o repouso, elle accende a lampada, e á sua luz, vae pelo vasto mundo... E' assim que elle explorou quasi todos os dominios da actividade litteraria, colhendo por toda parte e juntando com extraordinaria tenacidade e uma rara força de synthese, as flores maravilhosas de uma cultura, como não ha hoje uma igual em França. Não é sómente a energia de lutar diariamente contra as solicitações do corpo fatigado que é admiravel, é tambem, e sobretudo, a força mental de accumular tantos e tão variados conhecimentos.

Pela sua disciplina mental, pelo rigido methodo da sua vontade, pela economia do seu tempo severamente distribuido, Philéas Lebesgue, embora afastado de Paris, das suas bibliothecas e do seu meio culto, é hoje o mais illustre, o unico successor do prodigioso erudito que foi Remy de Gourmont.

A sua sede de conhecer não tem limites e a sua extraordinaria actividade fel-o estudar varias linguas, ao ponto de saber escrevel-as perfeitamente, sendo que não ha talvez nenhuma que elle não tenha examinado, analysando-lhe a synthaxe, a constituição peculiar e o genio proprio.

Polyglotta, elle quiz condensar, em uma obra unica, a sua philosophia das linguas. E deu-nos o seu originalissimo e magistral *Au-dela des grammaires*, que seguiu o curioso *Pélerinage á Babel*, em que elle patenteiou a sua profunda cultura philologica.

Uma bella safra de obras diversas mostra os variadissimos aspectos de um talento singular e um temperamento de élite.

*Aux fenêtres de France* são formosas paginas de um estheta, *Le Roman de Ganelon* um excellente trabalho de folklorista, o *Lais de Marie de France* e o *Raoul de Houdenc*, doutas edições criticas.

Os generos chamados da imaginação tentaram á sua vez Philéas Lebesgue, que se nos apparece igualmente digno de menção na poesia, (*Les Servitudes*), na prosa, (*Les charbons du foyer*), e no theatro, com diversos dramas, inspirados nos mysterios e dramas populares da tradição medieval, (principalmente o seu vigoroso *grand Ferré*).

Mas Philéas Lebesgue não limita a sua actividade polygraphica nos numerosos livros que já lhe devemos. Critico esclarecido e subtil, elle tem publicado uma infinidade de artigos em diversas revistas, como o *Monde Nouveau* e sobretudo o *Mercure de France*, em que, com pseudonymos diferentes, vem estudando o movimento das idéas na Argentina, na Grecia, na Servia, em Portugal e no Brasil.

E Philéas Lebesgue produziu este immenso trabalho sem ostentação, sem ruidosa exhibição, considerando-o apenas uma recompensa ás suas fadigas quotidianas. Descendente desses celtas de olhos azues que elle tão profundamente, tão finamente conhece, toda a sua vida foi de modesto e quasi que acanhado esforço. Ha nesta calma existencia de artezão medieval, uma nobreza, uma grandeza e uma elegancia intellectual sem iguaes.

Nada do litterato, do homem de letras seculo XX, apenas a affirmação de uma rara probidade litteraria.

Parecia, para os raros amigos com quem se encontrava nas suas escassas visitas a Pariz, que com a sua modestia, sua humildade tão fóra de moda na nossa época, jámais o nome de Philéas Lebesgue sahiria do campo restricto dos estudiosos.

Mas o destino humano, quasi sempre tão injusto para com o verdadeiro merito e o puro talento, quiz desta vez mostrar que pôde acontecer tambem ser reconhecido o valor.

Pouco a pouco, com a lenta marcha dos annos, Philéas Lebesgue ficou sendo um nome conhecido e justamente admirado. O seu publico cresceu, avolumouse, aggregando outras espheras. E eis que á voz do Sr. Marcel Coulon, que es-

pontaneamente lançou a idéa de uma edição selecta, mil vozes, immediatamente, de todas as regiões da França, de todas as partes do mundo, responderam, unanimes e entusiasticas.

Esta bella e significativa homenagem não virá envaidecer o autor do *Au dela des grammaires*. Commovido e confortado, Philéas Lebesgue continuará a sua laboriosa e gloriosa tarefa. Esperamos ainda muito do seu trabalho, da sua erudição, do seu talento.

Aqui no Brasil, continuaremos acompanhando com interesse e respeito tudo quanto fará, na esperanza de que, sempre nosso amigo, consagrará novos estudos á nossa litteratura, que tão perfeitamente conhece. Depois de *Iracema*, de que deu uma tão intelligente e tão poetica traducção, depois do *Rei Negro*, de Coelho Netto, que publicou ha dois annos sob o tiulo de *Macambira*, alimentamos a esperanza de vê-lo, de sua mão callejada de lavrador, com sua lettrinha tremida, transpôr no bello estylo que lhe é proprio, mais alguma obra brasileira.

Será mais uma divida contrahida pelos intellectuaes brasileiros, divida que bem poderíamos em parte pagar convidando Philéas Lebesgue a vir visitar-nos, como fez Portugal, e fazer-nos ouvir a sua palavra harmoniosa e douta. Digo convidar e não esperar pela boa vontade da França, já tantas vezes manifestada. E' certo que o obscuro signatario destas linhas não tem nem o talento nem a autoridade indispensaveis para alcançar um semelhante fim. Mas a idéa está lançada, talvez outro nome, mais autorizado, se levante para reclamar o que timidamente proponho.

Quem leu a obra de Philéas Lebesgue, erudita, poetica, dominada por um alto sopro philosophico, sabe quem é o escriptor; quem viu o seu claro olhar azul brilhar no rosto bondoso, quem ouviu a sua voz firme e nitida, a sua phrase limpida, pittorescamente apimentada pelo sutaque do Oise, contribuirá, com os seus meios e sua influencia, para uma homenagem que nunca foi mais merecida.

LUIZ ANNIBAL FALCÃO.



# O CAVALLEIRO DE OLIVEIRA

As paginas que adiante transcrevemos são o prefacio á *Recreação Periodica*, do Cavalleiro de Oliveira, escripto por Aquilino Ribeiro, o brilhante autor da *Estrada de Santiago* e outros livros formosos, que o collocaram entre os primeiros escriptores contemporaneos da lingua portugueza. O livro do Cavalleiro de Oliveira, agora lançado no mercado, é obra singular e quasi desconhecida, composta pelo espirito mais livre, faceto e curioso que Portugal produziu no seculo XVIII. Della aproveitou-se Camillo na elaboração de alguns dos seus romances e Oliveira Martins para escrever a *Historia de Portugal* valeu-se dessas paginas de desassombrada verdade historica. O seu autor foi queimado em estatua, no tempo de Pombal, pelo Santo Officio, quando se publicou pela primeira vez a *Recreação Periodica*. A edição que acaba de apparecer em Lisboa, com prefacio de Aquilino Ribeiro, é da Bibliotheca Nacional.

O cavalleiro de Oliveira é o que na ordenança latina se chama um escriptor menor. A' sua arte marcam os vicios da escola setecentista, accrescidos do imperfeito conhecimento que tinha do francez e das taras, corrupções e barbarismos que a longa permanencia no estrangeiro e, quiçá, o desuso do idioma lhe imprimiram na syntaxe portugueza. Elle proprio se penitencia no anteloquio do *Amusement* de compor numa lingua que não é a sua e, algures, numa lingua que esqueceu. Por aberrante paronymia, sem duvida, empregará *lande* por *lendia* e *oublie* por *obreia*; igualmente nos dois idiomas, os solecismos são um jogo que seria trabalhoso mandar para não subverter a construcção. No francez, a abertura de periodo pela oração gerundiva, só em pratica na linguagem judicial; no portuguez, a adulteração pelo galicismo, até no uso das encliticas, constituem as graves enfermidades do seu estylo. Todavia, como o francez era uma lingua na maturidade e o portuguez uma lingua em plena crecencia, maiores estragos padeceu da sua penna o idioma natal que o idioma adoptivo.

Pelo caracter dos escriptos, o cavalleiro está entre os mais nímicos da sua plana. Foi futil como os mais futeis, e borboleteou por todos os assumptos de historia, de moral e de philosophia com o afan e entusiasmo dum encyclopedista. Era, além disso, um homem que tinha algumas ideas de seu e, sobretudo, que sa-

bia muito bem apropriar-se das dos outros. Mas escrevia com uma solencia, uma graça ligeira, quando não ironia, que levaram Gualdino Gomes, esse nababo dos bellos ditos, inimigo de se ver em lettra de fôrma, a chamar-lhe Fradique Mendes *avant la lettre*. Poucos como elle souberam na nossa lingua contar a anedocta e suspirar uma declaração de amor. A anedocta e o amor são, aliás, a sua *vis*. Sem rebusca, com uma espontaneidade que contrasta com a redundancia então em moda, e de que peca por vezes, sabe encontrar o effeito hilare ou facelo, como em negocio de mulheres, gorgeia, trina, deslumbra, como a flauta dum satyro. Devido á misoginia, que o tomou na idade madura, por detraz das lóas e dilhyambos que tece em prol das damas, parece ver-se, fazendo arremedos e esgares, um daquelles saguis domesticos, de visagens chocarreas e deslavadas. A sua prosa é, de resto, sempre bem educada.

Só em materia religiosa, perdeu esta elastica e sorridente arte de escrever. Ahí é direito, cheio de ardor, cheio de fel, golpeando sem rythmo, nem cortezia. O "*Amusement*" superabunda em ataques cerrados, esvurmando rancor, ao Papismo e seus dogmas. O *Discours Pathétique* e as *Reflexões de Felix Corvina Vieyra de Arcos* prelevam menos do proselyto que do pamphletario.

Da sua obra, que seria vasta tomando em linha de conta os muitos ineditos mencionados por Barbosa e Innocencio, as *Cartas Familiares* são o seu livro mais cuidoado e que occupam um lugar de relevo na litteratura portugueza. Nella se podem re-pingar — com um certo discrimine e a indispensavel censura — lances preciosos da sua vida, factos e dilucidacões da época, a par de uma facundia que se comprazia em deslaçar-se em tudo, e seria a opulencia dum *chroniqueur* de hoje. Quando alli se liberta do gongorismo, de que seu espirito guardou mais vezes que sua alma permeavel da superstição antiga, a prosa á louçã, travessa, dum fluencia crystalina de corgozinho de parque. As *Cartas* quedaram num terceiro volume incompleto, apontando Barbosa, como prompts para a impressão, mais seis tomos, até o nono inclusive. Em reforço da *Bibliotheca Lusitana*, anotou Joaquim de Araujo na reedição que fez do *Dis-*

*cours Pathétiques* "Opportunamente exporemos os motivos que fizeram truncar a publicação das *Cartas Familiares*; aqui lão sómento deixamos lembrança da existencia de mais de duzentas cartas *desconhecidas* e que constituem o fecho do 3.º volume e bem assim os volumes 4.º e 5.º. Ver o nosso futuro trabalho acerca de Oliveira."

Antes que luz se faça com a publicação do livro ou borrão de livro de Joaquim de Araujo, seja-nos licito conjecturar que, de certo, não confundia a sequencia das *Cartas* com uma obrinha perdida no *mare-magno* do epistolario e que, á primeira vista, offerece mais dum titulo de reivindicacão á autoria do cavalleiro. E: *Lettres/D'amour/d'une Religieuse/Portugaise/E'crites au/chevalier de C./Officier François en Portugal./Revue, corrigées & augmentées de /plusieurs nouvelles Lettres, & de diffé-rentes Pièces de Poesia./Nouvelle Edition./Tome... A'la Haye,/chez Antoine van Dole/M.DC C.XLII; dois tomos. in 16, com uma gravura, a talho doce, de Coster, no verso do ante-rosto, representando uma freira em acto de escrever.*

Estas cartas não passam, contra toda a espectação, dum glosa liberrima do celebrado escripto da pretendida freira de Beja, Mariana Alcoforado. O texto original encontra-se esmoldo, destrocado na lavra do ampliador, como papoila num campo de centeio. Mais que trabalho de homenagem á enamorada monja commetteu-se alli um alto e clamoroso sacrilegio. Após o epistolario com missivas e respostas, endossado á freira e seu galã, succede-se no livro um jogo de extensa correspondencia de amor, especie de dialectica dos amantes, poesias do Padre Regnier Desmarais e, a paginas 99 do segundo tomo, a seguinte composiçào: *Le Voyage de l'Isle de l'Amour. A' Licidas*.

Ora succede que a *Viagem á Ilha do Amor*: escripta a *Philandro* e dedicada ao *illustrissimo* senhor/Diogo de Mendonça *Côrte-Real*./por/Francisco Xavier de Oliveira Cavalleiro Professo na Ordem de N. S./Jesus Christo./Hnia/M.DCC.XLIV. (segundo a edição Rivard) e assignada: *Vosso Amigo Tyrso. Montanha da Afflicção no dia mais critico do anno de 1739*, e aquella são, linha por linha, á parte a differença de idioma, uma e a mesma

peça. A primeira anonyma e editada em 1742; a segunda, estadeando o nome do cavalleiro e dada a publico em 1744. Aquella sem data, nem registro de factura; esta predatada de tres annos, em referencia á edição franceza, e de cinco á portugueza e com a sua notula local. A darmos credito a estes ultimos dados, Oliveira seria o autor incontestavel da pastoral, e, por ampliação logica, de todo o livro *Lettres d'Amour*. Contra a sua paternidade militam, porém, argumentos de grande monta. Sem fazer finca-pé no indicio denegativo que decorre do simples exame das duas edições, ressaí que a redação original devia ter sido a franceza, segundo toda a verosimilhança, pois os versos nella entretecidos, com inteireza metrica, figuram em prosa, caracteres italicos, no texto portuguez. Teria o cavalleiro composto a fantasia, em primeira mão, na escripta franceza? Podem as poesias haver sido emprestadas a um versejador francez qualquer, não citado? Decerto. Mas por que esta troca de nomes, Licidas com Philandro, embora não levante reparos de maior a onissão de data e de lugar no *Voyage*, pelo facto de vir a lume num feixe de varias composições, e em separada quando na redação portugueza? Tanto *Le Voyage de l'Isle de l'Amour* como as mais partes do livro denotam uma penna impecavel, dir-se-hia "autoctone", no manejo da lingua, a contrastar com o estylo do *Amusement*, debaixo da aggravante, ainda, de este haver sido escripto muitos annos depois, que contam, mediante continuidade, para o aperfeiçoamento, pelo menos grammatical, dum idioma estrangeiro. Sem duvida que a Francisco Xavier podia ter-se deparado um revisor á altura, como do requisitorio do conde

de Tarouca se infere que achara para as primeiras tentativas em lingua não materna. Mas, além de que a redação franceza se nos afigura mais completa, mais consentanea a modelar o pensamento inicial, criador, uma segunda parte de *Voyage*, inserta no mesmo livro, faz fé contra o autor portuguez que se quedou na primeira parte. Para mais, a circumstancia das *Lettres d'Amour* sahirem das officinas de Antoine Van Dole, que nem antes, nem depois, editou o cavalleiro, depõe contra elle.

Certo, pela natureza do livro, a indole do primeiro assumpto versado — a paixão da religiosa de Beja — que occorria de preferencia a homem de letras portuguez que a autor de outra nacionalidade — pela contextura das materias, tão em harmonia com o temperamento que se expande nas *Cartas Familiares*, pela propria trama de *Voyage*, em que, no primeiro lance, quizemos pistar o galante secretario da embaixada de Vienna na via demorada que o levou á posse de Maria Elisabetha ou da altaneira Belisa, o attribuiriamos a Francisco Xavier. Mas em definitiva, sem prolongar mais o jogo de hypotheses e objecções, raciocinando nos primeiros planos, os testemunhos negam-lhe a autorria. E é crença nossa que commetteu um plagio contra anonymo, acobertando-se da possivel incriminação com a ante-data que se lê no fecho da versão portugueza.

Neste particular, o cavalleiro era medioceremente pundonoroso. *Il prenait son bien où il le trouvait*.

O *Amusement* enferma deste acha que inserindo e tra-ladando passagens e capitulos inteiros, sem designação do senhorio. No preambulo, como adiante se verá, elle mesmo se escusa, com não ter presentes muitas vezes os autores consultados,

e ser-lhe impossivel reportar-se ás fontes a que a miude foi beber.

A RECREAÇÃO PERIODICA (*Oeuvres mêlées/ou, Discours/Historiques, Politiques, Moraux/Littéraires, & Critiques/ Publiés dans les mois de Janvier .../ MDCCLI,/Sous le Titre/D'Amusement Périodique./par/Le Chevalier d'Oliveira/Tome......./Londres/MDCCLI*) apparecia mensalmente, sob a forma de boletim. Comprehende-se, portanto, que, á maneira do processo de tesoura praticado hoje nas gazetas, compuzesse uma grande parte copiando, vertendo, adaptando. As enxertias são numerosas e de vulto, não raro. Escripta ao sabor da fantasia, a outra parte, se não mais instructiva, é mais amena. Quando não moraliza, na peugada de La Bruyère, falla de si, dos homens do seu tempo, ridiculos, meritorios ou scelerados, graceja, chora-se, conclama, e ainda encontram eco em nós as suas palavras, proferidas perto ha de dois seculos. Bradando, lá longe, no estrangeiro como num deserto, a sua voz ala-se por vezes do intono ardente dos precursores. Que semeia ao vento, dá-se por quite das suas penas se houver um homem só de boa vontade que o oiça! Estrangeirado, guardou a sua alma portugueza; esta abafou-a a terra de Londres, mas não a entibiou nem corroeou o ceu e meio glacial de Inglaterra. Até o fim manteve uma attitude ou amavel, ou de reptador. A's vezes, passageiramente, reveste-se das cinzas humildes dum penitente. Mas, muitas vezes, ri e o seu riso faz tremer os altares. A *Recreação* é um bello livro de chronicas onde perpassa, aos farrapos, uma vida a que não faltou nada, honras, princezas, fome, fel e lagrimas.

AQUILINO RIBEIRO.



# GREGORIO DE MATTOS

(A PROPOSITO DE SEU TRICENTENARIO)

E' Gregorio de Mattos o mais original, o mais curioso e o mais estranho poeta brasileiro dos tempos coloniaes. Na nossa literatura, tem logar á parte, inconfundivel, mercê das multiplicas feições de seu estro, do seu genio maledico, da sua obra assás copiosa e de sua singularissima personalidade. Pela pujança de sua phantasia e pelos variados dons de expressão, excede cos maiores satyristas portuguezes seus coevos, taes como Dom Thomaz de Noronha, Christovam de Moraes, Serrão de Castro e Diogo Camacho, e, muita vez, emparelha com os espanhões de melhor polpa. Nunca, em lingua portuguesa, poeta algum, antes e depois d'elle, salvante Gil Vicente, "o creador da grande e gordurosa chalaça lusitana em dialogo", e Thomaz Pinto Brandão, "o coronal, o pontifice dos poetas biltres do seculo XVIII", conseguiu chalacear, descempor ou escarnecer dos homens, dos costumes e dos preconceitos sciaes com mais talento, mais graça natural e diabolica, mais intensa intenção aniquiladora. Ao mesmo tempo, em versos cuja obscenidade quasi sempre, transcende as mais cruas poesias libertinas, cantou a sua vida indecorosa, dissoluta, desbragada, repartida por damas conventuaes, fidalgas levianas ou pimponas rascôas. A' excepção do genero epico, cultivou todas as fórmulas poeticas então conhecidas, e soube ainda ser um lyrico insinuante, muito estimavel, mas foi elle principalmente um acabado poeta satyrico, que viveu e medrou á lei da natureza. Tamanha foi a reputação que grangeou, que o alcunharam de *Bocca do Inferno*, appellido que o fez mais conhecido, que o proprio nome. Vieira, autor da *Arte de furtar*, segundo tradição verbal transmittida pelo licenciado Rebello, dizia que maior fructo faziam as suas satyras que as missões d'elle jesuita. Costa e Silva chamou-o Rabelais brasileiro. Por fim, Camillo Castello Branco (*Cur. de Lit.*, 339) que se divertia com a leitura de seus versos, escreveu que Gregorio de Mattos, "poeta de lingua farpada", era "o maior e o mais sujo talento que deram as plagas de Santa Cruz". Se por muitos aspectos de sua vida e de sua obra, lembra Aretino, o Aretino dos *Sonneti lussuriosi*, é com Marcial, em tudo e por tudo, que deve ser elle comparado, com a differença de que Gregorio era mais espontaneo, mais rebelde á disciplina, mais pittoresco, mais rude na escolha dos themas ou motivos poeticos, e tão galhardamente renovou a arte dos mestres latinos da satyra, que lhe podemos applicar os versos de Marçoche:

La folie au front lui met une couronne.

A l'epoule une pourpre, et devant son chemin  
La flûte et les flambeaux comme au jeune  
romain.

A tradição invoca-o como uma especie de deus fescennino, substituindo Priapo no pantheon popular. Na realidade, porém, elle, que foi quasi o iniciador da nossa litteratura, representa a ebocarrice lusitana, aspera, causticante e cruel, mas vasada em novos, inesperados e duradouros moldes, como Menippo compendia a satyra grega Catullo a litteratura erotica latina, Rabelais o grosso riso gaulez, Aretino a arlequinada italiana e Quevedo a poesia picaresca castelhana.

Eu sou aquelle que os passados annos  
Cantei na minha lyra maldizente  
Torpezas do Brasil, vicios e enganós,

declara o poeta.

Esquecido, ainda não julgado definitivamente, visto através de uma obra dispersa, truncada e mal conhecida, tres seculos depois do nascimento é que se insinua um movimento em seu favor. Ao que consta, a Academia Brasileira prepara a edição das suas poesias lyricas e satyricas, de accôrdo com os manuscritos do archivo de Varnhagen. A "Revista de Lingua Portuguesa" confiou aos talentos de João Ribeiro a organização de uma collectanea, a exemplo do que vem fazendo com outros autores classicos. O Instituto Varnhagen, recentemente fundado, incluiu no prospecto do primeiro anno de seus trabalhos, uma conferencia publica sobre a sua vida e a sua obra, tendo se encarregado da tarefa Ronald de Carvalho. Por fim, divulgou-se que a Academia Bahiana de Letras promove a commemoração do tricentenario do autor de *Marinicolos* no dia 7 de Abril proximo. O programma das festas gregorianas consiste de uma sessão solemne, com discursos ou conferencia, da collocação de uma placa na casa onde por ventura nasceu o poeta e passou a meninice, e da publicação completa das suas obras. Sabe-se que Gregorio de Mattos nasceu na Cidade do Salvador, numa casa localizada na actual rua Cruzeiro de S. Francisco, que se distingue pelo gosto romano e pelo aspecto nobre, conforme as precisas indicações do licenciado Manoel Pereira Rebello. Quanto á data do seu nascimento, não é conhecida por documento authentico ou testemunho valido, e é geralmente assentada em 7 de Abril de 1623. Alguns autores repetem esta data, mas outros assignalam tambem como certa e infinitamente mais provavel o dia 20 de dezembro de 1633 o que faz oscillar o natalicio do poeta entre 1623 e 1633, havendo, por conseguinte, uma differença de dez annos. A primeira versão é aceita por Januario da Cunha Barbosa, Pereira da Silva, Costa e Silva, Teixeira de Mello, Valle Cabral, Sacramento Blake, Araripe Junior e Sylvio Romero, que a tomaram sem exame, á biographia do poeta escripta por Rebello, enquanto a segunda tem o parecer de Varnhagen, Wolf, Joaquim Manuel de Macedo e Innocencio. O autor do *Diccionario Bibliographico* é informador de muito peso, e Varnhagen, o presantissimo fundador da nossa historia litteraria, foi sempre um estudioso acurado e probo, o que nos faz considerar como melhor a opinião dos que assignam a data de 20 de Dezembro de 1633. Convem assignalar que Valle Cabral, a pagina LII do prefacio que escreveu para as *Obras Poeticas* de Gregorio de Mattos, confessa ter encontrado esta ultima data numa copia da biographia de Pereira Rebello, que pertenceu ao imperador D. Pedro II, e, com effeito, no Codice I, 3, 1, 44, da nossa Bibliotheca Nacional figura o satyrista nascido a 20 de Dezembro de 1633. Seja como fór, ainda pendente indecisa a controversia, desde que nenhuma das autoridades citadas a verificaram devidamente, á luz de documentos, e á Academia Bahiana de Letras, já agora, compete authenticar a sua

preferencia, fixando de modo definitivo a data incerta da biographia de Gregorio de Mattos. O problema não é insolúvel, porque devem existir nos archivos portuguezes, e principalmente na Universidade de Coimbra, por onde se doutorou o poeta, dados ou elementos que possivelmente o elucidarão. Não nos consta que se tenham realizado pesquisas neste sentido, e é até provavel que a nossa incoherencia ou desidia demore ainda por muito tempo a solução desse ponto, que não é sem importancia.

Não é tudo. A ultima parte do programma da Academia Bahiana de Letras reclama outros reparos, que, esperamos, não serão levados á conta de imperitencia. Não acreditamos possa ella desempenhar-se facilmente da benemerita tarefa de que se incumbiu, de preparar uma edição das poesias completas de Gregorio de Mattos, por ser missão demais delicada e penosa. A obra de Gregorio de Mattos conserva-se quasi toda inedita, e compõe-se de um numero consideravel de cantatas, decimas, elegias, episodios, epigrammas, fabulas, idyllios, madrigaes, sonetos, odes, poemas, quadras e satyras. A primeira tentativa devemos á diligencia de Alfredo Valle Cabral que, aliás, publicou apenas uma pequena parte de suas satyras no tomo primeiro, e unico, das *Obras poeticas de Gregorio de Mattos*, (Rio de Janeiro, na Imprensa Nacional, 1882, vol. de 419 pags. in-8°), onde pela primeira vez se imprimiu a *Vida do Dr. Gregorio de Mattos Guerra*, pelo licenciado Manoel Pereira Rebello, que a escreveu por volta do meiado do seculo XVIII, cerca de 40 annos depois d'elle morto. Joaquim Norberto divulgou em 1834 alguns versos na *Minerva Brasileira* (n. 1) e em 1844 uma satyra e tres sonetos no *Mosáico*, e hem assim no *Parnaso Brasileiro*, de Janeiro da Cunha Barbosa, no *Florilegio*, de Varnhagen, no *Ensaio Biographico*, de Costa e Silva, na *Historia da Litteratura*, de Sylvio Romero, e na *Pequena Historia da Litteratura*, de Ronald de Carvalho, figuram varias composições lyricas e satyricas de Gregorio, rarissimas sendo aquellas que se estamparam fóra desses livros. Nas *Impressões Deslandesianas*, (Lisbôa, Imprensa Nacional, 1896, II, 960), o erudito bibliophilo Xavier da Cunha transcreve um soneto inedito de Gregorio de Mattos, que extrahiu das *Obras do Dr. Gregorio de Mattos*, conservadas na Bibliotheca Nacional de Lisbôa. Trata-se de uma parodia daquelle outro attribuido a Camões:

Formoso Tejo, meu, quam differente, etc.

e é dedicado A' *Cidade da Bahia*, versando sobre a taxa de assucar:

Triste Bahia, oh! quão dissimilhante  
Estás e estou no noso antigo estado!  
Pobre te vejo a ti, tu a mi empenhado;  
Rica te vi eu já, tu a mi abundante.

A ti trocou-te a machina mercante  
Que em tua larga barra tem entrado;  
A mim foi-me trocando, e tem trocado  
Tanto negocio e tanto negociante.

Dêste em dar tanto assucar excellente  
Pelas drogas inuteis que abelhuda  
Simples acceitas de sagaz — brichote...

Oh! se quizera Deus que de repente  
Um dia amanhecera tão sizuda,  
Que fóra de algodão o teu capote!

A acreditar em Costa e Silva (*Ens. Biogr.*, IX, 162) as composições poéticas de Gregorio de Mattos formavam seis grossos volumes manuscritos em quarto, de que existiu varias copias, o que prova o favor que elle havia adquirido e a estima em que era tido. A Bibliotheca Nacional de Lisboa, guarda uma collectanea no Codice L. III, 59 (X. da Cunha: *Imp. Desl.* II 960). Na bibliotheca publica de Evora figura uma collectanea pertencente ao Codice L. XXX I, 17, conforme resa o catalogo de manuscritos, publicado em 1868, II, pag. 86. São tres as collecções das poesias de Gregorio que foram ter á nossa Bibliotheca Nacional, juntamente com a sua these de doutoramento, em latim: duas procedem da bibliotheca do imperador D. Pedro II, que escreveu a lapis, na primeira pagina de um dos volumes este distico — *Video meliora proboque deteriora sequer* (Codices I. 5, 1, 29 e I, 1, 4, 22; e o terceiro (Codice I. 3, 4, 44) é copia moderna feita por M. Francisco Lagez, e proveniente do bibliophilo João Antonio Alves de Carvalho. Quanto aos dois volumes da Collecção Theozza Christina, um, datado da Bahia de 1775, foi adquirido do espolio de Innocencio, e o outro pertenceu a Luiz de Carvalho. Alem disso, possui a B. N. copia de varias composições avulsas, tres como a *Satira geral a todo o reino de Portugal* (I, 13, 2, 5 n. 10 e doc. n. 106) inclusive de muitas poesias contidas no codice eborense. Tambem no archivo de Varnhagen, depositado no Hamaraty, devem existir dois codices differentes, um em quatro tomos, e outro em grosso volume, de versos sacros e profanos do poeta bahiano, sendo que o primeiro era considerado pelo possuidor como "a mais completa collecção que conhecemos", escreve o insigne historiador brasileiro (*Florilegio*, I, 14), e é que vai servir para a edição da Academia Brasileira. O padre Januario da Cunha Barbosa (*Blake: Dic. Bibl.* III, 187) tinha alguns volumes e sabe-se ainda que Ignacio Accioly, conforme informações do eido Blake, guardou em seu poder dois volumes recebidos do Visconde do Rio Vermelho, tendo Paula Brito extrahido de um delles a producção inserta no numero de 11 de Março de 1855 da *Marmota*. Innocencio (*Dic. Bibl.* III, 165) declarou possuir dois volumes, em quatro, de letra do começo do seculo XVIII: o primeiro, diz elle, contem as *Obras sacras e divinas* precedidas da biographia escripta pelo licenciado Rebello, que occupa 57 paginas, sendo que as seguintes até 17 são preenchidas com versos de Gregorio e de paginas 171 a 214, com diversas poesias do irmão deste, Euzebio de Mattos, e o segundo, de 456 paginas, datado da Bahia de 1775, e que é o Cod. I, 5, 1, 29 da nossa B. N., compõe-se promiscuamente de obras de todos os generos, achando-se algumas producções repetidas do tomo primeiro. Alberto Faria, o academico, recebeu, ha annos, das mãos de um amigo uma cópia, em letra do seculo XVII ou XVIII, das poesias de Gregorio de Mattos. Lembraremos ainda que o governador da Bahia D. João de Lencastre, admirador do poeta, o que não impediu fosse elle degredado para Angola por ter feito a prosapia do governador Camara Coutinho, fazia copiar "por debuxadas letras", em livros especiaes, todas as suas satyras, á pronoreção que iam sendo conhecidas. Finalmente, é provavel existam na bibliotheca da Universidade de Coimbra, nas collecções de poetas gongoricos, satyristas e libertinos, varias producções do nosso Marcial, muitas dellas tendo sido attribuidas a D. Thomaz de Noronha e outros, como aquelle conhecido epigramma a um livreiro que Filinto Elysio pretendeu fosse daquelle. Assim, pois, as difficuldades que se offerceram ao futuro editor das obras completas de Gregorio de Mattos são sobremaneira grandes, e residem no penosissimo trabalho de re-

unir, identificar e seleccionar tanto as producções divulgadas pelos historiadores da nossa literatura como as que se acham ineditas, bastando ver que, como assevera e documentou Valle Cabral, existem nas collecções manuscritas e nas composições impressas innumerables variantes, umas devidas ao proprio poeta e outras que parecem erros dos copistas. A tarefa requer esforço, muito tempo e competencia critica, coisas que raramente andam juntas nesta republica. Varnhagen (*Flor.* I, 15)), entende que em quatro volumes deviam arranjar-se as obras lyricas e satyricas de Gregorio, porque, diz elle, na dedicatória que dellas fez o poeta ao governador Camara Coutinho, escreveu:

Desta vez acabo a obra  
Porque este é o quarto tomo.

Ha, entretanto, uma outra questão que merece ser posta aqui em fóce. Como se sabe, a maior parte do espolio de Gregorio de Mattos é de poesias em que Cypris é adorada na sua impudica nudez e Priapo surge coroado de verbenas, e tantas são ellas, escreve Rebello, que dariam um grosso volume. Destarte, é licito ao editor como parece aconselhar Varnhagen, excluir das obras do poeta a materia obscena, que é a mais vultuosa, ou deve elle proceder como fez, por exemplo, Innocencio com as poesias eroticas de Boccage, não comprehendidas na edição, em seis volumes, que dos versos desse poeta se publicou em Lisboa em 1853? Ora, o problema é delicado, mas numa edição tecnica, fóra do commercio, destinada aos letrados e que ficaria em sitio recondito das bibliothecas, onde se tem, entre centenas de livros classicos, o *Decameron* de Boccacio, o *Asno de Luciano*, o *Amintas* de Tasso, o *Heptameron* da rainha de Navarra, as *Damas Galantes* de Brantôme e os *Contos* de Lafontaine, pensamos que se poderia reunir essa obra interdita por má comprehensão critica ou por excesso de pruderie, extranhavel tratando-se de Gregorio de Mattos, que se revela justamente extraordinario, unico e incomparavel nos poemas ignaros, lascivos, infames. Até onde vai o direito da critica condemnando ao olvido para todo o sempre a obra de um poeta sob pretexto de defender a moral? A gloria de Gregorio bastaria segundo o pensar commum dos zeladores da castidade nos escriptos, a porção séria ou jocosa de sua poesia, mas tal parecer não tem sido seguido até aqui em nenhuma literatura, de Boccacio a hoje. Não se confeccionaram até o presente um Juvenal para senhoras candidas nem se castrou Petronio para servir á curiosidade das meninas ingenuas. Toda amputação numa obra literaria para só separar a parte nobre, ou casta, *ad usum delphini*, degenera em crime, e por isso ignominia foi ter Viale mutilado com mão nudica o *Lusiadas* para as escolas. Quem se lembrou jámas de supprir, por exemplo, certas passagens das comedias de Aristophanes, o fim do livro terceiro da *Arte de amar* de Ovidio, a digressão erotica do livro quarto do poema de Lucrecio ou os epigrammas de Catullo? Tambem não figuram na Biblia, no *Deuteromônio*, no *Ecclesiastico* ou no *Apocalypse*, e em outros livros sagrados, certos versiculos que se emparelham com a debochada phraseologia de Petronio ou egualam á cruesa lubrica das scenas mais livres de Juvenal? Não escreveram Aristoteles e seu discipulo Teophrasto versos depravados como os fazia Clearco? Não teria sido, outrossim, sacrilega barbaria a destruição do *Asno de ouro* de Apuleo, do *Cintão Nupcial* de Ausonio, do *Satyricon* de Petronio e de *Daphnes e Chloé*, o gracioso romance de Longus? Qual o romance que teria tido a coragem de dilacerar as elegias de Tibullo ou os madrigaes de

Propercio sob pretexto de serem obscenos? Se a antiguidade teve os seus Aristophanes, Lucianos, Catullos, Propercios, Tibullos e Ovidios, que burilaram bellos poemas *caudati*, e as suas lupercaes, saturnaes e outras festas gregas e latinas, a literatura moderna possui os *Ragionamenti* ou *Dialogos* do divino Aretino, monumento da literatura italiana, que, além do alto merito de revelarem os costumes do tempo, marcam uma data na historia das letras universaes, a *Marfisa bisarra*, de Fano, o *Manganello*, o *Hecatelegium*, onde Passifio Massimo excede a Juvenal em vehemencia magnifica, os *Proverbios* de Carnazano, o *Hermaphrodita*, de Panoramita, a famosa *Satyra Sotadica*, de Nicolao Chorier, livro escripto em latim elegante, e de sensualidade sobremaneira graciosa em suas audacias e vasta erudição em materia erotica, *La Cazzaria*, de Antonio Vignale, as *Poesias* de Giorgio Baffo, "patrizio veneto", os *Contos* de Nerciat e a *Parapilla* attribuida a Mirabeau. Onde se encontra o salgaulez senão no *Gargantua* e no *Pantagruel*, de Rabelais, nas *Gaitées* e nas *Chansons érotiques* de Béranger, nas *Oeuvres badines* de Piron? Voltaire não publicou a *Lettre Philosophique* e a *Pucelle de Orléans*, "viele plaiserie de trente ans", e Parny a *Guerre des Dieux*? Não foi impressa ainda a *Erotica Biblion* de Mirabeau do mesmo modo que *Justine* do Marquez de Sade e a *Anti-Justine* de Restif de la Bretonne, ramalhetes da literatura obscena? Por ser taxado de pornographia, não se deixou de estampar, em 1622, o *Parnay Satyrique* de Theophilo de Viau. De Verlaine, que escreveu *Sagesse*, se editorou *Femmes, Hommes e Amies*, tryptico erotico, e Theophile Gautier é autor da *Lettre á la Presidente*, breve amostra da literatura fescennina. Mardrus restabeleceu o texto das *Mil e uma noites*, desfigurado, mutilado, deformado miseravelmente por Galland para uso dos collegiaes, o qual livre de todas as *pattes d'araignée* da pudicicie academica, reaparece com toda a sua ardente sensualidade com as suas phantasias exuberantes, as suas loucuras luminosas, as suas orgias sanguinarias e as suas pompas inverosimeis. Recentemente o *Mercurio de France* editou *Le Gyrocée*, desenhos de André Rouveyre e texto de Gourmont, e estampou-se luxuosamente a *Histoire do Beau Hassan Badreddin*, com illustrações de Van Dongen. O editor Flammarion annunciou que já imprimiu mais de 140.000 exemplares da *Garçonne*, de Victor Marguerite, livro que podia trazer tambem a epigraphe de precaução que figura no romance *Julia* da comtessa Felicité de Choiseul — *La mère défendra la lecture á sa fille*. O memo succede com *Une Femme á Berlin*, de Edward Stillebauer, que está sendo lido presentemente em todo o mundo. Quem jamais róz cendal de folhas nas Venus, nas Nayades, nos Bacchos e nos Hercules que povoavam os palacios, os templos e os jardins da Roma imperial, ou desfez as figurinhas obscenas, os bronzes, os frescos, os *driopatac*, os camapheus, os Hermés phallicos do museu de Pompéa? A impudicia romana, que refulge nas telas de Raphael pintadas para o cardeal Bibbiena, brilha nas estampas em que d'Hancarville reproduziu scenas da vida privada dos Cesares e do culto secreto das damas romanas e exhibe-se nos maravilhosos desenhos de Julio Romano, gravados por Marco Antonio, para os sonetos de Aretino, merece-nos tanto respeito quanto a essencia das coisas mais sagradas deste mundo? Watteau, e principalmente Boucher, Fragonnard e Baudouin deixaram obras primas em que, reflectindo maravilhosamente a sociedade franceza do tempo de Luiz XV, levaram o erotismo até o ultimo gráo: no entanto, possuem as mesmas prerogativas de intangibilida-

de conferidas á *Gioconda* de Da Vinci ou ás madonas de Murillo. A critica de entranhas lavadas, de que fala Camillo, não pode condemnar uma obra pelo unico facto de obscenidade. Toda producção litteraria possui o direito imprescriptivel da publicidade, cujo a moral é incompetente para prescrevel-o ou violental-o. Ao cabo, entendemos que é preciso respeitar um escriptor, poeta ou artista até nos excessos de sua imaginação luxuriosa. A lascivia e outras tendencias vis da natureza humana datam do momento em que o Eden recebeu a deliciosa visita da serpente. Sem duvida, essas composições bizarras, ignaras e lubricas, assemelham-se a certas plantas venenosas mas, nem por isso, essas *fleurs du mal* perdem o direito de existir nos jardins da litteratura. Por mais de um titulo são uteis, e estimaveis. Nellas o moralista ou o philosopho póde colher aos cardumes os elementos de que necessita para os dictames da mais severa moral ou para inducções vantajosas. Para a historia dos costumes, usanças, superstições e leis dos tempos d'antanho, representam subsidios valiosos, e bem assim não são escasso cabedal para o estudo da historia litteraria, tanto mais que, muita vez, se pode applicar a seus autores o verso de Marcial:

Lasciva est nobis pagina, vita proba est.  
(Liv. I, ep. 5).

O *Tableau des mœurs du temps*, de Cebillon Fils e os contos de Andréa de Nerciat nos instruem melhor acerca dos costumes do XVIII seculo e das cousas da Revolução franceza que as monographias dos Goncourts. A vida galante do Directorio, do Imperio e da restauração sera mal conhecida pelos que ignoram o *Mylord Arsouille*, as facecias desavergonhadas de *Mayerx* e os numerosos livros escabrosos sobre o *Palais Royal*. Neste sentido, o encantador Charles Nodier, que foi um "honnêt homme", escreveu: "Les moines du moyen age, ces judicieux bibliothécaires de la postérité, ne vous ont pas fait tort des turpitudes latines qu'il leur était si facile d'anéantir. Ils ont eu le bon esprit de pressentir l'utilité relative des plus mauvais livres du monde. Ces objets ne conviennent nullement à l'éducation des jeunes personnes, mais on serait fâché, avec raison, de ne pas les trouver dans les musées. Je dis ceci dans la sincérité d'un profond désintéressement personnel, car je n'ai jamais lu un mauvais livre, mais j'avoue franchement que j'en ai souvent consulté avec profit". Tem razão Nodier. Quando Tacito quiz pintar a sociedade romana no tempo de Nero leu de preferencia a satyra de Petronio, e onde Ruy Barbosa melhor conheceu a Roma dos Cesares, foi em Juvenal, porque no dizer delle, a obra do poeta latino "é um reflector amplificador, onde a salacia dos costumes imperiaes se reproduziu, para a immortalidade, na mais violenta rudeza dos seus traços. Numa pagina admiravel (*Replica*, num. 33), como tudo quanto dicta essa intelligencia peregrina, em que definiu a obra e o genio de Juvenal, o mestre escreveu: "É Juvenal o terrivel poeta, de quem "com justiça se disse que, pregando a moral, espavorira o pudor". As coisas que elle representa, com uma linguagem nellas mesmas bebidas, "inspiram muita vez horror e nausea". Sua musa não córa. Seu estylo não desponta as palavras mais repulsivas. Seu pincel não se assusta dos quadros tórpes. Quando flagella os vicios da Roma imperial, não ha expressão, por obscena, ou cloacina, de que se lhe não ourice o látigo vingador. Contemporaneo de sete Cesares, desde Nero até Domiciano, o poeta saturara a sua inspiração das côres daquella era, que reflecte com horrenda vividez. A satyra das *Mulheres* escancara de par em par os aditos da alcova e do lupanar,

e desde aos olhos da praça o adulterio, o lenocinio, o incesto, a prostituição, a pederastia, a bestialidade. Vê-lo quando nos descreve as fugas nocturnas de Messalina, a sua promiscuidade na vida prostibular com a mais vil escoria da cidade, a entrega á brutalidade publica do seio de onde se concebera o generoso Britannico... Vê-lo colorindo a embriaguez de Venus, vaga e delirante... Vê-lo a enumerar as immundicies em que a matrona "tresnoitada", caminho do "alcoice", deixa, ao passar, o seu collo de irrisão aos velhos altares do Pudor... Vê-lo nos mysterios da bôa deusa, quando a orgia sacode os cabellos esparsos da embriaguez, e as menadas furiosas. A inspiração do satyrista não trepida. Não se conturba a austeridade do estoico. Da sentina ao bordel segue passo e passo a lascivia infrene, que arrastando pelas fezes a honra das mães de familia e o manto das imperatrizes, passa todas as noites dos braços da plebe rescendendo o cheiro das orgias vulgares, ao thalamo dos senhores do mundo". Ora, no autor aqui debuxado pela arte sem rival de Ruy Barbosa, é que se vai buscar o exacto conhecimento da vida romana sob os Cesares, muito embora a sua inspiração se exceda na licença ou requinte os extremos da lubricidade. Tudo nos inculca, pois, que não seria justo privar á erudição litteraria ou historica desses repertorios das paixões, das vergonhas, das miserias, das aberrações e das loucuras humanas. Ninguem ignora tambem que os monographistas das grandes figuras utilizam, com evidente vantagem, o material fornecido pela correspondencia confidencial, pelas memorias secretas, pelos documentos intimos e pela litteratura erotica. Em summa, a obra dos escriptores, por mais torpe que pareça, pertence ao publico, e, no livro, lê quem quer, e lê, o que quer, consoante o dizer de Castilho.

Relativamente á Gregorio de Mattos, a sua obra não só tem incontestavel valor como subsidio para a sua biographia, sendo imprescindivel para melhor comprehensão de seu temperamento, para completar o desenho da sua physionomia moral e avaliar-se cabalmente o merito do poeta, como é documento assaz interessante para o estudo da sociedade em que viveu, a sua divulgação representando, ainda sob este aspecto e em determinadas circumstancias, serviço inestimavel. Nella se move, palpita e vive toda uma época estranha, contradictoria, equivocada, muito curiosa, mas ignorada. Versejador prodigioso, habituado aos caprichos da musa sotadica ou erotica, as suas satyras, terribes e agudas, que, através da opacidade plumbea da corrompida Lisboa ou do ambiente escaldante da Bahia, vibravam com furor e violencia, deixando resonancias perduraveis. Loquaz, jovial e scintillante, trazendo na ponta da lingua desaforos, remoques, doestos, invectivas e allusões que lampejavam diabolicamente em surpresas verbaes e em gargalhadas sonoras, em que latejava a ironia do riso rabelaisiano, a tudo injuriou e escarneceu de todos. O látigo de Juvenal não fez mais victimas. Atacando os vicios, as imperfeições e as ridicularias ou combatendo os tartufos, os detractores, os inimigos, sempre indomavel e irreverente até a morte, era Aretino, Rabelais e Swift. Foi o mais assombroso instincto de satyrista que conhecemos. O terrivel, o funebre e o comico vivem nos seus epigrammas como numa sarabanda infernal em que se atropellassem a morte, o diabo, deuses, e esphynges, faunos e sereias, satyros e heroes, arlequim e o amor. No seu tempo, em que a poesia era a malicia, a chocarrice, a obscenidade, foi elle, pois, um dos que mais riu, e fez rir, embora risse com amargor, diabolicamente, da pequenez humana. Tambem abusou de todas as licenças e libertinagens, como os mais gradua-

dos da pleiade, consoante o gosto ou a norma corrente. A culpa não era do poeta, mas da sociedade. Na metropole, como lembra Camillo, no prefacio dos *Ratos da Inquisição*, D. Thomaz de Noronha, o frade Vahia e outros viviam atascados no enxurdi da côrte de Affonso VI e Pedro II, tendo o judeu Serrão de Castro metrificado indecencias cuja rudeza ultrapassava as poesias de Frei Simão, o torto, de Frei Pedro de Sá, o proverbio da brejeirice e do Lobo da Mandragôa, as delicias de Pedro IV. "Se elles abandalharam as Musas, escreve Camillo (*Os Ratos da Inquisição*, 99), desfigurando-as dos seus grandes ares de vadiagem esplendida para as fazerem arlequim da canalha é porque a podridão social porejava no riso alvar das turbas". A obscenidade havia se infiltrado nos mais primorosos engenhos, e é bem possivel que se não possa garantir tenha o padre Antonio Vieira, que tanto estimava e admirava o nosso poeta, se protegido vantajosamente contra a depravação dos costumes. Desculpando ao poeta os seus aetemperos pela influencia dos corruptos tempos, Araripe Junior, seu melhor critico, escreveu: "Não era muito, portanto, que o poeta brasileiro, nascido com um sangue escaldado pela selva tropical bahiana, a exemplo do que se fazia então, portas a dentro da *Academia dos Singulares*, em Lisboa, onde se perpetravam sonetos desbragados, mettendo a ridiculo tudo quanto havia de mais sagrado; não é de espantar que Mattos, digo, desse larga tambem á sua brejeirice, que além de natural, podia muito a tempo cahir no gosto do rei, ou de alguma feira jucundamente amada. Tudo isso estava nos canones da época e constituia, de parceria com os trocadilhos, agudezas e conceitos das escolas espanhola e italiana, uma atmospheria litteraria em que todos os poetas, mesmo os mais conceituados, mengullhavam sem querer, julgando praticar o mais innocente dos jogos permittidos. O sangue queimado pelo sol tropical deste Brasil, onde florescia o *parica* indigena e os tupinambás encausticavam os órgãos sexuaes para augmentar as delicias do amor, deu-nos Gregorio de Mattos o fauno mais acabado de quantos produziram as terras de Paraguassu' (*Gregorio de Mattos*, 2ª edição 17). Assim é que a obra de Gregorio de Mattos synthetisa a pornographia reinol e é espelho dos costumes da Bahia do segundo seculo. A critica pois, a critica dos homens educados na corrente das idéas modernas, e curados do moralismo, tem que ser justa para com o poeta, que é apenas expressão desse estado dos espiritos no mundo seu contemporaneo. A sua obra, cuja popularidade assenta no caracter do seu povo, é a civilização depravada de Portugal dos jesuitas, dos desembargadores e dos epigrammistas chulos, é a Bahia impudica, sensual e desenfreada, rica e poderosa, sequiosa de vinho e de amor, fervendo em loucuras e espumando em lascivia, onde, por toda parte, na magnificencia dos luars tropicaes, sob a folhagem, em cada penumbra, tudo trescalava um forte e irresistivel odor di femina. Alguem, falando das poesias licenciosas de Horacio, disse que são os seus unicos versos sem espirito, e, que, pelo contrario, os de Boccage bastariam de per si a dar-lhe nome, e credito, se a sua reputação não estivera cimentada em mais firmes alicerces. Do mesmo modo podemos dizer de Gregorio de Mattos, genio singular das nossas letras, que os contemporaneos deixaram vegetar nos ostracismo, degradando o seu genio nas baueas e nas tavernas, e a posteridade assignala-o como obsceno, mas a quem devemos maravilhas de pensamento e de poesia, que o redimem de todas as torpezas. A semelhança do florentino da Renascença, que redigiu poemas, sonetos e epigrammas eroticos com a mesma arte requintada e o mesmo assombro com que Miguel Angelo se immortaliz-

zou nas abobadas da basilica sagrada e nos tumulos dos Medicis e Cellini cince-lou primorosos labores, assim tambem Gregorio de Mattos compoz o elenco de seus trabalhos, a que o clarão pumpureo de seu estro emprestou colorido excencional e bruta crueza.

Gregorio de Mattos, como tantos outros vultos da nossa litteratura, espera pelo estudo definitivo, que, fixando as diversas feições de seu omnimodo talento, esclarecendo a sua psychologia, integrando-o no meio social em que se desenrolou o drama da sua vida tumultuosa, estourada e pittoresca, e, porfim, desembaraçando-o das falsas lendas, erros e contradições, nos dê delle noção exacta e completa. Os escriptos que existem, posto que meritorios e estimaveis, são falhos uns, vagos outros e incompletos todos, sendo um dos motivos principaes dessa imperfeição ter ficado até hoje desconhecida a maior parte da sua obra poetica, até do proprio Araripe Junior, o autor que sobre elle mais largamente discorreu, a qual é fonte inexaurivel de informações biographicas, tanto são as referencias á pessoas, cousas e factos que se prendem á sua vida. O trabalho do bacharel Manoel Pereira Rebello é méra collectanea de anedoctas comicas e bagatellas intimas. As noticias de Januario da Cunha Barbosa (*Parn. Bras.* 1831, II, 17) Varnhagen (*Florilegio*, 1850, I, 11) Costa e Silva (*Ensaio Biogr.*, 1855, IX, 162), Innocencio (*Dicc. Bibl.* 1859, II, 165), Wolf (*Le Brés. Lit.*, 1863, II a 19); Pereira da Silva (*Var. Ill.*, 1868, I, 151), Macedo (*Anno Biographico*, 1876, III, 567), Teixeira de Mello (*Ephem. Nac.*, 1881 209), e Blake (*Dicc. Bibl.* 1895, III, 187), repetem com pequenas divergencias, o que se contém de essencial na primeira biographia divulgada do poeta. A partir de Sylvio Romero, que lhe dedicou cerca de 16 paginas na *Historia da Litteratura Brasileira* (2ª edição, 1902, I, 141 a 156), é que a figura de Gregorio mais interessou aos nossos criticos e historiadores litterarios. Para Sylvio, o poeta é "o genuino iniciador da nossa lyrica e da nossa intuição ethnica", e em torno da cujo nome "deve girar todo o movimento litterario

do Brasil no seculo XVII". Orientado pelo evolucionismo spenceriano e valendo-se dos processos de Taine, Araripe Junior, com grande superioridade e abundancia de talento, publicou sobre elle um ensaio em 1894, que teve reimpressão em 1910. Trabalho serio, e assás valioso, o *Gregorio Mattos* do provector ensaista brasileiro não é ainda obra definitiva, por presa á equivoocos, revelar omissões lastimosas e, principalmente, exagerar as tendencias nativistas que empresta ao formidavel satyrista. Não obstante, é o estudo mais notavel da bibliographia gregoriana. Araripe Junior define Gregorio como a personificação moral e physica da figura classica do fauno. "Pessimista, objectivo, alma maligna, caracter rancoroso, relaxada por temperamento e por costume, o poeta do *Marincolas*... é o satyrico mais acabado, o genio ferocissimo da relaxação mais accentuado que já produziu a natureza... a floração da mais hybrica sociedade que tem havido no mundo e, absorvendo tudo quanto a colonia no seculo XVII possuia de original e picante, como brasileiro-europeu que era, deu o livro mais curioso que já sahiu de penna humana". Diz elle ainda que, apesar de dispersivo, foi a mentalidade mais alevantado do seu tempo, no Brasil, concluindo o seu ensaio com estas palavras: "Outros terão subido mais na sublimidade do estro; nenhum, porém, representou tão originalmente o genio do Brasil intelligente". Na sua *Historia da Litteratura Brasileira* (Alves, 1916, cap. IV), José Verissimo julgou com accentuada severidade e não occulta antipathia a obra de Gregorio, chegando a amesquinhar-lhe os meritos e a desdenhar o seu formidavel talento. O seu juizo critico é imperfeito, e antes deriva das suas acanhadas ideas litterarias ou estheticas do que da falsa noção que tinha do poeta dos *Milagres do Brasil*. Das suas ligeiras apreciações, resulta ser Gregorio apenas "a mais illustre e perfeita expressão do typo essencialmente nacional do capadocio bahiano", como "é tambem o primeiro bohemio de nossa litteratura, com a vantagem sobre os aqui procriados pelo romantismo de o ser de nascença e originalmente"; e

"porque elle se completasse cabalmente o typo do capadocio, era tambem insignè cantador de modinhas e tocador de viola", e sobretudo cantor da mulata. Nelle não descobriu a critica de Verissimo senão esse falso aspecto. Ao revés, Ronald de Carvalho (*Peq. Hist. da Lit.* 1919, 92 a 114), proclama: "Gregorio de Mattos representa na historia das nossas lettras a revolta do bom senso burguez contra as ninharias ridiculas da fidalguia reinol, a bravura do julgamento desasombrado, muitas vezes perigosa, contra a covardia dos aulicos, sempre coroavel aos mandões; a nobresa do caracter contra a nobresa do sangue, a força da intelligencia e da lealdade contra a intriga insinuosa e escorregadiça; foi o primeiro espirito varonil da raça brasileira". Pouco mais se estampou sobre Gregorio de Mattos, além de uma conferencia realizada a 31 de Outubro de 1914 por Plinio Barreto e que se acha no volume *Conferencias da Sociedade de Cultura Artistica* (S. Paulo, 1916, 83 a 140), e esse é: varias anedoctas na *Bibliotheca Bahiana*, de João Nepomuno da Silva, Bahia, 1863, II; algumas referencias nos livros *Memorias de Fr. João de S. José de Queiroz*, bispo do Grão-Pará, publicad por Camillo Castello Branco, Porto, 1868; tres chalaças no *Mosaico Brasileiro*, de Moreira Azevedo, apgs. 14 e 17; um artigo sobre *Gregorio de Mattos e Luiz de Gongora no Fabordão*, de João Ribeiro, Garnier, 1910 305 a 315; e um pequeno capitulo, *Do homour na litteratura brasileira*, de Afranio Peixoto, na *Poeira da Estrada*, Alves, 1918 171 e 175. Do licenciado Rebello a Ronald de Carvalho, foi tudo quanto se escreveu ácerca de Gregorio de Mattos, cujo singular destino é tão digno de meditar-se como a sua obra, onde resplandece o rutilante espirito latino, modificado pelo nosso calido céo. Dest'arte, torna-se absolutamente necessario, imprescindivel e urgente editar-se o texto integral das suas obras, para que se ressuscite, palpitante nas sarças de fogo da sua satyra, essa figura gigantesca, que é sem duvida, o emulo americano de Marcial.

Elysio de Carvalho.





# O LIVRO DE UM PATRIOTA

O ultimo livro do Sr. Elyσιο de Carvalho, *Bastões da Nacionalidade*, é mais um capitulo a acrescentar na obra civil e ao mesmo tempo heroica desse illustre homem de letras.

A sua finalidade esthetica não poderia encontrar motivo de mais bella emoção do que nas paginas esquecidas dos nossos antepassados. Desses motivos constituiu o escriptor brasileiro a nova attitude em que se nos apresenta, muito forte e muito ativo nas suas convicções, reaffirmado aquellas possibilidades evidentes de que são testemunhas as paisagens do *Esplendor e decadencia da sociedade brasileira*.

Effectivamente, traçando um programma de arte retrospectiva; delineando um esboço das nossas grandes visões historicas; seleccionando altos motivos de orgulho e civismo, o Sr. Elyσιο de Carvalho realiza uma palpitante aspiração nacional.

Época de reivindicações e época de enthusiasmos, em que se evocam, ao som de fanfarras e á luz de custosas gyrandolas, factos antigos, eu sinto mais o poder da nossa grandeza e o valor das nossas attitudes idas nas paginas de livros como esse, do que nos "carrousseis" e no colyseus, nos aeroplanos e nos cavallinhos, nas roletas e nos theatrinhos com que o senso politico e administrativo dos nossos homens entendeu festejar os nossos cem annos de independencia, aterrando margens para maravilhar a candida expectativa popular com o espectáculo de uma feira dispendiosa e inutil.

As mais sabias lições de patriotismo derivam do estudo e da tenacidade, do raciocinio e da belleza revelados nos livros como esse em que o Sr. Elyσιο de Carvalho nos vem falar, através ás palavras de um idioma civil, dos varões illustres que ajudaram com um pouco de heroismo, de pensamento, audacia, a erguer esse formoso capital da nossa gloria actual.

Mais avisado do que aquelles que souberam cantar o Brasil na condição ephemera de um falso patriotismo, o autor dos *Bastões da Nacionalidade* vem fixando o novo caracter de sua obra em livros que nos merecem, além de um grande carinho literario, uma demorada attenção historica, para que se verifique o amor com que elle se dedica ao trabalho constructivo de exaltamento e fé.

Com a sua cultura e a sua dedicação, poderia elle seguir o exemplo de tantos outros que erram pelas paginas da nossa historia, rebuscando pequenas cousas para interpretal-as ao seu bel prazer, fazendo-se acreditar pela minucia sem importancia, ou a rotina dos que não sabem viajar pela memoria dos nossos antepassados senão de picareta á mão, destruindo tudo e tudo convertendo, numa ingrata tarefa de demolição.

O seu trabalho é sereno e a sua visão muito larga. Quer no *Brava Gente*, quer nos *Bastões da Nacionalidade*; quer nos outros capitulos que formam o indice apreciavel de sua trajetoria pelos estudos brasileiros, o Sr. Elyσιο de Carvalho affirma-se por uma edificante maneira pessoal de ver os factos, sem incidir nas falsas aggressões nem mostrar um retardatario despeito por alguns vultos que, nem por muito discutidos nem por muito negados já descenderam do pedestal em que os collocou a confiança dos posterios.

Os *Bastões da Nacionalidade* principiam, antes de tudo, por ser um livro sem descrenças infundadas nem azedas negações. Não constituem, tambem, um livro rotineiro.

A maneira pela qual o Sr. Elyσιο de Carvalho fixa os episodios que mais de perto o attrahiram; a amavel sciencia com que elle vasa os seus concertos, tudo concorre para tornar os seus livros não um indigesto manancial de erudição, mas um compendio de amor fecundo, que realiza o milagre de coroar com as mais bellas rosas a fronte dos heroes e a cabeça dos santos que fizeram as suas patrias.

Como Graça Aranha; como Celso Vieira; como alguns dos nossos mais formosos pensadores e estylistas, o Sr. Elyσιο de Carvalho guarda na alma essa imagem doirada e sentimental de uma raça maravilhosa que ha de vir. E como o poeta que atravessava os contos e os poemas do mais romantico dos sonhadores da Gallia, elle ama cantar os heroes obscuros, os grandes heroes anonymos do universo, porque esses heroes lhe falam da poderosa imagem que acena de longe, numa curva que é toda a aspiração da hora presente. Assim é que, logo para legenda, o Sr. Elyσιο de Carvalho foi buscar ao tumulto dos poemas de Emile Vernhaeren e sublime inscripção:

"Mon pays tout entier vit et pense en  
mon corps;  
Il absorbe ma force en sa force pro-  
fonde,  
Pour que je sente mieux á travers lui  
le monde  
Et célèbre la terre avec un chant plus  
fort."

Essa legenda o inspirou e commoveu. As paginas em que elle nos fala da origem do sentimento brasileiro são paginas de amavel poesia, tiradas pelo deslumbramento de todos os esplendores da nossa terra.

Nesse lindo capitulo elle ausculta a alma dos colonos de Martim Francisco ao pisarem o solo do Brasil em 1532 e revive consecutivamente alguns dos mais formosos episodios da nossa idade passada.

Ninguém poderá negar aos fortes traços em que o Sr. Elyσιο de Carvalho fixou a expressão do seu nacionalismo e do seu patriotismo uma commovida sinceridade. Eu o ouvi pronunciar essas memoraveis palavras, ora enfeixadas em volume, na grande festa em que elle foi o homenageado de toda uma "elite" pura, referindo-se a sua obra, que é, e onde se verifica a mesma tendencia, a mesma aspiração, o mesmo sentimento que formou o substractum espiritual da pleiade que appareceu literariamente em 1900. Elyσιο de Carvalho é, antes de tudo, uma longa profissão de fé dividida em capitulos opportunos e justos, saudaveis pela forma e pela idéa, e onde se vasam todos os pensamentos sazoados, todas as idéas puras, todos os motivos nobres com que o escriptor attingiu á plenitude de suas possibilidades intellectuaes, sem quebrar a linha de uma conducta serena e moderada.

E' uma obra, pelo Brasil, estylisada nos nossos feitos e cheia de um suave optimismo, que affirma a grande esperanza que a orienta.

Completando-lhe a significação moral eu vejo esplender a significação politica, feita com a mesma sinceridade, com o mesmo desassombro.

No phenomeno da nossa formação politica affigura-se ao Sr. Elyσιο de Carvalho padecer o Brasil de falta de ambiente propicio ao advento dos vultos mais dignos e affirma: "Emquanto só houver empreiteiros de situações, camarilhas e

conluios que só se occupem de explorar as posições politicas e as vantagens que estas facilitam, não será de esperar que surjam individualidades capazes de encarar com firmeza e segurança os destinos do paiz". E mais adiante: "Até hoje temos sido um paiz agricola governado por bachareis e soldados, por grammaticos e poetas, que não têm idéa alguma do que seja a consciencia segura de reger povos e encaminhal-os aos seus destinos. Emquanto não tirarmos proveito dos nossos recursos naturaes seremos: — paiz pobre; pois é pobre o povo que se mostrar incapaz de converter em valores economicos a variedade e abundancia das suas riquezas em potencia".

Em "Graça Aranha, Mestre da Vida" expõe o Sr. Elyσιο de Carvalho a sua alta e commovida admiración pelo grande pensador latino que é o romancista-ideologo de *Chanaan* e o philosopho meigo da *Esthetica da Vida*, e alonga-se em paginas de um forte enthusiasmo pela obra de imaginação ardente e sensual, de belleza clara e de eterna poesia, em que o illustre lyrico do romance e do pensamento funde a sua impressão do Universo.

Teria eu de manifestar-me invariavelmente sobre todos os capitulos deste livro, fixando a sua imagem, se me animasse o desejo de uma critica minuciosa e circumstante; lembrar os vultos de André Vidal de Negreiros, na epopéa da reconquistá e daquelles outros leões do norte, que com tanta bravura escreveram o seu elogio no indice dos heroes.

O meu desejo unico é, todavia, de-ter-me alguns momentos deante desse lago de nobres e generosos conceitos, em que o Sr. Elyσιο de Carvalho deixou cahir as emoções do seu alto civismo, vendo reflectir-se nelle o idealismo raro que é, para o espirito desse escriptor, o motivo ascencional da obra que elle realiza com uma serenidade irmã da força e da harmonia.

OSWALDO ORICO.



# NOTAS & COMMENTARIOS

## Uma carta do Presidente de Portugal

Do Exmo. Sr. Dr. Antonio José de Almeida, Presidente de Portugal, acaba de receber o nosso director a carta que adeante se transcreve, datada de Lisboa de 12 de Dezembro findo:

"Exmo. Sr. Elycio de Carvalho: Os seus dois livros "Brava Gente" e "Os Bastiões da Nacionalidade" são duas obras admiráveis que dão honra ao Brasil e alta e legitima notoriedade ao nome de V. Ex. Li já os dois volumes, e devo dizer-lhe sinceramente que qualquer delles têm paginas em que a nossa lingua attinge tão nobre e eloquente poder de expressão que ambos devem ficar como modelo para os futuros apóstolos do Patriotismo que se dediquem á gloriosa tarefa de tornar o Brasil cada vez maior. A apothose da alma cívica e guerreira dos pernambucanos é magistral e a evocação dos Heroes do Norte, a um tempo forte e delicada, parece esculpida em marmore. A obra de V. Ex. perdurará, irradiando força, deitando luz e semeando exemplo. Aceite V. Ex. os protestos de minha sympathia, que é verdadeira, e creia que tem em mim um admirador sincero. Agradeço-lhe igualmente as palavras com que me distinguiu nas dedicatorias de seus livros e saúdo-o com os louvores que são devidos a um grande escriptor que é, ao mesmo tempo, um grande brasileiro, amigo dos portuguezes.

De V. Ex. muito dedicado,  
Antonio José d'Almeida."

## O tripanozoma Cruzei

Recebendo na Academia Nacional de Medicina, o Dr. Figueiredo de Vasconcellos, profeiu o Professor Afranio Peixoto um discurso em que alludiu á chamada molestia de Chagas, deixando ver que em torno dessa nova entidade morbida se fazia demasiado clamor, e exagerando-se sua extensão. Sem negar a sua existencia, o illustre professor de hygiene julgava que havia em volta da doença de Chagas um excesso "com intuito de proselytismo sanitario", tendo se chegado a calcular que 15% da população do Brasil, ou 4.500.000 brasileiros, estivesse atacado desse mal parasitario. O não menos illustre Director do Departamento de Saude Publica, julgando-se offendido em sua dignidade profissional, com as allusões do Dr. Afranio Peixoto, solicitou, incontinenti, á Academia de Medicina, a "designação de uma commissão de academicos, experimentados em assumptos de pathologia geral e de clinica, afim de emitir parecer sobre a verdade de seus estudos." Replicou o Dr. Afranio Peixoto, pedindo que a Academia abrisse amplo debate publico do assumpto, "capaz de permittir a revisão do problema que tanto affecta o bom nome do Brasil." A Academia de Medicina, de posse das duas cartas, decidiu a ambas attender da fórma seguinte: designar uma commissão para emitir parecer sobre o caso e abrig, depois de preferido o parecer, amplo debate sobre suas conclusões. Ha, porém, os que temem que a commissão se deixe ficar indefinidamente a estudar a questão, e que, assim, não mais volte a plenario. Interpretam o voto da Academia como um meio habil de evitar a discussão que, embora sobre doutrina, não seria, como não tem sido, das mais serenas. A importancia de discutir este caso é saber a exacta participação do Dr. Carlos Chagas no descobrimento do tripanozoma, pois se a attribue a Oswaldo Cruz, e a extensão do mal, que

se diz ter sido muito exagerada. Os depoimentos têm variado tanto que, nós outros, profanos, ficamos a ver a disputa dos oráculos da sciencia medica, sem os entender, através daquelles nomes terribes e complicados, com que vestem nossa gafeira. Felizmente, na observancia pittoresca de Eça de Queiroz, a humanidade é bastante imbecil para se prestar a morrer de todas as doenças novas que inventarem...

## O centenario de Pasteur

Festejou-se, a 27 do mez passado, o primeiro centenario do nascimento de Pasteur. Nenhum nome alcançou maior fama universal do que o modesto filho de camponeses que, ha um seculo, nasceu em França. Simples pharmaceutico, Pasteur, com a sua extraordinaria capacidade de trabalho, seu golpe de vista genial, seu maravilhoso espirito scientifico, foi o descobridor e o formulador da vida dos fermentos e creador da microbiologia, que abriu á medicina horizontes até então desconhecidos. Não ha povo, não existe homem que não deva algo a Pasteur.

Partindo das experiencias sobre a parte do carvão, Pasteur veiu a realisar a maior descoberta da biologia destruindo a velha crença na geração espontanea nos fermentos, estabelecendo que cada fermentação era produzida por um microbio especial, que as molestias infecciosas eram consequencia do desenvolvimento de toxicos de microbios, e que estes microbios, cultivados de certa maneira, perdem parte da sua nocividade e servem de immunizadores dos seus proprios toxicos passando do virus a vaccina. Assim passando da theoria ao dominio da pratica, o grande sabio francez pôde fazer a experiencia inicial e sensacional da vaccina contra a raiva, prova da doutrina que affirmára deante dos factos evidenciados pelas suas pesquisas. As doutrinas e experiencias de Pasteur despertaram uma grande geração de pesquisadores, e deste modo, a biologia, a microbiologia, a hygiene e a prophylaxia vieram dar novas orientações não só á sciencia da vida como á medicina e á arte de viver. Póde-se dizer que toda a hygiene, a medicina, a prophylaxia e a asepsia, tomaram outro aspecto, sendo que ha duas grandes épocas para a historia da comunidade humana: a de antes e a de depois dos trabalhos do grande francez.

Pasteur, embóra um grande pratico, foi antes de tudo um theorico, que sempre exaltou o valor da sciencia pura, dos conhecimentos elevados, sem os quaes toda a applicação é falha e toda a pratica sempre incompleta. Tendo já estudado o carbunculo e descoberto a vaccina anticarbunculosa, muito combatido pelos seus collegas rotineiros, Pasteur não cessou jamais de apregoar os estudos theoricos. Em 1854 aos estudantes de Lille, elle resumia assim as suas concepções scientificas: "Sem a theoria, a pratica não é senão a rotina dada pelo habito. A theoria só pôde fazer surgir e desenvolver o espirito de invenção. E' a vós principalmente que competirá não dividir a opinião desses espiritos estreitos que desdenham na sciencia tudo o que não é applicação immediata".

Pasteur não foi grande sómente como sabio, foi grande e nobre como exemplo. Altiva franqueza, correção, energia, cortezia, bondade, modestia, todas as qualidades do espirito e do coração lhe pertenciam. Patriota, no mais alto significado da palavra, elle achava sempre as mais bellas palavras para exaltar a patria, a sciencia, a familia e a virtude. "Se a

sciencia não tem patria, diz elle no seu ultimo discurso, o homem da sciencia deve ter uma, e é a ella que ella deve relacionar a influencia que seus trabalhos pôdem ter no mundo". Pasteur foi um grande sabio que em todas as suas manifestações foi um homem exemplar. Elle foi grande na modestia, grande na virtude, grande no amor da sciencia, da patria e da humanidade.

Filho de um cortidor de pelles, nasceu Louis Pasteur em Dôle, na rua dos Cortidores, a 27 de Dezembro de 1822. Eleito em Dezembro de 1881 como successor de Littré na Academia Franceza, foi recebido em Abril de 1882 por Renan, succedendo-lhe Gaston Pariz e Frederico Masson. Membro da Academia das Sciencias, sua cadeira é hoje occupada pelo Dr. Roux. Falleceu em 28 de Setembro de 1895.

O Brasil, onde D. Pedro II já se interessava materialmente aos estudos do grande sabio, sempre votou a Pasteur a mais ardente admiração. Possuimos um dos mais antigos institutos para preparo de vaccina anti-rabica e contamos alguns dos mais illustres discipulos do Mestre. A nossa participação na celebração do glorioso centenario foi das mais brilhantes e significativas, sob a presidencia do Professor Dr. Miguel Couto. A Academia Nacional de Medicina realizou no dia 27 de Dezembro passado, uma sessão extraordinaria em commemoração do centenario de Pasteur, fallando por esta occasião o Dr. Garfield de Almeida. A Sociedade de Medicina e Cirurgia prestou-lhe semelhante homenagem. Sob a iniciativa do Sr. Presidente da Republica a actual Praia da Saudade, nesta Capital, passou a ser chamada Avenida Pasteur; no mesmo dia 27 de Dezembro foi lançada, em presença do Exmo. Embaixador da França, Sr. Alexandre Conty, e altas autoridades, a primeira pedra do monumento ao genial francez, em terreno proximo á Faculdade de Medicina. A escola de Veterinaria do Exército associou-se tambem á celebração desta grande data.

## O numero especial da America Brasileira

Somos immensamente gratos aos nossos confrades desta Capital e de outros centros do paiz que noticiaram, com expressões encomiasticas e carinhosas, a publicação do numero especial da *America Brasileira* commemorativo do centenario da nossa independencia politica. Achamos-nos na impossibilidade de transcrever todas essas referencias, que tanto nos sensibilisaram, mas testemunhamos todo nosso reconhecimento por taes louvores e incentivos poderosos á consecução dos altos e nobres fins, a que nos dedicamos. Seja-nos, embora, permittido trasladar para aqui a nota que a *Revista da Semana*, dirigida pelo grande espirito de Carlos Malheiro Dias, nos dedicou na seu numero de 9 do mez findo, e que é o seguinte: "O numero commemorativo desta notavel revista, dirigida por esse grande homem de acção que é o Sr. Elycio de Carvalho, simultaneamente historiador, geographo, sociologo e economista representa um dos mais substanciosos e qualificados subsidios com que a cultura brasileira contribuiu para assignalar a passagem da data centenaria da Independencia. Na série de artigos, estudos e monographias que occupam as cem paginas da *America Brasileira* podemos auscultar os pensamentos e os sentimentos que dirigem e animam a geração intellectual do nosso tempo. As suas figuras mais illustres e representativas compareceram a depôr nes-

te verdadeiro inquerito de cultura e, guardando a independencia sem a qual não pode subsistir a individualidade, mostramos a paridade das suas concepções e opiniões na esphera das idéas geraes que caracterizam a phase actual da mentalidade brasileira. Uma alta consciencia de patriotismo, uma reacção systematica contra a auto-difamação historica em que nos empenhamos durante tanto tempo, um salutar optimismo e uma varonil dignidade na apreciação dos valores nacionaes, um decidido pendor para os assumptos da psyenologia social, uma tendencia geral para harmonisar as especulações intellectuaes com os problemas utilitarios, taes são os essenciaes distinctivos da geração. Seria impossivel concentrar nas poucas linhas de um commentario a substancia de uma publicação de cem paginas de texto compacto, ou sequer dedicar á contribuição de cada um dos numerosos collaboradores a referencia elogiosa que tanto estimariamos registar. Rocha Pombo, Celso Vieira, Ronald de Carvalho, Elysio de Carvalho, Genserico de Vasconcellos, Renato Almeida, muitos outros e não menos illustres contribuem para imprimir a este depoimento de cultura o alto e erudito caracter que lhe assignalamos. Completando o numero extraordinario do *Monitor Mercantil*, que enfeixa todos os dados estatisticos, economicos e financeiros relativos ao Brasil, o numero da *America Brasileira* é como que um balanço da intelligencia nacional".

### Um "record" parlamentar

O Senador Frontin fallando 8 horas a fio, afim de obstruir a lei de imprensa, que, por um golpe de força de maioria, ia sendo approvada a tantas da noite, constitue não só uma prova de admiravel resistencia physica, de traquejo parlamentar e de vigor oratorio, mas, principalmente, um alto depoimento da intelligencia multiforme e apurada do illustre orador. Para occupar 8 horas, obstruindo, sem que se tivesse preparado para fallar, decidindo assumpto e colleccionando documentos, não precisou o Sr. Frontin de fazer o costumado folhetim, vasio e enfadonho, sobre todas as coisas que, desordenadamente, lhe viessem á mente. Fallou, discutindo, argumentando, sempre com aquella vivacidade que o caracteriza, sobre a situação economica e financeira mundial, para tirar conclusões referentes ao Brasil, e, valendo-se de uma memoria prodigiosa, pôde illustrar com algarismos as suas demonstrações. O discurso, que proferiu na sessão de 5 de Dezembro, publicado no "Diario Official" de 18 do mesmo mez, occupa "28" paginas do "Diario do Congresso"! Num paiz, em que o legislativo se tornou esteril e infecundo, gastando o tempo em servir ao Governo, com uma passividade irritante, factos dessa ordem ennobrecem e orgulham. A notavel oração do Sr. Frontin, com que se vingou do golpe discrecional da maioria, crente em subjugar o temeroso adversario, pela fadiga, foi não uma interminavel discursaria de palavras vacias, mas uma magnifica prelecção de economia e de sciencia das finanças e, mais do que isso, uma desaffronta á sua capacidade de parlamentar, posta a tão dura prova. O seu discurso encyclopedico é um attestado formidavel de talento e, por ser raro nas tribunas do Congresso, testemunhamos a nossa admiração ao muito illustre Senador Paulo de Frontin.

### Uma voz insulada

Os artigos publicados em "El Diario" de Buenos Aires, pelo professor Rodolpho Rivarola, ao meio da onda infrene de injustiças da imprensa argentina, foi uma voz grande e profunda, partida de uma das individualidades mais conspicias do paiz visinho, que nos fez justiça,

mostrando que a pretendida emulação de armamentos, por parte do Brasil, era um engano, porquanto a nossa indole e as nossas tendencias são de trabalho, de paz e de cordialidade. Estudando a nossa Constituição politica, insiste em commentar a nobresa e o alto significado do seu artigo 88, que diz: "Os Estados Unidos do Brasil em caso algum se empenharão numa guerra de conquista, directa ou indirectamente, por si ou em alliança com outra nação." E ajunta: "Não me recordo de ter encontrado tão nobre declaração em nenhum texto constituicional, que não se deve colher como uma expressão de generosidade concedida aos povos fracos, susceptiveis de serem conquistados, e sim como um principio no seu proprio interesse, como uma segurança para si mesmo e para que nem as velleidades dos homens que no momento dirijam a sua politica internacional possam ligar os destinos da nação brasileira aos perigos que se seguem a um acto injusto e violento. Mesmo para declarar a guerra a Constituição limitou a autoridade do Congresso, exprimindo-se nestes termos: "autorizar o Governo a declarar a guerra, se não tivesse lugar ou se mallograsse o recurso da arbitragem" (art. 34, § 11). O illustre professor, com esse mesmo espirito de justiça e imparcialidade, estuda os multiplos factores de nosso espirito, do idealismo brasileiro, bebido em fontes claras e mantido com um ardor nunca desmentido, para fazer ver aos seus patriotas e a todo o continente, onde sua palavra é ouvida e acatada, que o Brasil não tem obsessões guerreiras e que os juizes precipitados e injustos podem ser causa de pernicioso e esteril acrimonia entre os dois paizes, que tantos motivos têm para se estimarem com respeito e sympathia. Rejubilamo-nos em consignar esse elevado ponto de vista do eminente professor argentino. Se a politica da nação visinha se inspirasse em tão nobres conceitos, talvez que não estivéssemos hoje isolados no Continente...

### Uma carta do Conde de Sabugosa

Do Sr. Conde de Sabugosa, o fidedigno escriptor portuguez que o Brasil culto tanto admira atravez das *Neves d'antanho*, das *Donas dos tempos idos*, da *Rainha D. Leonor* e outros livros maravilhosos de arte e de saber, recebeu o nosso Director Elysio de Carvalho, a seguinte carta, datada de Lisboa, de 4 de Setembro passado:

"Esta carta leva-lhe tres agradecimentos, todos elles sinceros, e expressos com a mais profunda gratidão:

1º. O de seu magnifico artigo sobre a *Rainha D. Leonor*, na esplendida revista *America Brasileira* com que V. Ex. está prestando grandes serviços aos dois povos.

2º. A offerta da sua obra magistral, *Os Bastiões da Nacionalidade*, offerta com que enriqueceu a minha Bibliotheca, como enriquecêra a bibliotheca brasileira.

3º. E, *last but not the least*, a proveitosa lição que me proporcionou com as paginas dessa obra, bellas paginas que apreciei em leitura detida de cada um dos capitulos. E nellas não só admirei a sua alma de patriota, (pag. 13 a 80), seu conhecimento de sabio (pag. 83 a 220), as suas qualidades de historiador (pag. 223 a 319), dando em lingua franceza um capitulo encantador intitulado *la France Eternelle*, mas tambem applaudi a elegancia de sua prosa que é de um auctor que sabe dizer o que pensa com fina visão, e tambem que faz pensar claramente os seus leitores. Este livro, além do valor litterario que é notavel, e o colloca bem como a V. Ex. num lugar eminente, tem um alcance social de muito relevo, porque mostra que se pôde ser um grande patriota, sendo um espirito superior, e fazendo justiça a todos. Além disso, o seu livro pôde ter grande influencia na actualidade brasileira, orientando-a salutarmente, pode suspender grandes dissiden-

cias entre povos irmãos, e até evitar conflictos armados, chamando a attenção sobre o livro do General Maitrot.

Em resumo, associe-me aos louvores merecidos que a V. Ex. presta o Sr. Ronald de Carvalho.

Por este correio envio um exemplar da *Rainha D. Leonor*.

Admirador e att. amigo — Conde de Sabugosa".

### Duas cartas de Alberto Rangel

Recebeu Elysio de Carvalho, de Alberto Rangel, que em Pariz, continua o seu glorioso labor litterario, produzindo livros esplendentes de belleza e de arte, a seguinte carta, que entendemos não occultar ao conhecimento dos leitores, pela formosura de seu texto:

"Pariz, 21 de Outubro de 1922. Ilustre confrade Elysio de Carvalho. Ao regressar de uma volteadura de ferias pelo Yonne encontro os seus tomos *Brava Gente e Bastiões da nacionalidade* que fez a distincta honra de offerecer-me. São livros de força e confortativos, indices ardentes da consistencia dessa geração que pode gabar-se de ter desencalhado das aguas podres da ignorancia e do scepticismo a consciencia da Patria a palpitar no orgulho do seu passado e na gloria do seu futuro. Evado de correntes radicaes e estranhas, representadas no federalismo e na democracia, o Brasil ia-se esquecendo, nos conflictos e miserias de suas dissensões internas, dos eixos e planos continentaes de sua propria grandeza. Abençoadá a voz que o despertou, sacudindo-o para os reforços da unidade cujo milagre nos preparamos a eternisar, sedentos, dessa coordenação estatica que aliás só um poder central, uno, extenso, verdadeiramente dominante, pôde garantir á massa enorme e total do paiz. Veio da pátria da Esthetica para os grandes combates do patriotismo. O seu instincto definiu-se e coroou-se numa campanha consequente e fecunda. Vejo no ardor de sua lida de publicismo e nacionalismo integral a consagração do facto que o Brasil se tornou o supremo interesse de nobre carinho de seus filhos mais cultos. Na effusão do nosso commum enthusiasmo pela grande causa do Brasil maximo indivizível e perpetuo, aperto as mãos do insigne e sympathico escriptor com os agradecimentos sinceros e saudações cordialissimas do

ALBERTO RANGEL

A proposito de *Brava Gente* e da *America Brasileira*, o autor do *Inferno Verde* havia endereçado antes a carta abaixo, tambem datada de Pariz, e que, como a primeira, é um documento tão bello, cheio de conceitos de idéas, que nós achamos ainda no dever de tornar publico:

"Pariz, 25 de Maio de 1922. Meu sympathico confrade Elysio de Carvalho. Ha muito estou para lhe dizer que recebi o seu *Brava Gente* e os primeiros numeros da *America Brasileira*, mas como queria fazel-o sem usar de uma formula banal de um agradecimento qualquer, além de que este Pariz é um devorador einsteiniano do tempo, demorei por demais estas linhas que lhe devo á immensa delicadeza de sua lembrança. Relendo outro dia um discurso do nosso comprovinciano Nabuco retire estas propheticas phrases limpidas e profundas: "O mundo todo caminha para uma situação de que só hão de escapar as nações patrioticas... Não salvará a nenhuma o ardor de suas paixões politicas, se a temperatura patriótica, nacional, não for thermica, não for vital..." Milita V. na phalange dos que sustentam a feliz ebullição por meio da qual se prolonga o phenomeno de nosso crescimento, depois que se estabilizou o complexo physico do territorio pela accção social e politica que extendeu o Brasil á sua immensa expansão continental. Felicito-o. É o mais nobre exercicio da

intelligencia entre nós fomentar pela argumentação sociologica, e até pelos recursos do sentimento e da imaginação, esse espirito de unidade dentro do qual se sustenta a razão pratica da patria intangivel por dentro e por fóra. Suas armas afiam-se e brilham no bom combate em prol da integridade, virtual, que é a nossa força continuada e a substancia mesma da nossa vida futura. Espiritos menos syntheticos, aberrados no erro de sua curta-visão, ou desviados pela particularidade de situações economicas occasionaes, todos envenenados pelos miasmas de uma exaltação federalista e dissolutoria, pretendem ver na separação a nossa fatalidade politica. Um delles, ultimamente, soprado talvez pelas doutrinas mal trituradas que ventam do extremo sul, onde os limites de contacto de duas raças antagonicas crearam a effervescencia nativista em que se esfria miseravelmente a noção centripeta da patria, annuncia a catastrophe para o segundo centenario de nossa Independencia. E' a previsão de uma tempestade a cem annos de distancia. Mas essas vozes de perdição dessas Cassandras e Nostradamus da dissolução brasileira oppõe V. a lucida concepção do facto imprescriptivel do que não póde ser modificado pelo capricho fragmentario dos homens que, herdeiros de uma colossal obra politica e social, não se sentem, os infelizes, com animo de acental-a na continuidade statica de sua massa indestructivel. Os innocentes e desviados! Na cauda desses dous adjectivos não lhe quero espichar mais commentarios. Transforma-se-lhe a carta numa especie de artigo de fundo por sincero demasiado e roncante. Desejo-lhe apenas affirmar que concordo em genero, numero e caso com o espirito da campanha acalorada e benefica de que o seu ultimo livro e o seu jornal reflectem as directrizes superiores, ditadas na commoção de nossa terra, amando-a por todos os modos, acreditando nas glorias de sua predistinação e arrancando de todas as armas para a trazer unida e viril no seio da sua propria grandeza. A hora é das nações que se impregnam de si mesma; o momento é dos homens que se repassam de sua patria. Um abraço, pois, fervoroso do seu agradecido e attento admirador

ALBERTO RANGEL

### A litteratura brasileira na Sorbonne

O illustre professor da Sorbonne, Sr. G. Le Gentil, que temos a honra de contar entre os collaboradores desta revista, em cujo numero do Centenario firmou um magnifico estudo sobre *Un précurseur de l'indianisme*, começará na primeira quinzena deste mez, na Sorbonne, uma serie de conferencias sobre a litteratura brasileira, incumbencia que recebeu de nossa Academia de Lettras. Ao que se annuncia, o Sr. Le Gentil estudará, antes de tudo, a influencia do indio na litteratura brasileira, detendo-se na analyse dos poemas *Uruguay*, de Basilio de Gama, *Caramuru* de Santa Rita Durão, da obra de Magalhães e do periodo indianista propriamente dito, como Gonçalves Dias e José de Alencar. Analysará tambem a influencia franceza sobre as nossas lettras, particularmente da actuação dos missionarios francezes no sec. XVI e por igual sobre a missão dos religiosos que partiram de França no seculo XIX. Tratará do reflexo que tiveram sobre os Inconfidentes mineiros os encyclopedistas, e sobre os Independentes a Revolução Franceza. Fallará, enfim, sobre outros assumptos, como a collaboração artistica, decorrente da vinda da missão artistica franceza, chefiada por Le Breton, para organizar a nossa escola de Bellas Artes, na época de D. João VI. Evocará tambem a personalidade de Ferdinand Denis, que estudou com tanto amor as coisas brasileiras, e re-

ferirá ainda a fundação por um francez, Pedro Plancher, do *Jornal do Commercio*. Tal é, em synthese, o espirito do curso que o Sr. Le Gentil iniciará em breve, concorrendo assim para maior divulgação de nossa mentalidade nos altos centros da cultura européa.

### A proposito da "Realidade Brasileira"

Carlos D. Fernandes, poeta cujo nome dispensa referencia, e tambem grande patriota, interessado por todos os assumptos serios que se relacionam com o problema nacional, a proposito do opusculo *Realidade Brasileira*, de Elysio de Carvalho publicou n'A *União*, diario official que dirige na Parahyba do Norte, o artigo que adeante se encerra:

"O Sr. Elysio de Carvalho é um trabalhador cyclopoico, infatigavel. No curto lapso de um anno, aqui lhe registrámos o apparecimento de dous livros substanciosos — *Brava Gente* e *Os Bastiões da nacionalidade*. Aquellas duas obras de follego e volumosas exteriorizam o mesmo pensamento de propulsão e estimulo ás forças historicas e eugenicis da nossa patria. Animado de uma idealidade civica, que é a feição definitiva do seu espirito de artista, o Sr. Elysio de Carvalho desceu das abstrações ao terreno pratico das nossas coisas, dos nossos problemas actuaes e em expectativa. Obediente a essa inspiração salutarissima, vem elle de dar a publico, numa "plaquette" de 56 paginas, um estudo chrematistico das nossas possibilidades nacionaes, intitulado "A realidade brasileira". O trabalho do illustre polygrapho está dividido em treze capitulos, que gyram entre os titulos — "O progresso brasileiro" e "Finalidade da politica brasileira". O escriptor festejado ganhou nesta sua ultima obra um poder de synthese, que o torna verdadeiramente admiravel e o revela na mais perfeita identifi-

cação com o assumpto escolhido. A "realidade brasileira" é um livro de numeros. Nelle depõem a arithmetica, a economia politica, a sciencia das finanças, a estatistica, o recenseamento. Todos os phenomenos economicos, que interessam á nossa actualidade nacional, alli se encontram focados com singular engenho e expressos com apurada elegancia. Nem por isso, entretanto, o Sr. Elysio de Carvalho se perde em logomachias e digressões, que seriam improprios da conspicua materia. O seu estudo sobre a nossa potencialidade commercial é extraordinariamente persuasivo, acontecendo o mesmo com o valor da nossa industria fabril, superiormente documentado naquellas paginas vivas, de propaganda intensiva, ao modo pragmatico de William James. Daquellas premissas supra réferidas parte naturalmente o Sr. Elysio de Carvalho para o fomento agricola, de que hemos mistér, para desenvolver as nossas fontes de riqueza, chegando sem violencia á demonstração de que o Brasil póde ser o celeiro do mundo. Tudo isso está feito num ponto de vista superior, com muita segurança de estylo e a dóse de emoção imprescindivel para tornar communicaveis os pensamentos balanceados e expostos. A serie de considerações adduzidas pelo eminente publicista está encerrada no opusculo a que alludimos com o capitulo subsequente, denominado FINALIDADE DA POLITICA BRASILEIRA".

Além disto, o illustre escriptor dirigiu, em data de 2 do mez passado, uma carta a Elysio de Carvalho, em que se lê: "Mando-te congratulações e abraços pela tua energica e persuasiva *Realidade Brasileira*. Fizesbes mais que o Parlamento, os nossos consules e diplomatas. Se houvesse um tribunal de civismo neste mal governado paiz, lograrías um premio de honra. Na ausencia dessa honraria official, contenta-te com os votos dos teus amigos, entre cuja vanguarda me inscrevo".



## NOTULAS

ROBERTO GOMES

O artista que se findou ás ultimas horas do anno, buscando na morte a solução da dôr de existir, deixou nas nossas letras o traço differente e accentuado, que lhe tornou, a figura de artista, original e inconfundível. Não é possível, sob a emoção dessa perda que nos magôa, e enche de saudade, um juizo seguro sobre o artista admirável que foi Roberto Gomes, o dramaturgo vibrante e profundo, cuja obra é um desejo e uma ansia de perscrutar a alma humana, feita com grande intensidade, mas em silencio, quasi com temor... Era um filho do momento symbolista, não em sua pureza, mas nas primeiras modificações, quando a realidade interveio nessa extranha magia, em que a arte se ia perdendo para a mais vaga abstração. O nome de Bataille veio logo á nossa lembrança. Era, portanto, na época fortemente de nossos dias, quando a arte procura, torturando-se na ansia de formação, uma forma para expressar essa incontida e violenta sensibilidade de gente renovada, era um isolado, na torre de sua emoção estatica, vendo a vida com temor e serenidade, mas sem forças para reagir ao atropelo de seus methodos e violencias. Por isso procurou a morte, desenraizado no seu meio. Já se escreveu, evocando Musset, que chegou tarde de mais num mundo muito velho. Roberto Gomes era um dos raros (porque não rarissimos?) escriptores theatraes de nossa terra. Deixou obra de arte, que foi lida e louvada entre os homens de bom gosto, mas não conquistou o favor publico, desse nosso publico tão mal orientado e educado, pelo fazedores do theatro de successo. Mas, se para o seu espirito de escol, o louvor dos artistas foi o melhor premio, para dignidade de nossas letras fica a certeza de que, cedo a obra de Roberto Gomes será ouvida com profunda emoção e justo orgulho. "Ao declinar da tarde", "Canto sem palavras", "Sonho de uma noite de luar", "Berenice" e "Innocencia", esta adaptação do formoso romance de Taunay, são as peças de Roberto Gomes, das quaes "Berenice" — ainda ha pouco lida a um grupo de amigos — é um drama de amor exaltado e vencido, em que se aniquilla uma mulher admirável, que foi, tambem ella, uma inadaptable. Não é agora — repetimos, nestas notas de saudade, que se dirá da obra de Roberto Gomes, tambem critico theatral e musical de uma sensibilidade e finura tão pouco communs. Por fallar em musica, não esqueçamos que, sem ser um virtuosi, era Roberto Gomes um pianista e organista de merito invulgar, pela emoção intensa de um forte temperamento. Na critica musical não procura, á guisa da maioria dos que a praticam entre nós, a simples affectação technica, mas, como Monclair, sabia fazel-a como obra de suggestão, portanto de arte, de sorte a decifrar sua essencia imprecisa e vaga. Deixou paginas de grande merito e, de memoria, citaremos sua conferencia sobre Liszt, no centenario do grande musico (Theatro Municipal) e suas paginas sobre musica brasileira, na edição d'"A Noite", do Centenario. Roberto Gomes era um bom e todos os que d'elle se approximaram, uma vez siquer, guardavam a lembrança dessa irresistivel seducção de seu espirito finissimo e sincero. Viveu a vida intensamente, deu-lhe um pouco de belleza e não foi recompensado. Chorou em silencio, "lagrimas que qualquer homem pôde derramar sem desdouro", e morreu, ferindo o proprio coração.

LIMA BARRETO

O romancista vibrante e intenso, que foi Lima Barreto, tem, sem duvida, um lugar inconfundível em nossas letras, praticando uma critica contundente e desabusada, que feria e amesquinhava, numa zombaria constante. Bohemio incorresivel, levando á vida á mercê de todos os fluxos e refluxos das contingencias, Lima Barreto vingou-se desse destino, contra o qual não se batia, pelo desdem e pela mófa. Não era uma ironia, pieçosa, amavel, impessoal, mas uma satyra mordaz, com dados apontando os modelos, tão perfeitos no debuxo das figuras. Seu romance, pittoresco e violento, é uma psychologia segura de nossa gente e de nossos vicios, que Lima Barreto descobria, pouco se lhe dando em corrigir. E' certo que havia, no fundo, um moralista, porque em todo ironista ha essa linha mantenedora, sem o que

o espirito descamba para a chalaga e para a farsa. Lima Barreto não era, porém, um insensivel, com o motejo apenas para rir, a bom rir, das nossas insufficiencias e do nosso grotesco. Commovia-se diante do espectáculo da miséria, da gente humilde, dos bairros pobres. Ha paginas de profunda emoção, em que o homem tem preconceitos, se entenece e acredita, vindo na força dispersa dos trabalhadores um ideal grandioso e uma energia viva. Tambem em face da natureza era um contemplativo e admirava-a com um estranho amor, menos exaltado, do que melancolico. Na paisagem, como no homem, preferia o mais humilde. Evocando a figura de Lima Barreto, tão cedo roubado ás letras, deixamos a saudade amarga pelo companheiro bonissimo que se foi. Nesta revista, Lima Barreto escreveu algumas de suas paginas admiraveis e, em breve, reproduziremos sua derradeira collaboração para *América Brasileira*. Na sua geração teve um relevo invulgar e, emquanto a maioria dos escriptores de sua idade, procuravam copiar os francezes, numa adaptação affectada, Lima Barreto criava uma obra brasileira, presando o romance carioca, fixando muito de seus typos e alguns de seus aspectos. Os seus romances são: Triste fim de Polycargo Quaresma, Vida e morte de J. M. Gonzaga de Sá, Numa e a Nympha, Memorias do escriptivo Isaias Caminha, Sonhos e Contos, Feiras e Mafuás e Uma provincia de Brusundanga. Deixou um trabalho inedito, o Cemiterio dos vivos.

EMBAIXADOR SOUZA DANTAS

O illustre embaixador, que acaba de apresentar sua carta de credencias ao Presidente Millerand, da França, não é só uma das mais brilhantes organizações de diplomata moderno, bem como um alto espirito de patriota, collocando-se a serviço do Brasil, com afinco, intelligencia e persistencia. Em Roma, cuja embaixada junto ao Quirinal acaba de deixar, entre manifestações significativas, como aquelle sumptuoso banquete que lhe offereceu a sociedade romana, com a comparença de representantes de sua mais alta aristocracia, a passagem do Sr. Souza Dantas deixou um sulco luminoso. Basta citar a politica fecunda que desenvolveu, quando ao problema de emigração italiana, conseguindo celebrar o tratado sobre o trabalho, que o Conselheiro Antonio Prado considera de incalculavel benemerencia para o Brasil, o acto mais expressivo, disse S. Ex., depois da libertação do elemento servil. Procurando dar ás suas elevadas funcções um cunho pratico, o Sr. Souza Dantas muito fez pelo desenvolvimento de nosso intercambio mercantil com a Italia, sobresahindo a campanha em favor de nossa farinha de mandioca, que, dest'arte, poderá vir a ser elemento ponderavel na balança da exportação. Transferido para Pariz, o embaixador Souza Dantas proseguirá, com sua politica intelligente e patriótica, a obra de vehiculação dos interesses francobrasileiros, tornando-os sempre e cada vez mais estreitos e affectivos. De sua permanencia em Pariz, á frente da missão brasileira, muito devemos esperar, com o mais justificado optimismo.

LIGA DA DEFESA NACIONAL

Desta benemerita instituição, que foi criada pelo patriotismo de Olavo Bilac e Pedro Lessa, e é mantida sob o patrocínio do Governo da Republica, pelos esforços dos Srs. Homero Baptista, Ministro Miguel Calmon, Coelho Netto, Affonso Vizeu, Goulart de Andrade e outros, recebemos a seguinte mensagem de felicitações: "A Liga da Defesa Nacional apresenta a essa illustrada redacção votos de felicidade pela entrada do novo anno e agradece a solidariedade que sempre lhe prestou no correr de 1922". Retribuindo essa gentileza, fazemos, com a maior effusão patriótica, votos muito sinceros pela grandeza e prosperidade da benemerita Liga, em cujo esforço o Brasil confia.

MALASARTE

A proposito de *Malasarte*, a admiravel criação de Graça Aranha, escreveu, no ultimo numero do *Mercure de France*, o Sr. Luiz Richard-Mounet, seu critico theatral, o artigo seguinte, que é uma analyse profun-

da dessa obra prima de nossa litteratura, que o escriptor francez assegura ter aquella condição de immortalidade, vinda do que contem de vida universal. Depois de se referir a *Le Donneur d'Illusions*, do Sr. P. N. Roinard, e a *La Croisade de la Rose*, dos Srs. Delaquis e P. Strozzi, assim se exprime o Sr. Mounet sobre o poema dramatico do eminente romancista brasileiro: "Dessa harmonia necessaria offerece-nos o escriptor brasileiro Graça Aranha um soberbo exemplo no seu Malazarte, legenda em tres actos. O maravilhoso entra aqui tanto ou até mais que nas duas obras precedentes. Apresenta-se elle, aqui, em sua verdadeira natureza, com todos os poderes, engendrado, em todos os momentos, pela imaginação. Malazarte, heróe da lenda popular, é, por excellencia, o Creador de Illusões. Elle mente, porém, de um modo tão poetico e vivo que ninguem hesita em lhe dar credito. Elle reveste a realidade de novos aspectos pelo poder unico da palavra, e não por effeito de machinismos, como faz o Roinard, ou usando de convenções aparentemente poeticas, segundo os Srs. Delaquis, e Strozzi. Todos acreditam ver aquillo que Malazarte affirma existir, porquanto, nosso mentiroso exalta, dando-lhes occasião para se manifestar, as paixões e os desejos dos homens. E' tal seu poder animador que estes renunciám ás mais evidentes apparencias em favor da miragem que lhes lisongeia os mais secretos appetites. Maravilhoso magico, sem que nada seja mudado na Natureza, todos a vêem como elle pretende mostral-a a cada um, embora contra as leis do raciocinio, e, no caso, tanto mais admiravel quanto mais chimerica ella se apresenta. Seus sonhos, elle os vive. Elles são a razão de ser e, por que elle está todo nelles, Malazarte seduz, fascina, faz viver dessa existencia maravilhosa os que se approximam d'elle, mesmo quando estejam solidamente presos ás cousas deste mundo. Quem penetra o seu reino fica possuido de uma ineffavel alegria dionysiacca, pois esse reino é o da poesia. Para attingil-o, Eduardo, um dos comparsas, renuncia ao amor de Almira, e, sem pena da morte da pobre e suave creatura, se une á enganosa Dionysia, cujo nome symbolico explica o proprio ser. E, entretanto, meu grado de seu poder soberano, de fascinação, Dionysia seguirá Malazarte, cujo sublime genio soube despertar nessa personificação da Natureza o ardente desejo da Belleza, que é o seu derradeiro fim. E ambos, sobre o infinito mar, vogarão para a miragem gloriosa que brilha na linha do horizonte, sempre fugindo ante elles. E esse desenlace, semelhante ao da *La Croisade de la Rose*, é portanto, não por meios litterarios, mas com verdadeiro genio poetico. A obra vive da propria vida de Malazarte. Esse heróe de legenda popular, traz em si mesmo, não uma simples faculdade de raça, mas um sublime poder da natureza humana; o poder da imaginação, em que surgem, crescem, resplendem e morrem todas as fórmulas que nascem da vida interior. E o drama está construido e desenvolvido, segundo as regras dessa criação e de seus effeitos. Trata-se, pois, das proprias leis da vida e não mais dos argumentos de um systema philosophico ou das condições de uma fórmula litteraria. O resultado é a existencia de uma obra onde nada falta do que o genero exige, e Malazarte, na sua versão franceza, apparece-nos com todas as condições que fazem a obra prima: ao menos aquellas essenciaes, que asseguram a uma obra a perfeição e a duração, pois, a porção de immortalidade de uma obra litteraria, não está na inteireza da linguagem mas no que ella contém de vida universal"

REVISTA DA SEMANA

Registramos com o maior jubilo o anniversario deste grande semanario, que, sob a alta direcção do brilhante escriptor o Sr. Carlos Malheiro Dias, se tornou uma admiravel publicação de arte, de elegancia e sociaes, no genero das melhores revistas estrangeiras. Conseguindo interessar o publico e a elite, pela variedade de assumptos, em multiplas feições, nunca a *Revista da Semana* se tornou banal ou commum, á maneira de muitas outras. Collaborada por nomes illustres entre nós e em Portugal, feita com muita finura e bom gosto, tornou-se preferida, pela justificavel predilecção. O seu secretario é o Sr. Mario Ferreira, joven escriptor do maior relevo.

# REPERTÓRIO



## O problema das reparações

Conferências... congressos... reuniões... sempre infructíferas e inúteis, em que os estadistas da Europa, deante dos graves problemas decorrentes da guerra, não encontram em sua sabedoria avelhantada uma única solução, que faça retornar ao mundo e aos espíritos a paz. Já são passados 4 annos que a luta militar terminou, entre o regosijo e a effusão de toda humanidade, que acreditou entrar de novo num período fecundo e tranquillo de paz e grandeza. Triste engano, falso optimismo. O tratado de Versalhes foi a primeira decepção. Viram todos, claramente visto, que esse estranho pacto era um meio de conservar odios e manter desconfianças, com os quaes é impossivel cogitar de uma paz verdadeira. Assignando-o, os povos se enganaram conscientemente, porque jogaram, no trablado internacional, com o azar, porquanto sabiam bem que dentro das possibilidades normaes, firmavam um absurdo inexequivel, por vezes grotesco e anti-juridico, como naquelle trecho que determina o julgamento do ex-imperador da Alemanha e os *responsaveis* pelos crimes da guerra... A Liga das Nações, o pacto pomposo com que se abre o Tratado, é um mytho, dispendiosissimo para os paizes que o mantêm e magnifico apenas para os funcionarios desse aparelho, regiamente pago. Aliás, desde cedo, desde que os Estados Unidos não a levaram a serio, esta Liga mallogrou e o proprio Tratado de Versalhes, não ratificado pelo Congresso norte-americano, ficou com uma brecha maravilhosa para os que se querem furtar ao pagamento das obrigações formidaveis que nelle se impõem. Desde então, que os chefes dos paizes aliados e os allemães vivem a se reunir para estudar e decidir da maneira de executar o Tratado, que a Alemanha diz inexequivel, respondendo os francezes ser isso uma esquivança, enquanto os inglezes acham possivel um entendimento liberal, na questão das reparações. Para resolver o caso, ainda agora reuniram-se em Pariz, a 4 do corrente, os chefes dos governos francez e inglez, o representante do governo italiano, na impossibilidade de comparecer pessoalmente o Sr. Mussolini, e um delegado belga. Estabeleceu-se o desaccôrdo immediato. Sabendo-se que a Alemanha não pagará a quo-

la de indemnização devida aos aliados, pretendia a França que os governos aliados impuzessem immediatamente as penalidades militares constantes da occupação do Ruhr, assegurando assim os fornecimentos necessarios de carvão. O Sr. Bonar Law divergiu inteiramente e a reunião se suspendeu, fracassada, isto é a França discorda da Inglaterra e se rompe *amistosamente* a alliança, no referente ás reparações, reservando-se inteira liberdade e acção. A Italia, julgando igualmente prejudiciaes aos seus interesses a proposta ingleza, evita manifestar-se sobre a França e mantem-se franco atiradora, enquanto a Belgica continua a prestigiar o ponto de vista francez, com o qual o seu interesse se unifica. Enquanto isso, a Alemanha declara que lhe é impossivel cumprir as obrigações draconianas e reclama o Chanceller Cuno a confiança nos intuitos de seu paiz, pois a essa falta de confiança muito se deve a situação alarmante do momento. Nesse chãos politico se inicia para a Europa o novo anno. De um lado o problema das reparações, do outro, a questão do Oriente Proximo, mais além os casos internos gravissimos, a Russia ameaçadora, uma violencia de odios e de temores, eis o momento europeu. Só resta uma esperança ao velho continente: é que da America nova surja essa luz de paz que se escurceu da Europa e sem a qual nenhum esforço medrará, nenhuma boa-vontade ha-de vingar. Inúteis as conferencias. Falta confiança entre os homens.

## Mussolini e a victoria do fascismo

Essa vibrante e ardente epopéa fascista, que revolucionou a Italia depois de uma jornada fulgurante, com espanto do mundo inteiro, é a reacção de mocidade, das forças vivas do paiz contra o fermento anarchista e bolchevista, que a complacencia de governos bastardos deixava contaminar a nação italiana, como aliás outros paizes da Europa. Antes de tudo, seja dito que a situação da Russia não tem, nem póde ter, nenhuma paridade com a dos demais Estados, porque estes, bem ou mal, possuem o governo constitucional, enquanto no velho imperio moscovita o despotismo era a lei das leis, ao arbitrio da corôa. De modo que a victoria da liberdade permittiu o exagero theorico do maximalismo, cuja pratica, aliás, tem revelado uma dictadura não menos tormentosa do que a anterior, variados apenas os aspectos e as classes oprimidas. Portanto, o vento de insanía que agitou a Europa, soprado de Moscov, não poderia ter grandes adeptos. Nem a França conservadora e burguesa, nem a Inglaterra prudente e avisada, nem a Alemanha disciplinada mesmo na derrota, nem nos outros paizes o resultado foi favoravel ao bolchevismo, que encontrou apenas terreno fecundo na Italia. De 1919 a 1921 uma atmosphera turva dominou o ambiente sereno da peninsula. O maximalismo lançou suas raizes e as violencias contra os heroes da guerra, contra a propriedade industrial e commercial, contra a

propria Patria, cresciam sob os olhos daços desses ministros displicentes, que viviam a se succeder num poder deveras precario. Em certa sessão da abertura da Camara, enquanto tresentos deputados gritavam *Viva o Rei!* cento e oitenta respondiam *Viva Lenine!* Em Milão, onde maior era a agitação, insultavam os officiaes, e desgraçados os que andassem de automovel. Em 1920 quando as industrias mostravam ao velho Giolitti, então no poder, suas fabricas com a bandeira vermelha, respondia-lhes o chefe do gabinete — *Mantenho-me neutro!*

Deante da fallencia do Estado, simplesmente fórmal, um fremito correu pela mocidade italiana. O sacrificio tremendo da guerra, a gloria admiravel e a victoria conquistada, tudo era malbaratado nessa decadencia enfermíca em que se via o communismo, a passo largo, tentar a posse do poder, que começava por annullar. Em 1919, na sala de uma escola, meia duzia de individuos de fé ardente e do mais sagrado patriotismo, reuniram-se, não para fundar um partido, mas para iniciar uma obra effectiva de reacção, violenta, embora, porque, nas palavras incisivas de Mussolini, a violencia é muitas vezes moral e necessaria. "Em 48 horas de violencia systematica e guerreira conseguimos, disse elle, o que não teriamos obtido em 48 annos de discursos e propaganda." O fascismo era então chamado *fasci della vittoria*, depois *fasci della realizzazione*, ate o dia em que seu chefe supremo, esse empolgante Mussolini, o denominou *fasci di combattimento*. Aos poucos o movimento foi crescendo, a acção fascista se accentuava. As manifestações em Veneza, as perturbações na Toscana foram os indices primeiros. Em 10 de Março de 1921, em Florença, os communistas atiraram bombas sobre um cortejo patriotico, matando dous manifestantes. No mesmo dia, de tarde, um grupo de fascistas matavam o chefe communista local; em Ancona, assassinavam um Prefeito, em Molo di Bari, um Deputado era morto, enfim, realizavam aquella previsão de Sorel, antes de 1914 — julgando necessaria uma boa dose de brutalidade para restabelecer a ordem na Europa. Estudantes, officiaes, antigos soldados vinham todos se juntar ao grupo, que usa camisa preta, que se disciplina, se arma e quer combater. Nas eleições, conseguem poucas cadeiras, é certo, 31 em 528, mas cresce o movimento nas ruas e no ultimo Congresso de Milão os fascistas em acção eram 450.000. A volta dos *arditi* de Fiume, o accôrdo com D'Annunzio, o enfraquecimento dos governos e do parlamento, tudo se juntava para prestigiar o fascismo, em plena exaltação. O chefe, novo "condottieri" dessa onda de fé e de patriotismo, era o typo forte Benito Mussolini, professor, homem de acção, agitador, violento e voluntarioso, conhecendo a exacta realidade e desprezando infecundos lirismos. Com 36 annos, em 1919, Mussolini havia, desde a guerra, abdicado suas convicções socialistas, batendo-se contra a neutralidade italiana. Durante a guerra combateu até cair ferido. Fundou o *Popolo d'Italia*, em Milão, onde dirigiu o movimento e onde passou o dia tragico de 28 de Outubro, até receber o convite do Rei. Seu ideal assim concretizou: *Tomar posição contra toda tentativa que diminua a idéa da Patria*. De outra feita, num discurso em Setembro ultimo, em Naine, exclamava — "queremos fazer de Roma a cidade de nosso espirito, isto é, uma cidade expurgada, desinfectada de todos os germens que a

corrompem e enlameiam; queremos fazer de Roma o coração palpitante, o espirito emprehendedor da Italia imperial que nós sonhamos". As idéas geraes do fascismo, numa synthese muito rapida, são as seguintes, de cuja pratica ha muito que esperar.

Primeiro, um largo nacionalismo, imperialista na aspiração ardente por uma patria maior; e na vespera de assumir o poder Mussolini pronunciava palavras, até excessivas, a proposito de Tunisia; segundo, o combate ao abuso socialista, não contra o operario, mas contra a exploração communista, pois o fascismo vê o syndicalismo com as melhores disposições; terceiro, reacção conservadora, depurando o meio de todos os males latentes do anarchismo.

Fallando do fascismo, diz um publicista, com muita justeza, que elle nasceu do espirito de resistencia á demagogia, da força oppositora á onda anarchista que, sob variados aspectos, ameaçava a integridade da Italia. Foi o sentimento nacional que despertou diante dos signaes inequivocos de imminente perigo. A Italia que se unificara em 1870, a Italia que passara os horrores da grande guerra, que soffrera a insidia bolchevista na terrivel retirada do Caporetto, que soffrera as torturas cruciantes do Piave, que se laureara magnificamente no Vittorio Veneto — só começou a comprehender que o inimigo interior lhe ameaçava o organismo quando não pôde apoiar o golpe heroico de D'Annunzio, sobre Fiume, a Fiume sempre e visceralmente italiana. Na Italia Nova, então, o espirito ancestral da raça estremeceu. Como que a alma dos consules e dos generaes que civilizaram o mundo antigo pairava por entre as ruinas historicas da Cidade Eterna. Como que as obras de arte, immortaes nos seus templos e nos seus socos, nos advertiam de que uma iconoclastia politica a ameaçava. Como que a nossa historia nos ascensava para que a guardássemos de um attentado intoleravel.

E os homens que vinham das frentes de batalha, cobertos de pó, de fumo, de sangue, com a alma ansiosa pelo lar e o corpo cansado do esforço supremo, viram que não poderiam repousar a cabeça, nem retomar os instrumentos de trabalho sobre a areia movediça das paixões cegas que não deixavam ver a imagem da Patria — e ficavam alerta, de arma em punho, dispostos a um novo sacrificio para conquistar definitivamente a paz e não deixar perecer a gloria dos seus maiores. O fascismo foi, pois, uma congregação dos elementos são da Italia artistica e guerreira, da Italia tutelar e amavel, feita exclusivamente pelo instincto. Foi uma vibração sismica da sua estrutura moral que creceu, tomou todos os ambitos do reino e se tornou força colossal."

O fascismo aspirava o poder, não nos conchevos dos ministerios, mas, como conseguiu, por um golpe de força, de sorte que Mussolini pôde se apresentar de camisa preta, ao Rei, outro grande factor da victoria, pois evitou a luta, negando seu apoio ás violencias do gabinete Facta. Recusa o fascismo vender seu direito contra o prato de lentilhas ministeriaes. Quer o poder, ou tudo ou nada. A historia da revolução, e é bem esse o nome, de 28 de Outubro é muito conhecida para nos dispensar maiores referencias. Em triumpho, Mussolini, com o apoio decisivo de D'Annunzio, entrou em Roma e recebe o poder do Rei Vitor Emmanuel, que, pouco depois assistia a parada fascista, aclamado por milhares de boccos. O momento do combate cessára. A hora é de construir. A parte mais ardua apenas principia e Mussolini, embora ainda violento, já se inclina a actuar com mais cautela. Como observou um jornalista arguto, elle, inimigo dos parlamentares, fez um ministerio em que, somente um ministro não pertence ao Parlamento; elle, que queria o ministerio só fascista, admittiu o concurso de outras correntes, mais moderadas,

representada por Cavazzoni, Di Stefani, Tangorra, Di Cesaro e Rossi. Qual será a obra de organização do fascismo! A grande e variada extensão dos problemas italianos lhe impõe uma prova tremenda para não desmerecer a gloria fulgente que o exalta.

### Mustaphá-Kemal e a nova Turquia

A conferencia de Mundania, depois das rapidas e decisivas victorias do exercito de Angora contra os Gregos na Asia Menor, que levou Constantino a deixar pela segunda vez o throno de Athenas, e, por fim, acarretou a deposição do Sultão da Turquia, caracterizam a brilhante *rentrée* do Estado ottomano no concerto complicado da Europa. O *homem doente* volta a preoccupar as atenções das velhas chancellarias europeas, sobretudo as da Inglaterra e da França, mais directamente interessadas no Oriente Proximo. Recapitulemos um pouco os factos. Quando as grandes potencias, sob a influencia de Lloyd George, por sua vez trabalhada pelo espirito atilado e ambicioso de Venizelos, impuzeram o tratado de Leises á Turquia, ficou claro o intuito de expellir da Europa o imperio ottomano comprimido contra a Asia. A opinião publica recebeu o tratado com a mais viva e dolorosa impressão, considerando-o uma offensa ao Islam e ao imperio do Bosphoro. Ao meio de consternação, enquanto o Governo de Constantinopla, nas mãos fracas de Domad Ferid Pachá, era instrumento docil da Inglaterra, uma voz forte se levantou em defesa da nacionalidade conspurcada. Era a de Mustaphá-Kemal, antigo coronel, personalidade empolgante e que logo se tornou o centro da resistencia nacionalista. Valeu-lhe ser mandado para a Asia Menor, como inspector do 3º corpo do exercito. Era, porém, um meio habil de afastar de Constantinopla esse elemento adverso. A perseguição aos outros adeptos da causa foi pertinaz e é sabido que a Inglaterra lhe deu o maximo apoio, fazendo-a até por conta propria. Mustaphá, na Asia Menor, onde se refugiaram outros nacionalistas, aproveitou o ensejo para organizar um exercito forte a serviço da causa nacional. De Stambul lhe vieram os melhores auxilios e decisivos apoios, como o de Réouf bey e do Principe Selim Effendi. O Coronel Bekir Sami levou-lhe 10.000 homens de tropa, em boas condições. Afinal, em 23 de Junho de 1919, Mustaphá convocou, em Erzeroum, um Congresso Nacional, onde foram lançadas as bases de pacto nacional, em que se reivindica para a Turquia toda a Asia Menor e a Thracia, com uma fronteira que evitasse qualquer aggressão contra Andrinopla. Debalde Domad Ferid Pachá intima o chefe nacionalista a voltar a Stambul, eliminando-o mesmo do exercito turco. Em 1º de Setembro de 1919, novo Congresso se reúne em Sivas e depõe Domad Ferid. Estava travada a luta entre o gabinete ottomano e Mustaphá Kemal. Em 16 de Março de 1920, os Alliados tomam posse official de Constantinopla e intimam o Governo do Sultão a suffocar o movi-

mento nacionalista, obtendo mesmo que o Cheik-al-Islam lance o anathema contra Kemal. Este responde que conhece o merito dos actos do kalifa, pois sua liberdade estava sob coacção estrangeira, golpe de rara habilidade, evitando complicações embaraçosas. Em 23 de Abril de 1920, reunia-se em Angora uma Assembléa Constituinte. Enquanto isso, na Conferencia de San Reno (Abril de 1920) os Alliados decidiam as ultimas imposições a fazer á Turquia, que recebeu cheia de indignação, de revolta e de luto, a sentença contra sua patria. Foi então que os kemalistas se decidiram a lutar até á victoria, que já lhes raiou.

Não é preciso rememorar o golpe dos kemalistas expulsando os Gregos cobiçosos da Asia, inflingindo-lhes uma derrota humilhante, que afastou pela segunda vez do throno esse inquieto Constantino, levou ministros á pena derradeira e, de novo, poz a Europa em sobresalto. A politica ingleza, interessada na posse do canal de Suez e na ascendencia sobre os mahometanos da Asia e da Africa, vio-se, de subito, perpedoente. O Governo de Constantinopla, sobre o qual influia directa e immediatamente, foi deposto pela Grande Assembléa de Angora, em 19 de Novembro ultimo, que decidiu governar soberanamente sobre a Turquia, como representante do povo. Mahomet VI, sem mais poder politico, ou religioso, por que lhe foi tambem retirado o califado, fugio espavorido, no cruzador britannico «Malage», que o levou a Malta, enquanto se dissolvía seu harem de trezentas mulheres...

A Turquia volve á Europa, mas de todo diferente. Não é mais o Sultão, senhor soberano e prepotente, mas, em geral, subjugado ás grandes potencias, que se abriga na Sublime Porta. E' um Governo representativo, cuja soberania pertence ao povo, eleitor da assembléa legislativa e executiva, pelo suffragio universal. E ao povo cabe tambem o poder religioso, pois o Califa de Islam, deixando de ser exercido pelo Sultão e perdendo a hereditariedade, é escolhido pela Assembléa, entre aquelles que se recommendarem «por suas qualidades moraes, seu talento e seu procedimento», com a unica restricção, de que será escolhido dentre a familia de Osman. Já foi escolhido e empossado na alta investidura Abdul Medjid, primo do Sultão deposto.

E' incontestavel que a revolução formidavel de Mustaphá-Kemal, não só deslocou o eixo da diplomacia europeia, quanto ao Oriente, bem como significa a transformação radical do regimen grego, de um despotismo pessoal, para um sistema representativo, em que o poder politico está separado do religioso e que tende a uma organização republicana, nos moldes da democracia moderna. Sob o ponto de vista internacional, a mutação rapida e violenta do scenario do Oriente Proximo nos deixa ainda desorientados, na indagação dos resultados da epopéa kemalista. A subtil filigrana que, em torno do problema, vêm tecendo os diplomatas europeos, desde que o Congresso de Berlim, em 1878, parece

que se rasgou pelo golpe da espada nacionalista de Mustaphá-Kemal. Será possível remendar-a? Ou começarão outro tecido? Esperemos.



### JOHAN BOJER E OS ESCRITORES CONTEMPORANEOS DA NORUEGA

Nada do que escreve o grande romancista norueguez Johan Bojer é indifferente. A sua larga visão que parece descortina o mundo e a humanidade em um unico e magistral golpe de vista, faz delle não um dos primeiros escriptores da Noruega, mas um dos primeiros do mundo que pensa. Num curto e substancial artigo publicado pela "Revue de Genève", o autor do "Cameleão", julga rapidamente os "quatro grandes" noruegueses do fim do ultimo seculo. E é para elle uma occasião de formular umas certas considerações desabusadas a respeito da ephemeridade de certas obras celebres. Segundo Johan Bojer os "quatro grandes" noruegueses eram antes de tudo promotores de idéas. E essas idéas, porque se implantaram na nossa sociedade humana, vencendo e vingando, perderam o magnetico interesse que tinham, levando as obras, que as lançaram no tumulto da vida, á indifferença e ao olvido. "Suas obras estavam muitas vezes ao serviço da sua acção nas lutas do dia, mas a luta acabada, as obras murcharam."

Ibsen, o primeiro, já não offerece mais esse interesse palpitante da vida ambiente. A sua Nora já nos deixa impassíveis quando defende os direitos da mulher. E' que ha muito que a mulher, na Noruega, pôde ser banqueiro ou Ministro; sua concurrencia elimina o homem de uma quantidade de situações, e nada mais a prende quando ella quer deixar o marido para "realizar a sua vida". Ibsen critica a atonia religiosa em *Brandt*; quando lemos *Brandt* hoje não podemos comprehender nem as suas razões nem a razão da peça. Os contos provincianos de Bjornson appareceram como uma revelação de mundos novos e desconhecidos. Elles dão hoje uma impressão de romantismo pueril. E no entanto são sempre verdadeiros, mas a tolerancia religiosa e o estudo das sciencias naturaes nas escolas, que elle reclamava, são hoje realidades communs. Os romances de Kjelland são romances de these, em que se affirma uma critica radical da religião, da burguezia e da politica. Mas hoje só se lê suas obras por causa do estylo, da poesia que delle se desprende e do seu profundo sentimento da natureza. Jonas Lie, admiravel romancista, propunha-se muitas vezes um fim nos seus livros, mas o que permanece é só a genialidade do seu golpe de vista e a sua fórma creadora.

Esses quatro autores honram uma pequena nação como a nossa, escreve Bojer, mas hoje elles não contam um só discipulo. A geração de escriptores que lhes succedeu seguiu o seu proprio caminho. "E' natural que uma grande época provoque uma reacção. Os antigos eram de um radicalismo extremo. Agitavam grandes idéas, queriam a todo transe melhorar o destino dos homens, a "sociedade", a religião... A nova geração adquirio bastante experiencia para saber que tudo não é bom no que é novo nem tudo ruim no que é velho". Abandonou-se quasi que por completo os problemas sociaes. Os jovens dramaturgos e romancistas occupam-se do homem mesmo, que é e permanece o eterno enigma. Arne Garborg fez transição entre os antigos e os modernos. Principiou como naturalista, para depois passar a ser lyrico romantico, (*Haugtussa e o Inferno*), e finalmente religioso, (*o mestre, Jesus o Messias*). Segue-se-lhe Knut Hamsun, que, a principio influenciado por Dostoiewski, (*A Fome*), liberta-se e affirma-se como um mestre incomparavel em *Pan*. Não se contam os escriptores que imitaram o genero de *Pan*. Titular do Premio Nobel com *A safra dos campos*, Knut Hamsun, aristocrata, intellectual, é um sceptico a respeito da civilização moderna, é o "grande Pan da litteratura nordica". Em 1890-mais ou menos, eis que surgem dous poetas: Obstfelder e Vilhelm Krag, que desprezam as lutas sociaes do momento para cantar a louçania da natureza e os singelos prazeres bu-

colicos. Hans E. Kinck, cuja vasta cultura o afasta do grande publico mas lhe dá um dos primeiros lugares na administração da elite; Jakob B. Bull, de um lyrismo um pouco convencional, que canta velhos feitos guerreiros; o popular dramaturgo Peter Egge; o velho Gunner Heiberg que, com suas peças, vibrantes de vida sensual e apaixonada, (*O Balcão, A Tragedia do Amor*) é sempre jovem; Nils Collett Vogt, um lyrico de alta linhagem e de nobre sentimento; Herman Widenrey um trovador risonho; Olaf Bull, poeta mais grave mas não menos harmonioso, o Verlaine norueguez; John F. Vinsnaes, que segue antigas tradições; Johan Falkberget habil pintor da vida popular; Olav Duun, um camponez do Namdal; Nils Kjaer, espirituoso autor comico e a Sra. Ligrid Undset que critica e combate os excessos do feminismo victorioso: todos estes possuidores de um talento original, vivo, fecundo, despreoccupam-se por completo das questões que dominaram os espiritos de Ibsen, Bjoernson, Jonas Lie e Kjelland. Não ha relação nenhuma entre estes e aquellos, e se Bjoernson voltasse entre os vivos e perguntasse a um dos seus successores, — "Continuastes a nossa acção? Adiantastes alguma cousa?" a resposta, diz Bojer, seria: "Não". E este dialogo que transcrevemos estabelecer-se-hia entre os dous:—"Em que acreditaes?" — "Não sabemos". — "Que pensais da mulher?" — "Amamol-a". — "E que pretendeis fazer para o bem dos homens?" — "Não sabemos". — "Que pensais das questões sociaes?" — "Não cuidamos disto". — "Porque escreveis então?" — "Para crear belleza sobre a terra. Para descrever a vida em movimento".

Esta ultima phrase de Johan Bojer resume as tendencias diversas da moderna geração norueguez, que são as de todos os verdadeiros modernos, como ella caracteriza o proprio Bojer, cuja obra livre, larga, vasta como a alma humana, não conhece limites ethicos e despreza intuitos sociaes. Bojer não cita o maior escriptor norueguez contemporaneo, que é o proprio Bojer, que mais do que qualquer romancista contemporaneo deu ao romance a sua unica feição aceitavel.

### AS MENTIRAS DE CHRISTOVAM COLOMBO

Vivemos numa curiosa época em que os factos os mais comprovados da historia são revistos, analysados, dissecados sem respeito numa ancia de exactidão e de minucia que pôde até parecer sacrilega. A grande discussão sobre Shakespeare não terminou e já se ataca agora o exame da personalidade de Christovam Colombo, que, affirmam certos eruditos compiladores não passou de um ignorante e de um intrujão. Num interessante artigo da "Revue Universelle", o Sr. Marius André resume os estudos feitos a respeito do descobridor da America, estudos que vertem sobre Colombo a luz prosaica da verdade, despidida dos ouros da lenda e da fantasia.

Parece á primeira vista que a vida de Colombo deve ser das mais faceis de se conhecer, dado o grande numero de documentos que possuímos. O proprio descobridor deixou extensas memorias que formam numerosos volumes, (*Scritti di Cristoforo Colombo*. — *Relations des quatre voyages entrepris par C. C. pour la découverte du Nouveau monde*, etc.) assim como o seu filho Fernando e o seu amigo Les Casas. Mais recentemente, certos partidarios (pois Colombo tem partidarios e adversarios igualmente decididos) como Washington Irving, Roselly de Lorgues e Léon Bloy, consagraram-lhe longos estudos. Mas ao lado destes admiradores dythirambicos, Colombo conta hoje um certo numero de detractores que, com uma paciencia inaudita, se applicam em diminuir o vulto ingente do Navegador. A historia de Colombo, segundo elles, não passa de uma lenda, quicá de uma mystificação. Na segunda metade do seculo XIX, principalmente de 1880 para cá, eruditos eminentes, entre os quaes se destacam o Americano Henry Vignaud e Carlos Pereyra, tem desenvolvido uma verdadeira offensiva contra a chamada lenda de Colombo. Vejamos este novo aspecto do illustre navegante, que se nos offerece como correspondendo á simples verdade.

Christovam Colombo, segundo a versão universalmente aceita, nasceu em Genova, de uma illustre familia descendente de Colonius que trouxe á Roma Mithridato prisioneiro e foi consul. O jovem Christovam, na universidade de Pavia, formou-se em cosmographia, astrologia e geometria, entra na marinha de guerra e faz campanha como commandante de uma galera do Rei Renato. Dicando-se á grande navegação, vai habitar em Portugal onde se casa e se aperfeioa em cosmographia e astronomia. E' lá que a grande idéa

da descoberta lhe vem á mente, mas, não sendo attendido pelo Governo portuguez passa para a Hespanha onde consegue realizar o seu grandioso plano. Pois bem. Tudo isto é falso no dizer de Henry Vignaud e outros. Colombo nasceu em Genova, mas seu pai humilde artezão nada tinha com o grande Colonius. Christovão não se formou em nada, tendo-se dedicado ao officio do pai e viajado um pouco como commerciante. Mas o jovem genovez gosta da leitura e é della que elle vai tirar as suas numerosas citações. Passando por Lisboa, em 1478 ou 1479, abandona os negocios e casa-se com a filha do grande navegador Perestrello.

Portugal vivia naquella época um grande momento de entusiasmo. Não é de admirar que Colombo tenha sido seduzido pela maravilhosa miragem que a todos fascinava. Dahi a sua idéa de explorações longinquas. Faltavam-lhe, porém, a sciencia e a technica. Como navegante, Colombo não excedia nenhum mediocre capitão contemporaneo. Entre outras "fraquezas" Colombo não sabia utilizar o astrolabio. Não sabia fazer o ponto. Dahi os seus erros de observações e a ignorancia, em que ainda estamos do ponto em que tocou pela primeira vez a esquadra hespanhola. Na segunda viagem, os Reis Catholicos tiveram que o fazer acompanhar por um technico astronomico. A primeira viagem do Genovez tinha um caracter altamente scientifico. No entanto, Colombo não tinha um plano bem definido. Queria descobrir, descobrir qualquer cousa!... Fallava-se numa ilha mysteriosa, "Antilia", situada no Atlantico occidental. Contava-se que certos navios perdidos já tinham abordado nella. Os monges geographos do Mosteiro da Rabida, confirmam Colombo nesta idéa. E Colombo volta á Hespanha certo de que descobriu a "Antilia". Mas apenas chegou que os sabios lhe suggerem outra crença. "Não! affirmam elles. Não descobristes a "Antilia". Cuba não é uma ilha; é o continente asiatico". E durante todo o resto da sua vida Colombo vai affirmar que o seu projecto era descobrir o caminho das Indias e que o tinha conseguido. Para maior segurança, elle obriga a tripulação a jurar, se fôr necessario, que Cuba é a Asia.

Eis o que vem destruir a lenda de Colombo, homem de sciencia e de progresso, perseguido por monges ignorantes e sectarios. O contrario parece mais verosimil: isto é, que a ignorancia e as affirmações audazes e erroneas do Genovez tenham provocado serios e bem fundados protestos por parte dos cleros, entre os quaes se contavam illustrados astronomicos e geographos. O jornal de bordo do descobridor revela a mesma ignorancia, pelas observações ou mais frequentemente pela ausencia dellas, que elle substitue por formosos trechos de descripção, como a do ultimo dia de navegação antes de avistar a nova terra, em que elle se mostra um poeta artista e de rica imaginação. Mas isto, como o resto da vida do navegador, considerado sob o ponto de vista da critica scientifica não passa de manifestação desta arte suprema de mentir que caracteriza o Genovez.

Colombo, despido das pompas de uma lenda grandiosa, não passa de um mentiroso. Mente quando nos deixa falsas informações sobre a familia, a sua mocidade e os seus pretensos estudos e campanhas maritimas, mente quando procura mostrar aos hespanhóes uma sciencia inexistente, mente no seu jornal e nas suas memorias, fornecendo dados e observações inexactas. O seu genio da mentira leva-o a exceder os limites da realidade, para fazer intervir o maravilhoso, como quando conta que, os ventos tendo cessado, sua esquadra é levada á terra pelo mar, como os navios de Moysés indo libertar os Hebreus escravos do Egypto; quando descreve a primeira enseada descoberta, tão grande que é "capaz de conter todos os navios da christandade", quando se refere aos naturaes da ilha visinha que são anthropophagos e "têm um olho só"; quando falla nas sereias ou nas amazonas que "vivem numa ilha afastada sem nenhum homem"; quando Jesus lhe apparece e lhe promete fabulosas quantidades de ouro. Este ouro, unico desejo dos Hespanhóes, não lhes foi dado por Colombo. Suas viagens só deram deficit. Foi o tributo de outros navegantes, menos illustres, porém, mais positivos. Tendo baseado toda a sua vida sobre a mentira, Colombo, já envelhecido, allucinado, acabou victima della. Enquanto outros descobriam riquezas, o genovez perdia o seu tempo em identificar o Venezuela com o Paraizo, Haiti e Veragua com as minas de Salomão e de David. E assim, pouco a pouco, desconsiderado, cabe o grande Heróe, indo morrer como se sabe. Este curioso caso de mentira doentia fez de Colombo um outro homem, diverso daquelle que conhecemos, menos per-



feito, mas mais humano. E se a descoberta da America é o fructo da mentira é de se considerar a mentira rehabilitada...

### A QUESTÃO DA IDENTIDADE DE SHAKESPEARE

Estaremos em vespéras de uma solução definitiva da sempiterna questão shakespeariana? Pergunta um chronista. O "Mercure de France" publica um estudo que se refere ás recentes descobertas do Coronel Fabyan, chefe do serviço cryptographico do exercito americano. Taes descobertas revelar-nos-hiam nada menos do que a vida de Francisco Bacon, escripta por elle proprio em lingua-gem secreta e da qual se depreheende que Bacon não é apenas o verdadeiro autor das obras de Shakespeare, como também que escreveu sob o nome de Spenser, de Robert Green e de Marloe. Tal asserção baseia-se sobre o seguinte facto: Bacon descreveu numa das suas obras um processo cryptographico, que utilizava não signaes convencionaes, mas sim fórmas differentes de lettras, maiusculas ou minusculas, direitas ou itali-cas. Ora, examinando a inscripção sepulchral original de Shakespeare, na igreja de Stratford, datada de 1616, notam-se tres fórmas de lettras, e do mesmo modo se observam diversas fórmas de lettras na inscripção que se encontra por baixo do supposto retrato de Shakespeare, e no frontespicio da edição das suas obras, datada de 1623; interpretando estas diversas fórmas segundo o processo baconiano, obtem-se precisamente o nome de Francisco Bacon de Verulaniro. O investigador americano não ficou por aqui, mas estendeu as suas investigações a todas as obras impressas naquelle tempo, em que o emprego de diversas lettras podia fazer suppor um texto cryptographico, e com esse meio affirma haver chegado a reconstituir a verdadeira vida de Bacon. Segundo o estudo a que se entregou o Coronel americano, Francisco Bacon teria nascido dos amores de Elizabeth de Inglaterra, a Rainha donzella ("The maiden Queen") e do Conde de Leicester. A mãe odiava, porém, o filho e tel-o-hia mandado matar, se Lady Bacon não o tivesse adoptado. Depois de adulto, Bacon teve sempre de lutar contra a inimizada da mãe, que lhe preferia outro filho, que também tivera do Conde de Leicester, Roberto, Conde de Essex. Estabeleceu-se uma terrivel rivalidade entre os dous irmãos. Para esquecer as suas desventuras, Bacon entregou-se então a trabalhos scientificos e artisticos; occultou, porém, a paternidade destes ultimos, porque as obras dramaticas escriptas por elle eram submettidas á mais severa censura e uma unica palavra que pudes-se parecer allusiva a sua mãe ter-lhe-hia custado uma morte terrivel. O Coronel americano descobriu toda esta historia nos livros do tempo, contendo paginas, ás quaes applicou, segundo elle pretende, o systema cryptographico baconiano. Podem, porém, fazer-se algumas objecções. Bacon deveria ter sido o editor de todas estas para lhes poder applicar o seu systema. Ora, algumas dellas apresentam uma data posterior de uns dez annos á da morte de Bacon, que corresponde geralmente á data de 9 de Abril de 1626. A não ser que se haja também falsificado a data da morte desta curiosa personagem, que se acha envolvida em tão romanesco mysterio.

### QUAL É A ILHA, DE ROBINSON CRUSOE?

A ilha de Robinson Crusoe de que falla Daniel De Foe existe realmente ou não passa de uma phantasia forjada pelo autor inglez?

É um ponto que a critica, que tudo explora e analisa, não deixou de estudar, fornecendo, como de costume, numerosos argumentos. Desde 1719, anno em que foi publicado o celebre romance de De Foe, os criticos inglezes têm feito varias tentativas para identificar a famosa ilha deserta. Alguns affirmam que foi á ilha de Juan Fernandez, perdida no oceano Pacifico, em frente á costa chilena, que Robinson Crusoe foi atirado pela tempestade. Mas esta hypothese prova uma ignorancia total do romance, pois Robinson embarca no Brasil para ir á costa da Africa comprar escravos e é durante a travessia do Atlantico que o seu navio sossobra. Houve, entretanto, um homem que viveu só mais de quatro annos na ilha de Juan Fernandez: o marinheiro escossez Alexandre Selkirk, cujas aventuras foram conhecidas de todo o Reino Unido, nos primeiros annos do seculo XVIII.

Outros criticos, mais logicos e mais verossimeis, adoptaram a pequena ilha de Tobago, nas Antilhas. Elles pretendem que a

costa longinqua que Robinson Crusoe avistava nas brumas do horizonte maritimo é a ilha da Trindade. Certos geographos como Vivien de Saint Martin, no seu *Novo Dictionario de Geographia Universal* (VI, 289) e Elysée Reclus, no seu livro *L'Amérique du Sud* (I, 72) manifestam-se da mesma opinião. O governador de Tobago, orgulhoso desta honra conferida á sua pequena ilha, quiz, á sua vez, fornecer provas mais cabaes, indo até affirmar, em um artigo publicado pelo "Times", de 2 de Fevereiro de 1901, que tinha descoberto a caverna de Robinson, é, cavando o solo, achado o esqueleto do bóde que o famoso solitario enterrou, não hesitando em acrescentar que tinha "encontrado n'uma praia de Tobago algumas pisadas de Sexta-feira..." Semelhantes disparates longe de desconsiderar o governador despertaram um certo interesse, o famoso esqueleto sendo mesmo exposto na Exposição Universal de Chicago em 1893. Ha poucos annos, dous criticos inglezes, A. Hyatt Verrill e Chifford Howard, resumiram em artigos de revista as principaes hypotheses em presença, e, impressionados pelas provas materiaes que acabamos de assignalar, concluíram sem hesitação a favor de Tobago. (*Mercure de France*, Maio e Junho de 1922).

Das alturas em que elle se acha, Daniel De Foe deve sorrir dessas hypotheses e dessas discussões. O illustre escriptor tinha por costume mystificar os seus leitores, publicando falsas memorias que apresentava como authenticas. Robinson e Sexta Feira nasceram na imaginação de De Foe, assim como o bóde de que tanto se fallou. A historia do marujo escossez da ilha de Juan Fernandez, forneceu-lhe talvez a idéa central de seu celebre romance. Para identificar com certeza no mappa do globo a ilha onde Robinson passou 28 annos, 2 mezes e 19 dias, basta se lêr com attenção as duas primeiras partes do romance. O proprio titulo da obra é bastante significativo: "Vida e Aventuras estranhas e sorprendentes de Robinson Crusoe, nativo de York, marinheiro, que viveu 28 annos só em uma ilha deserta da costa da America, perto da embocadura do rio Orinoco" Ora, em Setembro de 1659, data do naufragio, a ilha de Tobago não era deserta: havia vinte annos que os Holandezes tinham fundado nella uma colonia. Basta este facto e a situação de Tobago, muito distante do Orinoco, para arruinar esta these, baseada sobre frageis raciocinios.

Daniel De Foe conhecia bastante a geographia da America do Sul para não indicar mais claramente a ilha do Tobago, se quizesse que fosse ella o theatro das aventuras de Robinson, e, na realidade, a ilha do solitario é uma simples imaginação do autor, em que elle ponde, em toda liberdade, fazer viver o seu immortal heróe.



### O ENSINO TECHNICO PROFISSIONAL

Commentando um projecto do deputado Fidelis dos Reis acerca do ensino tecnico profissional, o nosso illustre collaborador Sr. Victor Viana defendeu a obrigatoriedade do mesmo, no Brasil, para todos que não se destinam a profissões liberaes e a altos estudos, "Mas, diz, é preciso frizar que não participo da perigosa corrente que pensa apregoar a instrucção technica menos para a cultura litteraria e scientifica. Para mim, uma nação de sabios vale mais do que uma nação de artifices. Para mim, dous "theoricos" valem mais do que cem mil "praticos". É preciso porém, não confundir "theoria" com psittacismo, com decoraçáo de formulas com meia cultura, com estupidez formalistica, incomprehensão repetidora, anachronismo convencional de noções. Mas, se o ideal seria que todos fossem theoricos, não é possível estender por emquanto essa theoria a todos. O ensino theorico é a theoria das artes mecanicas, e é indispensavel á civilização moderna.

Na Inglaterra, na França, nos Estados Unidos, na Alemanha, o ensino tecnico já penetrou nas escolas primarias, nos lyceus, nas escolas normaes. É a tendencia universal, nos Estados, de um verdadeiro ensino para a Não devemos clvidar esses exemplos. O ensino tecnico profissional ainda está por fazer no Brasil. A não ser alguns ensaios aqui e habilitação technica de accôrdo com a pedagogia moderna, não tenho visto comtudo noticia senão de institutos de typo salesiano. Escolas que são por ali elogiadas, escolas que são apresentadas como exemplo aqui e nos Estados, a não ser a excepção de algumas tentativas e de esforços isolados de certos directores e certos professores, são o que ha de mais salesiano e o que ha de menos moderno. Não quero com isso negar a efficiencia do typo salesiano, os beneficios que tem prestado aqui, como no mundo inteiro, a sua grande influencia no progresso pedagogico e nas realizações de verdade; não quero negar os aperfeiçoamentos que tem recebido depois do impulso genial de D. Bosco. Quero dizer que a civilização de hoje e as especulações pedagogicas crearam outro typo que corresponde melhor ás necessidades da sociedade e dos individuos e que facilita a obra de habilitação technica. O Brasil precisa de altos estudos, de refundição do ensino das escolas de profissões liberaes, de formação de um verdadeiro ensino secundario, o qual deve ter aliás, contacto com o ensino tecnico. Mas todas essas necessidades, resultantes da civilização actual, tão complexa e tão exigente, não excluem, ao contrario, reclamam o complemento tecnico, mesmo para os que se destinam a outras carreiras. A complexidade moderna obriga a especializações, mas não póde haver especialistas perfeitos sem um preparo geral e encyclopedico. É por isso que por seus intuitos, ideal e fins, considero util, de alta significação, o projecto do Sr. Deputado Fidelis Reis, melhorado pelo substitutivo do Sr. Deputado Tavares Cavalcante."

### A CONSTRUÇÃO DA NOVA CAPITAL DA REPUBLICA

A proposito da construcção da nova capital da Republica, no planalto de Goyaz, como determina a Constituição, o Sr. Alves de Lima, alto funcionario do nosso corpo consular, escreveu o seguinte: A Camara dos Deputados já mandou para o Senado o projecto de lei autorizando o dispendio annual de quinze mil contos para construcção da nova Capital Federal. Ainda que convertido em lei, a sua execução será muito tardia quando os factos passados, e bem recentes, nos estão mostrando a conveniencia da sua prompta adopção. Dispondo o Governo Federal, como sabemos, de uma área de 14.400 kilometros quadrados, não faltará quem se proponha a fundar a nova capital com todos os requisitos para entregal-a, de mão beijada aos poderes publicos, cedendo-lhe, além da área necessaria para a fundação da mesma cidade, uma certa quantidade de terreno, gratuitamente, que viria compensar as despesas feitas com as construcções, inclusive com a isenção de impostos durante um numero convencionado de annos. O governo, nessa transacção, ficaria com a sua capital de graça, e a empresa sufficientemente indemnizada pela valorização dos terrenos dados em pagamento. Tudo isto dentro de um quadriennio presidencial, já se vê, com um local já servido por estrada de ferro. Seria uma transacção magna e intelligente, trazendo a grande vantagem de mostrar ao legislador brasileiro que a terra só tem valor venal e intrinseco com a presença do capital e do trabalho, que, por isso mesmo, não deviam ser taxados. O contrario, simplesmente, do que se tem feito até aqui."

### A CANALISAÇÃO DO RIO TIETE

O Sr. Custodio Alves de Lima, commentou ha dias, n' *O Paiz*, a noticia de que um syndicato hollandez, representando uma companhia de dragagens em Haya, acaba de apresentar uma proposta á Camara Municipal de S. Paulo para a canalização do rio Tieté, desde a Penha até á Lapa, bairros da mesma cidade. Em minucioso relatorio, dizem os proponentes que o curso actual do rio, entre estes dous pontos, que é de 30 kilometros, ficará reduzido á metade. O canal terá seis metros de profundidade, com a largura minima de 20 metros. A's margens do canal serão construidas duas avenidas com quarenta metros de largura e 15 kilometros de comprimento. Os proponentes pedem dez mil contos em lettras, a juro de 7%. O trabalho será entregue dentro de tres annos.

Com a canalização do Tieté, o município aproveitará cerca de tres milhões de metros quadrados, situados ás margens. Feita a canalização, ficarão sanadas as graves consequências das enchentes do Tieté, como as actuaes. Diz o Sr. Alves de Lima que, nas condições em que é apresentado este melhoramento de effeito altamente reproductivo, sob todos os pontos de vista, seria o caso de amplial-o, normalizando o curso das aguas do mesmo rio até á sua foz, por meio de comportas. O facto do Estado de S. Paulo estar ligado com Matto Grosso pela Estrada Noroeste, e, se não estamos mal informados, por uma estrada de rodagem até á baranca do rio Paraná, não quer dizer que a canalização do rio Tieté, para o transporte de mercadorias, occupando grande espaço e que, pelo seu valor intrinseco, não podem supportar grandes fretes, deixe de ser um grande passo para desenvolvimento do seu grande e rico valle. E' sabido, e disso temos conhecimento pessoal, que as terras a aproveitar são as que mais se approximam das barrancas do mesmo rio. Pela sua extensão territorial nenhum paiz tem feito mais em favor do seu systema de transportes do que os Estados Unidos. As estradas de ferro e, sobretudo, as de rodagem, augmentam sensivelmente, todos os dias, graças á acção benéfica e civilizadora do automovel e do caminhão. Não é de hoje que o Oéste dos Estados Unidos se comunica com o Léste, pelo canal Erie, via-rio Hudson, até Nova York, a metropole americana. Tambem o norte do paiz, servido pelos grandes lagos, Superior, Michigan, Huron, Erie e Ontario, se comunica com o Atlantico, via-canal Santa Maria e rio S. Lourenço, Dominio do Canadá. Mesmo assim, cidades importantes, como Chicago, Dulut, eté, admiravelmente servidas por esse grande mediterraneo, fazem questão da construcção de um canal de sufficiente profundidade para a navegação de navios de alto bordo, que levem, sem transbordo, os seus productos ao estrangeiro. Fallando da canalização do rio Tieté, trabalho, aliás, viavel, depois dos estudos da commissão geologica de S. Paulo, convém notar que a mesma fórmula poderá ser applicada ao Rio Parahyba, pondo, assim, em contacto o Estado de S. Paulo com o mar, via Campos de Goytacazes e S. João da Barra. Que grande commercio não se iria formar nessa rica zona, susceptivel de muito maior expansão! Tudo isso possivel, de facil execução, querendo os dous Estados darem-se as mãos em favor de uma obra tão meritoria. Já houve, mesmo, em outros tempos, uma pequena navegação por meio de balsas, na secção paulista, que teve de ser abandonada por não convir ao commercio o pagamento de mais dous fretes, acompanhado de demoras, logo após a inauguração da Estrada S. Paulo-Rio de Janeiro, mais tarde fundida com a Estrada de Ferro Central do Brasil.

E o que havemos de dizer do rio Paraná, em parte beneficiado pela Companhia Matte Laranjeira e a Navegação São Paulo-Matto Grosso, seguido pelo S. Francisco, esse outro mediterraneo, fecundando seis grandes Estados: Minas, Bahia, Goyaz, Alagóas, Sergipe e Pernambuco?

### A NAVEGAÇÃO DO AMAZONAS

Noticiaram os jornaes que as bancadas dos diversos Estados que constituem a Amazonia, formando um só bloco, se dirigiram ao Presidente da Republica, reclamando providencias que evitem perca a Amazonia o unico serviço de navegação que ainda alli existe organizado.

Este gesto de solidariedade entre as bancadas do extremo Norte, unidas num momento em que a Amazonia está ameaçada de ficar sem transportes para a sua producção, bem pôde ser o inicio de uma politica nova naquellas paragens. Como justamente observa o Sr. Alberto Moreira, que conhece perfeitamente as necessidades e as possibilidades da Amazonia, a região do extremo norte brasileiro precisa offerecer uma frente unica na politica nacional. Os interesses do Pará, do Amazonas, da zona amazonica de Matto Grosso e do Acre têm, em geral, a mesma modalidade e exigem as mesmas soluções. O descaso da Republica pela Amazonia, por essa Amazonia que atulhou os cofres federaes de dinheiro, que enriqueceu o patrimonio nacional com 45.476.536 contos, ascenderá ao auge se não fôr renovado o contrato das linhas de navegação, a cargo da "Amazon River". A empresa que mantém a navegação regular em toda a Amazonia, com vapores apropriados e que são os melhores no genero, na navegação fluvial de todo o mundo, percorre nas linhas que tem inicio no Pará 211.242 milhas annuaes e nas linhas que tem inicio em Manáos 146.146 milhas,

perfazendo um total de 357.388 milhas de percurso. Do Pará partem, em viagens regulares, vapores para Manáos, Tapajoz, Mauéas, Solimões-Javary, Madeira, Purús-Acre, Oyapock e Pirabas, e de Manáos partem para Autazes, Rio Negro, Madeira, Japurá, Purús-Acre Juruá. Estas linhas regulares fazem o serviço de cerca de trezentos portos, que ficarão privados de communicações, se providencias acertadas não forem tomadas a tempo. Basta examinar os valores da nossa exportação e importação antes e depois da guerra, nos Estados do Amazonas e Pará, para se medir o crime enorme do abandono, a que foi votada essa fertilissima região. Em 1913 os dous Estados importaram mercadorias no valor de 64.585 contos e exportaram 153.099 contos e no anno findo a importação baixou a 28.287 contos e a exportação a 76.600 contos. E' essa differença de £ 7.564.000 nas nossas exportações do extremo Norte que desorganizam os nossos cambios, pois supprimam esas praças, as letras precisas, exatamente no momento em que escasseiam as letras dos outros productos. Se não garantimos por uma navegação regular a possibilidade de reorganizar a vida nos seringas, a Amazonia retrogradará aos tempos primitivos, em que constituia objecto exclusivo de investigações scientificas. E nesse crime, neste seculo de grandes ambições territoriaes, não ficará impune, e se nós tomamos á Bolivia esse Acre que era della pelos Tratados e que nós fizemos nosso pelo povoamento, não teremos autoridade para impedir que outros povos façam o mesmo.

### O PROBLEMA DO RIO S. FRANCISCO

Lemos Britto, que é um dos nossos raros escriptores preocupados com a solução pratica dos nossos grandes problemas, num artigo publicado n' *O Imparcial*, trata do problema do rio S. Francisco. Divulga elle que se conseguiu incorporar na Europa uma empresa de vultosos capitaes, para exploração do rio São Francisco, aproveitando-lhe as aguas para um processo especial de irrigação fertilizadora de uma zona até aqui desamparada por força das condições peculiares ao clima do sertão. A região do São Francisco, como bem diz o nosso patricio, é um mundo. Não sei de trecho do paiz mais feraz e mais rico, nem assim adaptada a uma industria criadeira intensiva, do que esse do imenso rio interestadual. No dia em que, á maneira do que os inglezes fizeram com o Nilo, se despejar por aquelles valles maravilhosos o humus fertilizante que elle carrega nas suas cheias, e se aprestarem de meios efficientes as empresas que monopolizam a sua navegação abaixo e acima das cachoeiras, acabando-se, por um processo intelligente de eclusas lateraes, já estudado pelo Engenheiro Julio Brandão, com o obstaculo secular das corredeiras e das quédas violentas, nesse dia, que não vem longe, o São Francisco offerecerá aos incredulos e aos homens sem iniciativa o espectáculo surprehendente de uma actividade febril e de uma riqueza que seria sufficiente para assegurar a existencia de uma nação. A proposito do potencial economicó do rio S. Francisco, chama elle a attenção da Camara dos Deputados, para um dos seus principaes problemas, que é o da comunicação e transporte. "Bem inspirado, escreve, o passado Governo ao construir em Pirapora uma ponte metallica sobre o rio de que me occupo, estabelecendo assim a ligação das duas margens por estrada de ferro. Mas, convém não perder de vista que a região do S. Francisco abraça os territorios de quatro grandes Estados, e que é precisamente numa faixa mal servida de navegação que se despejam as boiadas vindas de Goyaz, na média annual de cincoenta mil cabeças. Todo esse gado permanece ali durante largo tempo á espera de que as aguas do rio baixem, para que então passem a pé firme de um para outro territorio, buscando, assim, a cidade de Juazeiro ou as admiraveis soltas de engorda de Mundo Novo e adjacencias. Por mais cautelosa que se faça a travessia, a perda de bovinos é sempre para lastimar, e o trajecto até Juazeiro, cabeça da estrada de ferro Bahia-São Francisco, consomme geralmente de dous a tres mezes, o que, sommado ao tempo gasto com a descida até a margem opposta, redundá em incalculavel prejuizo para os povos daquellas zonas entregues á criação". Ora, lembra Lemos Brito, uma providencia que, no momento, se aceita pela Commissão de Finanças, terá, segundo elle, dous resultados notaveis e immediatos, para o Thesouro

e para os interesses da zona do S. Francisco. Trata-se de, aproveitando-se suggestões do Deputado Octavio Mangabeira, victorioso na Commissão de Finanças, mandando que se gastem até 3 000:000\$000 com a construcção de pontes no S. Francisco, Araguaya e outros rios, subvencionar as duas empresas que fazem actualmente o serviço de navegação no S. Francisco para que as mesmas se obriguem a utilizar rebocadores e batelões especciaes para o transporte de milhares de cabeças de gado que poderão alcançar em cinco dias a cidade de Juazeiro, quando actualmente consomem no mesmo trajecto, pela margem-dez a quinze vezes esse tempo. Dado o adiamento da execução do plano de construcção de pontes, por força da crise financeira, esta suggestão poderá implicar numa consideravel economia, resolvendo de modo satisfactorio, posto não definitivo, um dos mais palpitantes problemas do São Francisco.



Selda Potoka: **A CAMINHO DA FELICIDADE**, Monteiro Lobato & C., S. Paulo, 1922 — A Sra. D. Selda Potoka é uma escriptora brilhante e culta, que não procura nas letras uma simples diversão, mas o estudo e a analyse profunda das cousas, para dellas tirar o ensinamento proveitoso e util. Seu ultimo livro, "A caminho da felicidade", é um formoso exemplo, revelando-se a autora um alto espirito, cheio de idéas e com o sentido exacto de nossas realidades. Aconselhando a volta á terra como meio de engrandecel-a e nos engrandecermos tambem, a Sra. Selda Potoka ferio um dos grandes problemas brasileiros, que neste instante preocupam mais de perto a nossa mentalidade. O Brasil veio do trabalho na terra, a sua familia se creou nas fazendas e nos engenhos e em torno da casa da roça brotou a sociedade. De "rustica" temos vivido e ella ainda é a base e o potencial da vida nacional, que no campo tem sua maior fortuna. O nosso caracter se fez nesse ambiente e a prova de que o artificialismo das cidades não o deformou, nem nos transviou do largo caminho das realizações brasileiras, temos neste livro admiravel da Sra. Selda Potoka, na historia desse Mario, em cujas veias corre o sangue bom da gente amiga da terra. Revelou-se a autora uma psychologa de justa medida e perfeitamente senhora de nosso ambiente, que cria os pendores irremissiveis do coração. A these do seu livro, tão magnificamente desenvolvida, é um programma de resurgimento, pelo qual o Brasil ha-de crescer e se impôr, sem mais esse desperdicio inutil de energias.

Ribeiro do Couto: **O CRIME DO ESTUDANTE BAPTISTA**, Monteiro Lobato & C., S. Paulo, 1922 — Neste novo livro de contos, o Sr. Ribeiro do Couto é o mesmo poeta commovido e sincero, que procura resolver o sentido da realidade, pelas pequenas cousas, pelos nadas da vida, de onde tira, com intensa psychologia, os movimentos amaveis ou perversos que nos conduzem. As suas figuras apenas insinuadas, os seus quadros levemente manchados, as mascaras surgindo do meio-tom esfumado, revelam o artista poderoso, que sabe suggerir, sem forçar a comprehensão. Por exemplo, aquella subtil Marsella, a Marcellinha sabida de 20 annos, que reconciliou Carlota com seu marido exquisito, é marcada com uma leveza e uma graça, ao mesmo tempo tão profundamente, que bastaria para nos revelar o portentoso artista, que é o Sr. Ribeiro do Couto, transformando numa emoção forte as pequenas trivialidades da vida. No caso sentimental do indeciso Eduardo Sancho, ha tambem uma Maria da Graça, cuja figurinha é gisada com um frescor e uma subtileza deliciosos, entre o tumulto apaixonado e medroso do secretario do Dr. Furtado. O conto do caixeiro magnifico, o crime do estudante Baptista, ou a estúpida aventura de Paulo Soares, são paginas deli-

culos desse livro, em que mais uma vez o Sr. Ribeiro do Couto se revela o artista singular, dos mais fortes e significativos da gente nova.

Pedro Saturnino: **GRUPIARAS**, Monteiro Lobato & C., S. Paulo, 1922 — Este poeta é amigo dos motivos simples e das intimidades, que conta sobretudo nas fórmulas severas do soneto, com uma nota melancólica, tão persistente em nossa poesia. A propósito de tudo, nosso lyrismo se commove nostalgico e se resolve numa elegia constante, que tanto nos humilha. O livro do Sr. Pedro Saturnino tem um perfume de matto, com seus passaros inquietas, suruguás, as arapongas, ou as graúnas, que o poeta evoca em seus versos lyricos. E' um a mais para se alistar entre os regionalistas, agora florescentes, levando para a roça o eixo da arte brasileira. Esse esforço, infecendo como todos os preconceitos, não ha-de perdurar, mas antes de passar a moda, nos terá dado alguns depoimentos interessantes do nosso interior, até ha pouco tão distante de nós...

Machado de Assis: **SUS MEJORES CUENTOS**. — Narraciones escogidas y traducidas del portuguez por R. Cansinos — Assens. Biblioteca de Autores Célebres. Madrid, Editorial-America, s/d. — Num volume elegante, de 260 paginas, foram colleccionados onze contos de Machado de Assis, que são "La Deseada", "Trío en la menor", "Adan y Eva", "Un hombre célebre", "El canónigo o metafisica del estilo", "El enfermo", "Al rasvero", "Entre santos", "Mariana", "Doña Paula" e "La echadora de cartas". E' a primeira vez que em Hespanha apparece em volume uma traducção de trabalhos do mestre brasileiro. A escolha foi intelligente, porque essas pequenas obras primas dão uma idéa approximada do temperamento litterario do autor de "Braz Cubas" e a versão é sobremaneira cuidada e honesta. Naturalmente, por mais perfeita que seja uma traducção, muito difficil é conservar a graça, a ironia velada, o sabor original de um escriptor como Machado de Assis, cujo estylo é singularissimo, mas, desta vez, o traductor, conseguiu levar a bom termo a sua ardua tarefa. R. Cansinos Assens, que é tambem um escriptor primoroso, merece por isso francos applausos.

José Verissimo: **HOMBRES E IDEAS ESTRAN-GEROS** — Traducción del portuguez por Andrés González-Blanco. Madrid, Editorial America s/d. — A empresa editora de Don Rufino Blanco-Fombona que como sabem os leitores, é um dos escriptores mais representativos e mais fecundados da America, continua na sua bemerita tarefa de divulgar autores brasileiros. Ha alguns annos editou "La evolución historica de la America Latina", de Oliveira Lima, e agora publica uma collectanea de contos de Machado de Assis e um volume de José Verissimo. José Verissimo foi um dos nossos homens de letras mais combatidos, mas, ninguém poderá contestar que foi um critico dotado de muita independencia, um espirito probo e um commentador arguto das idéas geraes de seu tempo. O volume editado por "Editorial-America", dá uma medida exacta da mentalidade do escriptor patricio. Nelle figuram os ensaios sobre Ruskin, Bolivar, Eça de Queiroz, Augusto Comte e Stuart Mill, e outros, que são paginas sensatas, suggestivas e brilhantes. A litteratura brasileira deve já a Blanco-Fombona relevantes serviços, que, certamente, o recommendam á estima dos nossos letrados e principalmente da Academia Brasileira, que ha muito devia ter o romancista de "Hombre de Hierro" entre os seus membros correspondentes.

Lord Cochrane: **MEMORIAS DE LORD COCHRANE**, Madrid, Editorial-America, s/d. — E' este o 13º volume da "Bibliotheca Ayacucho", publicada sob a direcção de Don Rufino Blanco-Fombona. O Conde Dondonal, mais conhecido por Lord Cochrane, em 1856 publicou em Londres, uma obra em dous volumes, onde consignou os serviços que prestára á emancipação dos paizes da America do Sul. O titulo da obra é "Narrative of services in the liberation of Chili, Perú and Brasil from Spanish and Portuguese Domination". O tomo primeiro refere-se ás luctas sustentadas no Chile e no Perú, e o segundo á sua actuação no Brasil. Foi pela primeira vez traduzida para o castelhamo em 1860, e depois dessa data varias traducções appareceram. A actual versão é feita de accordo com a edição de Santiago do Chile, publicada em 1905 e tida como a mais fiel, mas foi della

excluida a parte relativa ao Brasil, que constitue a materia do segundo volume da edição original. Lord Thomaz Cochrane, depois de ter servido á Inglaterra nas guerras contra a primeira republica e o primeiro imperio francez, combateu no Pacifico em favor da emancipação do Chile e do Perú. Depois servio na Marinha Brasileira, de 1823 a 1825, com o posto de primeiro almirante, na guerra da independencia. Teve em recompensa o titulo de Marquez do Maranhão, e annos depois, o Governo do Brasil attendeu á reclamação dos seus herdeiros, pagando-lhes forte somma pelos serviços que prestou ao nosso paiz. As "Memorias de Lord Cochrane", que agora publica o Editorial-America, são assáz curiosas e dignas de leitura. Nellas encontramos principalmente copiosas referencias a San Martin, rival de Cochrane, que o censura rudemente. Cochrane e San Martin eram os chefes das esquadras alliadas chilenas e argentinas, que operavam em 1820 contra o Perú, mas aquelle, que era um temperamento impulsivo e autoritario, acabou por abandonar o Almirante Creolo, desaparecendo com a esquadra que commandava. Adverte o prefaciador com razão que se não deve, ao ler-se as memorias do Conde de Dundonald, esquecer que este era inimigo de San Martin.

William Bennet Stevenson: **MEMORIAS DE WILLIAM BENNET STEVENSON**. Sobre las campañas de Sant Martin y Cochrane en el Perú. Version castellana de Luis de Terán. Noticia sobre Stevenson por Diego Barros Arana. Madrid, Editorial-America, s/d. — E' o 15º volume da "Bibliotheca Ayacucho", que continua recolhendo e publicando as memorias, os relatorios, as monographias, a correspondencia e os estudos de personagens que figuraram nas luctas pela emancipação dos povos sul-americanos ou testemunharam o desenrolar da epopea da independencia da America Hespanhola. A bibliographia sobre o assumpto é copiosa, e até aqui já appareceram as memorias de O' Leary, O' Connor José Antonio Paez, Rafael Sevilla, Garcia Camba, Mario Graham, Regente Heredia, Urdaneta, etc. Stevenson, que foi homem muito culto, servio como secretario de Cochrane e á sua obra, é documento valioso. San Martin surge ainda nestas paginas como figura antipathica, mediocre e fraca de character. Aliás, quasi todos os autores da época são desfavoraveis ao capitão argentino, que não tinha nem o dom da seducção pessoal, nem qualidades para chefe militar. Se Cramer, Stevenson, Mario Graham e outros autores de memorias amesquinham o heróe platino, que nem sequer se fazia obedecido pelos seus principaes loco-tenentes, como Las Heras, Martinez e Nacoechea, é de notar tambem que não possuia elle a estima do proprio povo argentino, que, como o chileno e peruano, pouco presava. Não obstante, modernos historiadores argentinos esforçam-se em fazer de San Martin um heróe da Independencia, emprestando-lhe virtudes ou predicados que os contemporaneos não lhe reconheciam. Seja como fôr, desse juizo contraditorio, sahirá por fim a verdade, e os embustes historicos, confeccionados pelo patriotismo forjador de falsos heróes serão desmascarados. O presente volume de Bennet Stevenson, que agora se publica em castelhamo, é apenas uma parte de sua obra sobre a sua permanencia de vinte annos na America do Sul.

Carlos de Vasconcellos: **TORTURAS DO DESEJO**, Livraria Castilho, Rio, 1922 — O Sr. Carlos de Vasconcellos é um dos impressionistas mais vibrantes da nossa litteratura moderna. Em suas paginas a vida se reproduz através da realidade brutal dos choques violentos e indomaveis, das paixões e das psychoses. Ao revés do maior dos nossos escriptores, que procuram, pelo menos do idealismo, uma força mais alta que nos mova, o autor se compraz, ainda com os chamados realistas, que foram o ultimo arrancho dos romanticos malogrados, em procurar as degenerescencias profundas, e as aberrações violentas para seu escapello de anatomista. Por menos sympathia que nos possa merecer o genero, em que o espirito do Sr. Carlos de Vasconcellos se desenvolve, não se lhes póde negar uma mão poderosa de fixador de uma intensa força dramatica, que tornam seus flagrantés de um merito pouco vulgar. Dahi o seu triumpho litterario, que mais uma vez se accentuou com o novo livro "Torturas do Desejo", cujos contos lembram certas aguas-fortes horriveis de Rops, onde o desejo possesso se aniquila numa louca morbidez. Sem querer discutir as tendencias desse realismo,

nos limites desta simples noticia, registramos, apenas, o apparecimento de mais um livro do Sr. Carlos de Vasconcellos, com todo o louvor e sympathia que nos inspiram o poderoso escriptor.

Assis Cintra: **INDISCREÇÕES DA NOSSA HISTORIA**, Monteiro Lobato & C., S. Paulo, 1922 — O Sr. Assis Cintra vem se revelando um trabalhador infatigavel de nossa historia, revolvendo aquelle pó venerando dos archivos (perdoem o lugar commum) e procurando pepitas entre a ganga dos documentos e das chronicas. E o resultado do seu esforço está vivo em alguns livros interessantes, como essas "Indiscreções", em que rege a narrativa o criterio pessoal do autor, dando-lhe vivacidade e character. Escrevendo com elegancia e julgando com liberdade, os homens e as cousas, o Sr. Assis Cintra nos tem dado paginas suggestivas e interessantes, ora em pequenos painéis, outras vezes simples medalhões, traçados e gravados sempre com segurança. A historia da independencia o tem empolgado e, ainda que se possa discordar de suas opiniões ha-de se reconhecer o merito da sinceridade, a virtude da exactidão na pesquisa. Nessa renovação dos estudos de historia nacional, nesse "arejamento" da nossa historia, que já vai produzindo resultados tão salutaes, o esforço do Sr. Assis Cintra tem sido meritorio e util, sobretudo na chronica viva e palpitante das figuras e nos meios, que sabe fazer com louvaveis qualidades.

Manuel Bernardes: **O GIGANTE DEITADO**, Leite Ribeiro, Rio, 1922. O autor é um velho amigo do Brasil, junto a cujo Governo representou, por longo tempo, o Uruguay, revelando sempre o maior interesse e carinho pelos problemas brasileiros. Resumio as suas impressões, conceitos e suggestões, commentadas com elevação e criterio, na obra, em dous volumes, que acaba de publicar e que vai sendo recebida com a mais accentuada sympathia. As suas paginas sobre a pecuaria, no Brasil, "Re Rustica", são de grande interesse, dada a competencia do autor no genero, e trazem a melhor contribuição aos interessados nesse problema primordial para a nossa economia rural. Seu capitulo sobre o "Coração do Brasil", que é o Estado de Minas Geraes, é muito suggestivo. As ultimas paginas sobre a Academia, o jornalismo e Machado de Assis, enfeixados no titulo "Pantheon", são feitas com muita fineza e uma certa lisonja, na referente á imprensa, onde só reconhece virtudes e elevação... O Sr. Ministro Bernardes, como quer que seja, dedicando ao nosso paiz uma obra tão alentada, embora fragmentaria, prestou-nos o serviço de trazer a sua experiencia e analyse a questões brasileiras, sobretudo no referente á criação, em que é autoridade respeitada e incontestavel. Bem haja por seu esforço meritorio, que mais o vincula a este paiz, a que tantos laços já o prendem.

Julio Endara: **JOSE' INGENIEROS Y EL PORVENIR DE LA FILOSOFIA**, Buenos Aires, 1922, 2ª edição — A figura do Sr. José Ingenieros, de ha muito se impoz, como uma mentalidade poderosa na America, de cuja cultura tem sido valioso expoente em todo o mundo. Não é aqui o lugar para se dizer da sua obra, quando noticiamos apenas o ap-

## AOS NOSSOS ASSIGNANTES

Tendo terminado a assignatura annual desta Revista com o numero do Centenario, pedimos encarecidamente aos nossos amigos que reformem as suas assignaturas, ou nos scientifiquem qualquer resolução em contrario, afim de lhes ser enviada ou suspensa a remessa da "America Brasileira". Attendendo aos melhoramentos por que vem de passar, a assignatura desta Revista será agora de 10\$000 por anno.

parecimento do ensaio do Sr. Julio Endara, cuja primeira edição fôra, anteriormente, publicada em Quito, no Equador. Trata-se de uma revista em conjunto de obra philologica do illustre poligrapho argentino, feita com acuidade e criterio, posto sob a influencia directa do Sr. Ingenieros, de quem é entusiasta fervoroso. O seu intuito não passa de uma divulgação das "doutrinas renovadores" do pensador argentino que "apaixonam a nôva geração do mundo latino-americano" e, como tal, não se pôde deixar de louvar os seus meritos, sendo uma valiosa contribuição ao estudo da obra do Sr. José Ingenieros, cujo idealismo pragmatico tanto interesse vem despertando. O livro do Sr. Julio Endara merece pois o melhor apreço, com que o recebeu a critica dos paizes americanos, nelle encontrando um critico de valores poucos communs.

Clovis Bevilacqua: **CODIGO CIVIL**, commentado por Clovis Bevilacqua. Liv. Alves. Ed., Rio, 1922, 2ª edição. Vol. II. — O volume II dos Commentarios do Codigo Civil pelo illustre juriconsulto Clovis Bevilacqua, principal autor da nossa lei civil, não precisa de qualquer referencia, nem de qualquer louvor. O nome, que o firma, gloria do nosso direito, cuja reputação já ultrapassou o seu paiz e irradia na cultura juridica universal, nos dispensa de outras palavras. Este volume é o commentario do Direito da Família, do Livro I, da parte Especial do Codigo, abrangendo os artigos 180 a 484, inclusive. O trabalho que realizou o professor Clovis Bevilacqua, em seis volumes, é obra de mestre e imprescindível a quantos lidam na judicatura, no fóro ou no magisterio juridico, e a todos os estudiosos de direito.

Solidonio Leite: **A LINGUA PORTUGUEZA NO BRASIL**, J. Leite & C., Rio, 1922 — O Sr. Solidonio Leite, que é um dos nossos mais illustres cultores do idioma, estudando-o com carinho e amoroso intuito, publicou, agora, alguns artigos, sobre a influencia que a lingua portugueza recebeu no Brasil, defendendo, porém, o purismo classico contra as perturbações que possa vir a soffrer. Ao contrario da tendencia moderna, que julga inevitavel a transformação do idioma portuguez no Brasil, em uma lingua, senão autonoma, ao menos differente, colorida e livre, tal qual se fala e diversa do que se escreve, o Sr. Solidonio Leite nos aconselha a leitura dos classicos, para aprimorar a expressão, extirpando-a de vicios e estrangeirismos, de sorte a fallar e escrever com correção. Acontece, porém, que os classicos estão um pouco distanciados de nós e parece que a lingua deve ser aprendida no proprio meio, por entre as multiplicas influencias em que vivemos, ser recriada no Brasil, e de novo aperfeiçoada, quando nossa cultura se fôra engrandecendo e fixando. Amemos os classicos no que não têm de enfadonho, mas evitemos fallar e escrever como elles, porque no Brasil, isso equivale a uma simples falsificação. Não queremos, porém, diminuir os meritos do Sr. Solidonio Leite, em quem respeitamos o philologo abalisado e culto.

Mecenas Rocha: **PROBLEMAS NACIONAES**, Belém, 1922. — Em edição commemorativa do Centenario, o autor estuda algumas feições de problemas brasileiros, revelando o mais intransigente patriotismo, que, numa justa revolta, clama contra os erros e os desmandos dos politicos, cuja ambição do mando, torna-lhes infecunda a acção e, não raro, prejudicial. Adoptando o lemma de Oswaldo Cruz — "Não esmorecer para não desmerecer", o Sr. Mecenas Rocha se arma cavalleiro da cruzada brasileira pelo saneamento, pela instrucção, pelo culto tradicionalista, por uma maior actividade na politica continental, evitando o isolamento, pelo aproveitamento de nossas riquezas, emfim, por um largo programma, que applaudimos, tão accorde se encontra com as linhas directivas desta revista. Um ideal de interpretação das forças nacionaes anima o escriptor paraense, cujo fremente patriotismo se desenvolve nas paginas entusiasticas e vibrantes desse nobre ensaio.

Sebastião Rodolpho Delgado: **DIALECTO INDO-PORTUGUÊS DE GÓA**, J. Leite & C., Rio, 1922 — O autor é um dos maiores philologos de Portugal e seus vastos conhecimentos de saneristo, linguas auxiliares e dialectos indo-portuguezes, escreve um seu critico, o collocaram em posição singular entre os philologos e idianistas de toda a Europa, cujas linguas principaes tambem conhecia perfeitamente. O presente trabalho, reimpresso em

fac-simile, pelos esforçados editores J. Leite & C., é uma preciosa contribuição aos estudiosos da lingua materna, tanto mais quanto muitas vezes o portuguez de Góa se aproxima, como nota o autor e é facil observar, do que fallamos no Brasil. E', pois, um trabalho interessantissimo e de alto merito.

Affonso d'E. Taunay: **NA ERA DAS BANDEIRAS**, S. Paulo, Comp. de Melhoramentos, 1922 — A segunda edição deste livro interessantissimo, tirada em pouco tempo, num paiz onde os livros se exgotam com desmedida parcimonia, é signal seguro de seu valor. São episodios do poema admiravel das "Bandeiras", que o autor evoca, nas suas chronicas, compostas á luz clara de um espirito, que sabe misturar á narrativa documentada e segura, aquella critica atilada dos valores em jogo, de sorte a dar á historia essa feição psychologica, que a torna viva e fecunda, um campo de proveitosas experiencias. O Sr. Affonso d'E. Taunay, que versa o assumpto, como dos melhores, mais uma vez se revelou como admiravel chronista da nossa historia na "Era das Bandeiras", cuja segunda edição noticiamos apenas. Da critica já recebeu os melhores louvores.

Mario Pinto Serva: **PATRIA NOVA**, Comp. Melhoramentos de S. Paulo, 1922. — O Sr. Mario Pinto Serva, neste seu novo livro, estuda varios problemas nacionaes, agitando-os e discutindo-os, sob uma feição pragmatica, nos seus varios aspectos. Preconiza um intellectualismo organizado, que entenda de todas as fórmulas da actividade positiva. Tem razão o Sr. Pinto Serva, procurando, no paiz mais lyrico do mundo, homens praticos, que vão plantar o sólo, girar as machinas, cavar as minas, organizar os bancos, mover os navios, abrir as estradas, emfim, trabalhar productivamente, no sentido objectivo. O Sr. Serva só vê bachareis, litteratos e burocratas... Dahi a deformação do espirito nacional. Achamos, fóra de vida, que é de todo util o esforço do autor escrevendo livros, artigos, folhetos, para acabar com a litteratura e o bacharelismo, e, sinceramente, desejamos o melhor exito nessa louvavel campanha. No entretanto, apesar de toda a "litteratice", de todas as deformidades, construimos obras admiraveis, neste primeiro seculo. Fizemos estradas de ferro, portos, cidades, uma industria florescente, uma marinha mercante, uma agricultura, cujas safras já sobem a mais de 3 milhões de contos, e, em menos de um anno, no Rio de Janeiro, se fez a Exposição, desde o terreno, conquistado ao mar. Mas, ainda é pouco, e o autor tem razão, devemos deixar de theorias e ir trabalhar. Ao invés de fazer livros, plantemos!

Nelson Senna: **DISCURSO**, Rio, 1922 — Trata-se de um discurso proferido pelo Deputado Nelson Senna, na sessão de 1º de Setembro deste anno, na Camara dos Deputados, sobre o centenario de nossa Independencia, como "um balanço rigoroso do que temos feito, do que somos e valem como nação, do papel que representamos em face do mundo e do que havemos de conquistar no campo de civilização, no espaço de tempo decorrido de 1822 a 1922". E, sob "o progresso" de critica historica" o autor recorda a traços largos a nossa historia, através dos seus heróes, dos seus estadistas, dos seus poetas e artistas e depois analisa os seus valores economicos e financeiros, apreciando, devidamente, a collaboração estrangeira, no esforço nacional. E evoca as nossas grandes conquistas, o espirito inventivo dos brasileiros, as realizações grandiosas na sciencia, no direito e na diplomacia. E, exaltando as homenagens do mundo, na celebração do centenario, perora com eloquencia, vendo o mundo contribuir "ad majorem Brasilial gloriam", nesta data historica, que passa sob as bençãos de Deus Todo Poderoso, dispensador de Graças aos povos que trabalham pela paz na Terra e nelle creem, como o Povo Brasileiro". Escripto com elegancia e pensado com criterio, hem mereceu os applausos que o coroaram e a repercussão que teve em todo o paiz.

João de Barros: **RYTHMO DE EXALTAÇÃO**, Paris-Lisboa, 1922. — O autor é um dos mais formosos poetas modernos de Portugal, e sua emoção intensa nos vem despertando, a cada canto novo, um motivo de encanto, uma sensação de belleza profunda. A sua poesia, como um grande amor pela vida e um sentido exaltado de nobreza, tem aquellos deliciosos accents portuguezes, que o tornam um artista inconfundivel, cuja origi-

nalidade está ligada á terra, num laço intimo, que é a origem de sua propria existencia. Não é preciso juntar louvores, nestas simples noticia de mais um livro do Sr. João de Barros, a todos que cercam o seu nome consagrado. A critica já disse toda a valia de sua arte e a emoção, com que nós a amamos, é a maior gloria do poeta, para criar o seu rythmo de força e de belleza.

Edmond Rocher: **L'AME EN FRICHE**, Paris, 1922. — Neste romance apparece de novo o homem livre, vivendo a vida ao sabor de seus instinctos, vencendo os entraves e as difficuldades, até triumphar pelo seu temperamento, que se afirma, batido nesta fornalha e apurado nesses cadinhos. A arte e o amor foram as tendencias de seu espirito, mas as contingencias da vida social, os preconceitos e as conveniencias peioram o seu desenvolvimento e o nosso heróe falhou, na burguezia esteril e inocua, acompanhado pelo espectro fatal da decadencia. Edmond Rocher, nessa historia romantica, é um escriptor moderno e vivo, cheio de emoção e calor, com um sentimento seguro das cousas, e um doce engano da vida primitiva, que Rousseau exaltou, para delirio constante dos homens...

Aquilino Ribeiro: **ESTRADA DE SANTIAGO**, Lisboa, 1922. — O Sr. Aquilino Ribeiro é das pennas mais brilhantes da moderna litteratura portugueza e das que sabem, á guiza do buril sobre a "planche" de aço, fixar os flagrantes e os momentos da vida, com uma segura interpretação psychologica. Artista interior, — nos dá novas e fortes emoções, com a sua arte vibrante e fremente. Escriptor luminoso, mas que sabe usar de todas as sombras, em jogos portentosos de claro-escuro, donde muitas vezes avultam as suas figuras, o autor é uma das mais interessantes e vigorosas affirmações portuguezas, pela intensidade psychologica com que sabe marcar suas paginas. Neste livro, é o mesmo fixador, porventura violento, mas que não se detem em recurvar e amenizar os contornos, talhando-os em golpes certos e rapidos. A sua melancolia é sardonica e maliciosa, conhecendo os homens sabe das suas insufficiencias e vingase por uma zombaria, mas que sangra, retalhando a carne. E' um escriptor forte, cujas figuras tem vida e se perdem no immenso remoinho da existencia, para o desconhecido que nos attrahe e fascina.

João Pedro Martins: **SANEAMENTO E EDUCAÇÃO** — Typ. Coelho, Rio, 1922 — O autor renz de "No templo de Minerva" acaba de dar-nos um novo livro, este não só sobre ensino como sobre hygiene. Chama-se "Saneamento e Educação" e é um grito forte e patriotico sobre a necessidade de vitalizarmos a nossa raça pela educação e pela robustez physica. Precisamos ser uma raça forte e que saiba ler, desmentindo a affirmação dolorosa de Miguel Pereira, de que somos um "vasto hospital". Sanear e educar, eis o maximo problema da nacionalidade. E em torno do assumpto, de indiscutivel importancia, fez o Sr. João Pedro Martins um livro de grande entusiasmo e de civismo, desenvolvendo a sua these com abundancia de dados elucidativos e clareza absoluta. "Saneamento e Educação" é por todos os titulos um livro excellente.

Francisco Galvão: **VICTORIA REGIA** — Livr. Editora Schettino, 1922. — O autor, que é muito joven ainda, começou a versejar com velleidades parnasianas, produzindo alguns sonetos apreciaveis nos moldes da velha escola. Cedo apprehendeu o espirito na moderna expressão poetica, creando rythmos novos e largos, plasmando as suas impressões com desenvoltura e belleza. "A que ficou de vir", "Pela saudade dos teus olhos", "Sob a garôa do luar", "A joalheira seductora", são poesias de forte emoção e que revelam um poeta moderno, que forma com brilho ao lado de Menotti del Pichia, Guilherme de Almeida Ribeiro, Couto, Oswaldo Oricho, Onestaldo Pennafort e outros. "Victoria Regia" é uma bella promessa de poeta que se affirmará mais tarde com relevo.

Carlos D. Fernandes: **O ALGOZ DE BRANCA DIAS** — "A Novella", Parahyba do Norte, 1922 — O brilhante escriptor Carlos Dias Fernandes revive nessa novella interessantissima, feita com grande sentimento e belleza, um episodio parahybano do seculo XVII. Branca Dias era uma linda donzella, filha de pais judeus, immigrados na Parahyba no começo daquelle seculo, "quan-

do a ferocia moralizadora de Pombal ainda não pairava sobre os destinos da nação lusa, que soffria, então, todo o piedoso despotismo, a acção do jesuitismo, com os seus processos contra os hereticos e o apparatuso tribunal do santo officio". Foi por esse tempo que se deu para a terra parahybana a immigração judaica, occorrendo nesse Interim a tragedia que a novella revive. Indo um dia Frei Agostinho, da ordem de S. Francisco, benzer uma botada do engenho em Gramame, se apaixonou perdidamente pela filha de Simão Dias, mordendo-se de ardores lubricos diante da moça que o coração tem preso ao coração de um joven israelita. Repellido no seu affecto desatinado, cheio de ciúmes, frei Agostinho denuncia Branca ao Tribunal do Santo Officio como heretica, fiel aos preceitos da religião judaica. Dias depois era a moça violentamente presa e levada para Lisboa no porão do brigue "Aurora". No convento da Parahyba, frei Agostinho definihava aos primeiros symptommas da tuberculose. Certo dia recebe de sua progenitora, em Lisboa, uma carta, na qual, entre outros assumptos conta a barbara execução de Branca Dias — "execução que a commovera e a toda o povo lisboeta.

Depois é a morte de frei Agostinho, beijando nos ultimos paroxismos o retrato de Branca feito por frei Eduardo. "O Algoz de Branca Dias" é um trabalho vigoroso de intensa belleza, affirmando os dotes proclamados do illustre escriptor Carlos D. Fernandes.

Oswaldo Orico: **DANSA DOS PYRILAMPOS** — Editores: Monteiro Lobato & C., São Paulo, 1922. — Ansiosamente esperado, surgiu com a perspectiva de um largo successo de livreria, o livro de versos "Dansa dos pyrilampos", do nosso joven collaborador Oswaldo Orico, um dos mais bellos espiritos que a nova poesia revelou ao Brasil. O livro que mereceu todo o carinho por parte dos conhecidos editores, divide-se nas seguintes partes: "Canção da cidade em movimento"; "Os arrabaldes"; "Canto primaveril da vida nova"; "O Mestre da Alegria"; "Pequeninos dramas da Vida"; "A melancolia do jardim brasileiro"; "O que se achou num cofre antigo"; "Torneio de metrificação"; "Paginas de esthetica" e finalmente a "Doce inquietação". Opportunamente diremos dos versos de Oswaldo Orico.

Dr. Mario F. Oberlander: **ACÇÃO ORDINARIA DE COMMISSO** — Trata-se de memorial com as razões finaes subscriptas pelo autor como advogado da Camara de Cantagallo, na acção ordinaria, que contende com Joaquim Prudencio de Macedo e outros, para o fim de applicar aos réos a pena de commisso, como foreiros de terras do Autor, a que nunca pagaram os fóros respectivos, afim de serem consolidados os dominios directo e util e ao mesmo tempo, cumulativamente, serem os réos condemnados a pagar os fóros atrazados. A hypothese juridica é pouco commum e vem tratada pelo pelo causidico, que firma essas razões, com um brilho invulgar, solida argumentação e logica muito segura. A sua cultura juridica, vasada nos tratadistas e illustrada pelo conhecimento de copiosa jurisprudencia, tem neste trabalho uma affirmação muito honrosa. Entre nós, infelizmente, vai se perdendo um pouco o amor ás lettras juridicas e a corretagem dos negocios forenses vai eclipsando a cultura do direito, que no Brasil sempre foi das mais fecundas, e, com prazer registramos o apparecimento de um trabalho de merito incontestavel, de estudo e de erudição.

Paulo Torres: **A' HORA DA NEBLINA** — Rio, 1922. — A poesia citadina, subtil, inquieta, feita dos pequenos tormentos da vida quotidiana, parece a preferida e a mais caroavel á emoção da mulher moderna. O exemplo de Paul Geraldty tem impressionado a sensibilidade de muitos poetas contemporaneos, principalmente nos paizes neo-latinos, em que os temperamentos são mais delicados e em que a influencia da alma feminina é mais penetrante. A litteratura sui-americana já apresenta varios modelos desse genero, alguns até notaveis. O Sr. Paulo Torres é, entre nós, um dos artistas que melhor representam essa corrente. Seus poematos têm a instantaneidade fulgurante de um raio tremulo de sol, são como essa poelra dourada que vibra, suspensa, na luz tropical. Elle conta com a doçura de um persa ou de um arabe, as sensações deliciosas da alma humana, os seus soffrimentos e as suas

alegrias deante da vida, fazendo do amor o thema fundamental da sua arte. Descreve os interiores luxuosos e opulentos, atormentados das cidades modernas, e pinta, com um fino pincel impressionista, os aspectos do mundo exterior.

Que lampada amarella!...

Uma flor de ouro guardada  
Entre um tecto de estufa socegada,  
E um vidro fosco de janella...

A' tarde, o quarto é um baile de ouro,  
Sob um tecto de estufa socegada,  
Quando ella — original — como um besouro,  
Cheia de tédio, fatigada,  
Vai, devagar, fecha a janella,  
E abre a pluma da lampada amarella...

Todos os atavios da mulher, os chapéos, os vestidos, os velludos, as sedas, as joias, as pedrarias, tudo quanto fascina e perturba o olhar e o coração, é aproveitado pelo Sr. Paulo Torres de um modo singular.

Os brincos  
São tres coraes, dependurados,  
A' ponta curva de um novelo;

Seus brincos  
São tres pingos de sangue, salpicados,  
Entre tres garatujas de cabelo...

"A' hora da neblina" é, assim, pela finura dos seus motivos, pela graça aérea dos seus rythmos, pela delicadeza das suas emoções um verdadeiro poema de coloridos translucidos e perfumes estonteantes.

João Ribeiro: **NOTAS DE UM ESTUDANTE** — Monteiro Lobato & C. — S. Paulo — 1922 — Sob esse titulo, publicou agora o Sr. João Ribeiro uma interessante collectanea de estudos, abordando varios assumptos de ordem geral, nos quaes revela a sua conhecida e muito admirada cultura humanista. Salientam-se sobretudo apontamentos de origem allemã e algumas notas de historia, subsidiados de erudição os mais apreciaveis. Assim, o seu estudo sobre *As verdadeiras fontes do Rio Amazonas, Mythologia Selvagem, Os Hollandezes no Brasil, Dante e o Cruzeiro do Sul* e, principalmente, sua reflexão sobre a theoria de Einstein, publicada em 1921, como explicação preliminar á traducção do famoso artigo de L. Bolton, tido como das melhores vulgarizações da relatividade, do grande sabio allemão. O Sr. João Ribeiro tem sido, entre nós, um excitador de idéas e sua função litteraria, caracterizada por uma acção continua, é das mais proficuas nas nossas lettras. Seu novo livro, de que damos apenas uma simples noticia, com todos os louvores, é uma contribuição do maior relevo para estudos de erudição, de mais tão descurados em nosso paiz. Augmenta o interesse desses estudos do Sr. João Ribeiro, uma dóse de *humour* de que vêm repassados com delicia. Por exemplo o capitulo sobre as experiencias do professor Steinach, para o rejuvenescimento dos homens, é feito com uma certa indulgencia pelas tentativas da sciencia, que se torna alchimia, e o mais discreto scepticismo em relação ao exito. Além de que o Sr. João Ribeiro, pensando talvez como aquelle personagem de um conto de Machado de Assis que, renascendo, teve a mais miseravel das vidas, porque viveu com a somma das experiencias adquiridas na existencia primeira, escreve prudentissimamente: "De mim mesmo, que sou já velho, se me fosse dado optar pela juventude, não sei se me decidiria a recommençar... Os artificios são sempre perigosos e terriveis como as pernas de pão e a cabelleira postiga. Assim será talvez o "omunculo" que vai sahir da retorta de Steinach". O novo livro do Sr. João Ribeiro, se lhe não augmenta gloria, torna mais rutilo ainda o fulgor que cerca o seu nome consagrado de pensador, critico e estheta.

Rodolpho Theophilo: **A SEDIÇÃO DO JOAZEIRO** — Monteiro Lobato & C., S. Paulo, 1922. — O Sr. Rodolpho Theophilo é um velho e reputado escriptor cearense, de popularidade e renome na sua terra, popularidade pelo seu altruismo posto a prova constantemente nas horas mais tristes e pelo seu ta-lento, tantas vezes reafirmado em livros, principalmente os que revelam aos olhos contemporaneos o martyrio climaterio da Terra da Luz. "Vivendo do povo e para o povo, soffrendo com elle e lutando para lhe minorar as argurias, numa entenedora obra de affecto e carinho que vem, de ha muitos annos, fazendo o seu mais bello padrão de gloria, — o autor de "Maria Rita" affez-se á vida hu-

milde dos nossos obscuros patriotas em cujas scenas e costumes caldeou os seus livros, fugindo das correntes litterarias onde o espirito se desnatura na imitação servil da singularidade de certos temperamentos bizarros, quasi sempre antagonicos a si mesmo, com prejuizo da sua personalidade".

E' do velho romancista cearense *A sedição do Joazeiro*, que os incansaveis editores Monteiro Lobato & C. acabam de publicar. Atravez desse volume de 275 paginas se conhece um dos periodos politicos mais terriveis para a terra cearense, todos os factos que o constituíram sendo descriptos com serenidade e justiça, mostrando o que foi a intervenção federal que depoz o Sr. Coronel Franco Rabello, então governador, contra a vontade unanime do Estado. *A sedição do Joazeiro* consegue ser por essa fixação imparcial de uma época de violencia e de miseria, um livro bem feito — fonte em que muitos hão de estudar a hora malaventurada.

Saul de Navarro: **PROSAS BARBARAS** — B. Lauria — Rio — 1922 — O escriptor que se revelára promissoramente com *Visões do seculo* resurge agora magnificamente com *Prosas barbaras*, paginas de ardente naturismo, sacudidas de hyperboles e anthitheses, ora castigando homens e instituições veneraveis, ora exaltando genialidades como Miguel Angelo e agner. E' um estheta moderno, sacudido de um titanismo glorioso e um humanitarista convicto no seu sonho de igualdade no mundo, por vezes optimista na sua ironia e sceptico um tanto generoso nas suas indagações.

Faz rir e revolta, sem nunca nessas duas expressões descer ao ridiculo, antes encantando pela incandescencia do seu estylo de "analysta voluptuoso dos homens e dos factos". As suas phrases são caruscantes e brilhantes como pinceladas de um Monet ou Guillaumi, mostrando um escriptor de pulso, senhor de todos os segredos da arte litteraria. E por tudo isso *Prosas barbaras*, que o Sr. Braz Lauria editou é um livro magnifico, affirmador de um bello talento cheio de plasticidade e de côr.

Sebastião de Souza: **SYRTE** — Minas — O Sr. A. ao abrir o *Syrtes* que acabamos de ler diz que vem "da escuridade igualitaria" e que vibram nas suas "cellulas sensorias as almas emotivas das lesões". Estréa agora nas lettras e vem cheio de tristeza e de um scepticismo desconsolador, enchendo as paginas do *Syrtes* de desesperanças e maguas sem remedio. Vê-se que ha uma grande alma emotiva nesses poemas e uma intelligencia boa os movimentando de clarões auroraes e de sombras. A vida deve ter dado ao A. esse prisma tristurado das coisas, não sendo tambem de esperar d'elle, em dias mais serenos um novo livro em que conte a satisfação de viver, achando o mundo menos máo.

Lucilo Varejão: **CAVALGATA DOS DESEJOS e DE QUE MORREU JOÃO FEITAL** — Rio e São Paulo — O joven romancista pernambucano Lucilo Varejão, que nas lettras se revelou com exito imprimindo *O destino de Escholastica* tem a sahir do prélo dous volumes: um aqui, editado pela Livreria Schettino e outro em S. Paulo, pelos Srs. Monteiro Lobato & C. O primeiro, de contos, *Calvagata dos Desejos* e o segundo, romance, *De que morreu João Feital*. A julgar pelos creditos de que goza nos circulos litterarios do norte o joven escriptor, é de esperar dois bellos livros, dignos do talento seguro de Lucilo Varejão.

**LIVROS RECEBIDOS:**

*Discursos a la Nación Mexicana*, por Antonio Caso, Mexico, Libreria de Porrúa Anos, 1922.

*Los Favores del Mundo*, comedia en tres actos, por Juan Ruiz de Alarcon, edición de Pedro Henrique Ureña, tomo XIV e numero 4 de Cultura, Mexico, 1922.

*Las guerras de Bolivar*, Primera guerra, 1812-1814. Formacion del alma venezolana. Por Francisco Rivas Vicuña. Editorial Victoria, Caracas — Venezuela, 1922.

*La literatura hispano-americana*, estudios criticos por Isaac Goldberg Ph. D. Versión castellana de R. Cansinos Assens. Prólogo de E. Diez Canedo. Editorial America, Madrid, 1922.

*El conquistador español del siglo XVI*, ensayo de interpretacion, por R. Blanco — Fombona, Editorial Mundo Latino, Madrid, 1922.

*Resumen historico de la ultima Dictadura del Libertador Simón Bolívar*, comprobado con documentos, por José Ignacio de Abreu y Lima. Prefacio e versiones por Goulart de Andrade. Biografia y notas por Diego Carbonell. Rio de Janeiro, Empreza Ind. Editora "O Norte", 1922.

*Um crimen de Hernán Cortes*, por Alfonso Toro, Libreria Editorial de Manuel Mañon, Mexico, 1922.

*Por qué los Estados Unidos no reconocen a Mexico*. Discurso del Senador E. F. Ladd, pronunciado en el Senado de los Estados Unidos. Imprenta Universitaria, Santiago del Chile, 1922.

*El Centenario de la Independencia de Mexico en el Brasil*, Mexico, 1922.

*Mexico, sus recursos naturales, su situacion actual*. Homenaje al Brasil en ocasion del primer centenario de su independencia, 1822-1922. Edicion de la Secretaria de Industria, Comercio y Trabajo, Mexico, 1922.

*Bibliotheca Americana et Philippina*. Part 1. Catalogue num. 429, de Maggs Bros, 34, Conduit Street, London, 1922.

*As fronteiras do Sul: A jurisdicção das aguas do Prata e a Itha Martin Garcia*, por Fernando Nobre, com prefacios de Clovis Bevilacqua e Capistrano de Abreu, Sao Paulo, 1922.

*Typos, curiosidades e exquisites dos homens ccebres*, por Mucio da Paixão, editores Monteiro Lobato & C., S. Paulo, 1922.

*A trilogia do exilio, I, Os condemnados*, romance, por Oswaldo de Andrade, Monteiro Lobato & C., S. Paulo, 1922.

*Ilusao*, ensaio sobre a "Esthetica da Vida", por Angelo Guido, editora Agencia Novidades, Santos, 1922.

*Gritos femininos*, por Chrysanthème, editores Monteiro Lobato & C., Sao Paulo, 1922.

*Cantos da linda terra dos pinheiros*, por Seraphim França, editores Monteiro Lobato & C., Sao Paulo, 1922.

*Venezuela literaria, cientifica e industrial*, por Diego Carbonell, Rio de Janeiro, 1922.

*Fóra do mundo*, scenas e paisagens da ilha de Fernando de Noronha, por Gastão Pernalva, Imprensa Guanabara, Rio de Janeiro, 1922.

*Paulicea desvairada*, versos, por Mario de Andrade, Casa Mayença, São Paulo, 1922.

*O idealismo na evoluçao politica do Imperio e da Republica*, por Oliveira Vianna, Bibliotheca do "Estado de S. Paulo", São Paulo, 1922.

*O codice florentino das cantigas de Afonso, o Sabio*, these apresentada para o bacharelado em letras na Faculdade de Philosophia e Lettras do Instituto de Estudos Superiores de Florença, por Nello Aita, com prefacio de João Ribeiro, Litho-Typographia Fluminense, Rio de Janeiro, 1922.

*Eduquemo-nos*, por José Augusto, Empreza Industrial Editora "O Norte", Rio de Janeiro, 1922.

*O Palanquim dourado*, romance, por Mario Sette, illustrações de J. Wash Rodrigues, Off. Graphics de Monteiro Lobato & C., São Paulo, 1922.

*Los ultimos dias del General Santander*, por Jesus Maria Henao, Escuela Tipographica Salesiana, Bogotá, 1922.

*The constitution of the Czechoslovak Republic*, with introductions by José Hoetzl and V. Joachim, International Conciliation, n. 179, Octubre, 1922. New York.

*Uma interrogacão historica*, por José Paulo Ribeiro, Livreria Americana, Porto Alegre, 1921.

*Oliveira Martins e Eça de Queiroz*, por José Ozorio de Oliveira, Edições Lusitania, Lisboa, 1922.

*Pagina triste*, por Arthur Paulo Glon, Livreria Fonseca, Maceió, 1922.

*La revolucion universitaria*, 1918-1919, por Julio V. Gonzalez, Libreria Menendez, Buenos Aires, 1922.

*A Campanha do Sul de Angola*, relatorio do General Pereira de Eça, com um estudo politico de João de Castro e uma carta de General João Jalles, Edições Lusitania, Lisboa, 1922.

*No mundo dos ladrões*, por J. L. Mulberry, editores Monteiro Lobato & C., São Paulo, 1922.

*La civilización chbcha*, por Miguel Triana, Escuela Tipographica Salesiana, Bogotá, 1922.

*Dias de Festa*, contos de Anna de Castro Ozorio e illustrações de Leal da Camara, Edições Lusitania, Lisboa, 1922.

*Victoria Regia*, versos de Francisco Galvão, Livreria Schettino, Rio de Janeiro, 1922.

*Codigo Commercial Brasileiro*, tal como está em vigor actualmente, trabalho organizado pelo Dr. Clovis Ribeiro, editores Monteiro Lobato & C., São Paulo, 1922.

*Locubrações*, ensaios de theorias e idéas, por Arthur Galetti, Livreria Central, Florianopolis, 1922.

*Ascendendo na historia de São Paulo*, conferencia proferida por Alfredo Ellis Junior, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1922.



### Klaxon

Ha um anno, em São Paulo, um grupo de escriptores, poetas e artistas, dirigidos pelo alto espirito de Graça Aranha, annunciava uma "Semana de Arte Moderna". Era o inicio da renovação da esthetica no Brasil, congregando as energias novas, de sorte a permittir uma reacção contra todos os sub-productos enfeadados e minguados que, atrevidamente, se punham em circulação. Era o saneamento do meio circulante litterario e artistico do Brasil. O successo magnifico desta semana, a que os latidos, cacarejos e assovios da gatinha miuda, deu um delicioso tom pittoresco, marcou o movimento de um modo definitivo, repercutindo no paiz inteiro, arejando as nossas letras e as nossas artes. Graça Aranha, Ronald de Carvalho, Villa-Lobos, Mario de Andrade, Guilherme de Almeida, Brechere, Mafalti, Menotti del Picchia, Ribeiro Couto, Renato Almeida, Manoel Bandeira, Oswald de Andrade, Moya, Di Cavalcanti, Buarque de Hollanda e tantos outros cavalleiros desta jornada tomaram a dianteira da grande obra, que se impõe magnifica, a despeito dos "badalos" de meninos sandeus e dos folhetins gagarinicos... *Klaxon*, no victorioso semanario de arte moderna, dirigido por Mario de Andrade, é o grito vermelho da nova campanha. A revista, que fundaram os "independentes" de S. Paulo, é um pamphleto fecundo e bello, em que a idéa nova se apresenta em seu prestigio inegalavel e fremente, não só para destruir as inutilidades (pobresinhas!...) mas para construir, nesta terra radiante, uma esthetica diferente e brasileira, não mais copiada dos modelos estrangeiros... *Klaxon* é uma victoria. É a intelligencia moderna, a sensibilidade moderna, a vida moderna. É o grito de "Independencia ou Morte". no campo de nossa mentalidade, simbolicamente vindo de S. Paulo um seculo depois da jornada de Pedro I. *Klaxon* é uma força invencivel e uma vontade insopitavel e o seu espirito novo ha-de dominar e triumphar. Não lhes falta fé, nem audacia.

### REVISTAS RECEBIDAS:

*Revue de l'Amérique Latine*, publicada em Paris sob a direcção de Ernest Martineche e redacção de Charles Desca e Ventura Garcia Calderon. Todos os mezes insere estudos, artigos e chronicas assignados por escriptores do continente sul-americano. Traz systematicamente um resumo da vida intellectual, artistica e social da America Latina. Nos numeros de Setembro, Outubro e Novembro, publicou um interessante estudo de Magalhães Azeredo intitulado "Des traits de la physionomie morale de Pedro II". Ainda no numero de Setembro, traz de Manoel Galristo um artigo sobre a "Pequena histo-

ria da litteratura" de Ronald de Carvalho, e de Paul Fort uma ballada "L'Ilot de Pequetá".

*Hispano-america*, revista mensal, que se edita em Caracas, desde Janeiro de 1920, sob a direcção de Terrero Atienza e Gutierrez Alfaro, tendo no numero de Janeiro publicado "El rueno de la Atlantida", de João do Rio, e "Ultima Pagina", de Olavo Bilac, e no numero de Abril "Origenes del sentimiento nacional brasileiro", de Elysis de Carvalho.

*Nosotros*, revista mensal, que se publica em Buenos Aires, sob a direcção de Alfredo Bianchi e Julio Noé. É uma das melhores do continente. Além de estudos, artigos e poesias assignadas por José Ingenieros, Lugones, Garcia Calderon, Nin Frias, Obligado e outros, insere mensalmente chronicas do movimento litterario de varios paizes, uma vasta secção bibliographica, e interessantes notas e commentarios. A partir do proximo numero, daremos sempre conta do summario desta revista, commentando ou assignando os seus principaes artigos de collaboraçao.

*Mexico moderno*, revista mensal de litteratura, sciencia e arte, que ha dous annos se edita no Mexico, sob a direcção de Vicente Toledano, P. Henrique Ureña, Manoel Morin e outros, e que, além de impressa caprichosamente, se apresenta como órgão mais autorizado da cultura e do movimento intellectual do Mexico.

*Le Monde Nouveau*, revista internacional que apparece quinzenalmente em Paris, tendo por fim a appproximação social, economica, litteraria e artistica da França e do estrangeiro. São seus directores E. Van der Vlugt e Gustave-Louis Tautin, e possui como colaboradores effectivos um grupo de escriptores dos mais conhecidos da Europa. Cada volume recommenda-se por varios artigos de interesse universal e pelas suas chronicas de actualidade internacional.

*Revista do Instituto Geographico e Historico da Bahia*, numero 47, 1921-1922, contendo varios trabalhos sobre o professor Carneiro Ribeiro, o resumo chronologico e noticioso da provincia da Bahia, desde o descobrimento, por José Alves do Amaral, anotado por J. Teixeira Barros, e a comemoração do centenario do sacrificio de Soror Joanna Angelica.

*Inter-America*, órgão do intercambio intellectual entre os povos americanos, sob a direcção de Peter H. Goldsmith, publicandose em Nova York, mensalmente, em inglez e em castelhano.

*Boletim da União Pan-Americana*, publicado em Washington, pela União Internacional das Republicas Americanas, edição portugueza.

*Revista de Filosofia*, publicação trimestral de cultura, sciencias e educação, dirigida por José Ingenieros, em Buenos Aires, que se tornou um dos mais importantes orgaos do movimento de idéas da America do Sul, figurando no seu summario de Novembro ultimo, entre outros, os seguintes trabalhos: "Doutrinas de Levy Bruhl" por Anibal Ponce; "La sociologia de Ramos Mejia", por Raul Orgar; "Scalarini y el contismo", por Victor Melisante; "Las revoluciones francesa e rusa", por Gabriel Moreau e "Por la Union Latino Americana", discurso de José Ingenieros. A "America Brasileira" recommenda calorosamente aos seus leitores a leitura dessa importante publicação.

*Hispania*, publicação mensal de estudos hespanhões, dirigida pela "American Association of Teachers of Spanish", da Stanford University, California.

*La pluma*, revista litteraria mensal, sob a direcção de Manoel Araña e Rivas Cherif, publicada em Madrid, com a collaboraçao dos melhores escriptores da nova geração espanhola.

*Le Livre des Livres*, anthologia critica mensal das obras litterarias que apparecem em França, publicada em Paris, sob a direcção de Gaston Mouné, e util aos que desejam acompanhar o movimento litterario francez.

*Revista do Instituto de Sciencias e Lettras de Pernambuco*, publicação trimestral, vol. I, fasciculos II e III, inserindo entre outros, os seguintes trabalhos: "Esboço da litteratura Pernambucana", de Mario Mello; "Da alegria na poesia brasileira", de Mavial Prado; e "Nipiologia", de Lins e Silva. Traz ainda varios estudos acerca do centenario da Independencia.

*A Educação*, revista mensal, dedicada a defeza da instrucção no Brasil, publicada no Rio de Janeiro, sob a direcção do Deputado José Augusto, contendo o seu summario de

Novembro varios trabalhos interessantes. Entre os quaes se destacam: "A educação da mulher e o seu papel de educadora", de Carneiro Leão; "Alguns problemas actuaes do ensino no Brasil", de Heitor Lyra da Silva, e "Ensino Profissional obrigatorio", de Fidelis Reis.

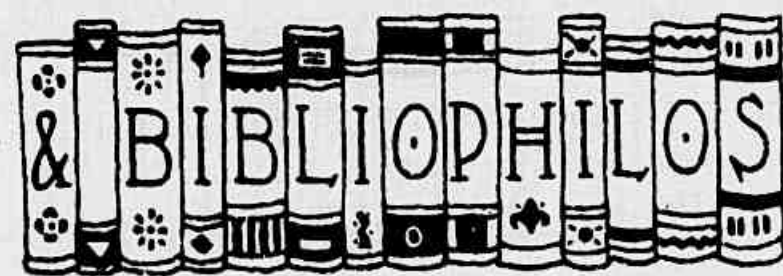
*Instituto Historico e Geographico Parahybano*, publicada sob a direcção de Alcides Bezerra, na Parahyba. O numero a que nos referimos é de Novembro e constitue o volume V. do anno XIV. Insere, entre outros, os seguintes artigos ou estudos: "O Centenario da revolução de 1817"; "Os Jesuitas na Parahyba", de Florentino Barbosa; e "Notas sobre a Republica do Equador no Norte do Brasil", de Domingos Jaguaribe.

*Boletim de la Academia Nacional de la Historia*, Caracas, volumes de 1922.

*Revista da Bahia*, illustrada, publicandose sob a direcção de Heitor Muniz, Altamirando Requião, Aluisio de Carvalho, Acacio Franca, Braz de Amaral, Bernardino de Souza, Borges de Barros, Henrique Corrêa, Muniz Sodré, Xavier Marques e outros escriptores representativos do movimento litterario bahiano.

*Klaxon*, mensario de arte moderna, que se edita em São Paulo, sob a direcção de Mario de Andrade, e sobre a qual nos referimos noutro lugar.

*Boletim Bibliographico*, de obras classicas, raras e poesias, antigas e modernas, da Livraria J. Leite & C., á rua Tobias Barreto n. 12, Rio de Janeiro. ns. 1 a 5.



**Sobre uma bella edição da "Vita Nova"**

As artisticas e sumptuosas edições das obras de Dante são hoje muito numerosas, e parece que o interesse particular com que se volta ao estudo da soberba criação dantesca vem intensificar o esforço dos editores.

Eis que para assignalar o sexto centenario da morte de Dante, o "Instituto de Arte Graphica", de Bergamo, edita um luxuoso volume da *Vita Nova*, que para os bibliophilos é um verdadeiro monumento. Não temos quasi bibliophilos no Brasil. Dir-se-hia até que os nossos intellectuaes não comprehendem bem o que é a bibliophilia, considerando-a uma mania de colleccionista, quando ella é o amor da materia finamente trabalhada, o gosto dos papeis distinctos e ricos e da composição esmerada, a nobre paixão das vinhetas cingeladas e das illustrações de valor, — enfim o sentimento artistico aristocratico que nos leva a gozar todas as bellezas. Pode vêr e admirar a edição da *Vita Nova*, de Bergamo, na Bibliotheca de Elysio de Carvalho, que possui uma das mais completas colleções dantescas.

Este bellissimo volume é obra de tres artistas que souberam engastar a maravilhosa criação do excelso florentino em uma perfeita e seductora joia. A Michele Barbi coube o cuidado de gravar o texto em uma sobria calligraphia, que lembra, com mais linha e mais elegancia, a gothica já simplificada da época de Dante. Nestori Leoni encarregou-se de illuminar o nobre pergaminho com vinhetas em que se comprazem uma imaginação fecunda e riquissima, um extraordinario dom de composição, uma fertilissima virtuosidade em usar dos motivos do "quatrocento", creando uma atmosfera harmonica no conjunto de cada pagina. Mas é a Vittorio Grassi, o illustrador, que devem ir todos os louvores. O que encanta e até assombra nas suas visões é o espirito que o anima, pelo

qual se sente não só uma cultura e uma comprehensão transcendentales como um entusiasmo profundo e vivaz pela obra dantesca.

Não conhecia nada de Vittorio Grassi. Ignoro se é pintor ou sómente illustrador. E' possivel mesmo que seja um pintor mediocre. Mas revela nestas poucas composições do volume de Bergamo um artista do mais fino, do mais requintado, do mais bello temperamento.

A Italia moderna, a Italia de sempre, — isto é a mesma da Renascença, — se mostra allí aos nossos olhos encantados. A arte italiana, disse Graça Aranha, é sobretudo sensual. Já tinha muitas vezes apreciado a justeza deste juizo. Vittorio Grassi vem confirmar mais uma vez a palavra do mestre.

O que domina, o que se espraia nesses seus quadros, o que constitue a essencia da arte de Vittorio Grassi é a sensualidade. Ha sensualidade na composição geral, na repartição rythmica dos volumes e dos grupos de valores, nas linhas essenciaes do rectangulo visualizado, como nas linhas secundarias que deslisam em volta de uma personagem, que circumdam um grupo ou uma arvore, que se perdem nas perspectivas imprevisitas. Quanta sensualidade tambem nas prégas dos tecidos, estudados e ajuntados com um requinte de minucia e de paciencia!

Mas é no sentimento que elle tem da côr e da luz que Vittorio Grassi leva ao extremo a volupia da sua visão, a um tempo raciocina e dyonisiaca. Vê-se que elle sente a côr de um modo directo, unicamente physico, desembaraçado de qualquer preconceito de escola e sem a vã obsessão de firmar uma doutrina esthetica na sua interpretação.

E' um grande gozo, — e tambem um grande repouso, — encontrar um artista como Vittorio Grassi que sabe se limitar ao seu proprio temperamento e nos mostra, depois de tantas loucuras desanimadoras, que a pintura não pôde ser intellectual, mas sim essencialmente, victoriosamente carnal.

Suas illustrações, embora não possam agradar ás "féras" *vandogenistas* e *matissistas*, (a quem, aliás, não nego certas qualidades e uma coragem que bem podia ser menos excessiva,) revelam um bello e puro latino, que se não esquece de que é antes de tudo um homem, com sangue e nervos, e não uma abstracção pensante. Vittorio Grassi é harmonioso e só requinta a sua arte no sentido da sensualidade. Cada côr, para elle, é uma nota que participa na symphonia do quadro, cuja emoção total é feita da fusão, e não de um violento antagonismo chromatico. E assim, quer examinando tom por tom, quer espalhando o olhar no conjunto, chegamos pela arte de Grassi á emoção universal que é o objecto de toda arte.

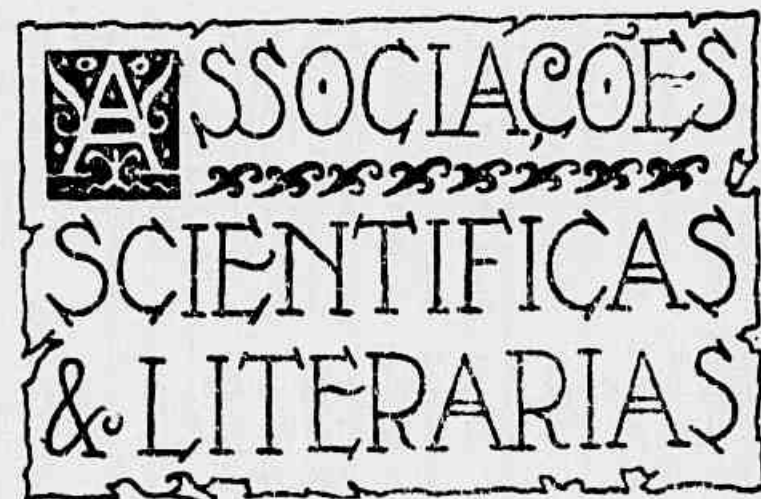
Vittorio Grassi possui o segredo hoje raro, de saber vêr com simplicidade em torno delle, as côres desabrocharem na limpida luz mediterranea...

L. A. F.

**A divulgação dos livros brasileiros em hespanhol**

Chega ao nosso conhecimento uma noticia que podemos considerar verdadeiramente auspiciosa para quantos se interessam pelo intercambio de valores mentaes do Brasil com a Hespanha: é a de que a colonia hespanhola de nossa capital, representada pelos seus membros de maior significação, deliberou entrar em accção efficiente no sentido de dar maior desenvolvimento á livraria que, entre nós, divulga, na sua propria lingua, a grande litteratura hespanhola, tão rica de esplendor no presente como o fôra no passado. A resolução já seria de si mesma interessante, se apenas vizasse dar maior incremento aos negocios da livraria hespanhola. Mas não é sómente isso o que acontece. O gesto dos intellectuaes hespanhóes aqui residentes vai além, abrangendo, como principal objectivo, o firme proposito de ampliar a esphera

de accção de sua livraria, de modo que esta se transforme numa vasta casa editora de obras brasileiras vertidas para o castelhano. Para isso, a colonia hespanhola chamou a si o encargo de levar a effeito a transformação da Livraria Hespanhola em sociedade anonyma, de que serão accionistas todos os membros representativos da colonia. A idéa foi recebida com o maior entusiasmo, tendo se dado já o facto muito significativo dos principaes elementos hespanhóes se haverem cotizado para subscreverem a maioria das accções da nova empresa, o que quer dizer que, muito em breve, teremos a fortuna de ver as obras de autores brasileiros publicadas em lingua hespanhola, que é o idioma de uma grande parte da terra, pois que o é de Hespanha, suas colonias e quasi toda a America. A proposito, devemos notar que o povo hespanhol, a começar pelo seu grande rei, dispensa o maior auxilio e interesse ás casas que editam em hespanhol. Affonso XIII é um dos grandes accionistas da casa editora "Sociedad de Historia Hispano Americana". O Conde de Romanones, ex-presidente do Conselho, tambem é um dos maiores accionistas da "Editorial Renacimiento". E são do grande politico Antonio Maura as seguintes palavras, pronunciadas a 15 de Fevereiro de 1922, na Exposição do Real Decreto da Camara do Livro: "Tem, com effeito, o livro, além de um valor economico, um valor cultural e de influencia espiritual que nenhum outro commercio pôde igualar, e nenhum dos meios capazes de contribuir para manter e consolidar o progresso de um paiz, pôde siquer ser comparado com esse factor principal de expansão, do desenvolvimento de cultura e das energias de um povo, instrumento singularmente expansivo de toda a grandeza moral, a ponto da protecção que se lhe concede reverter sempre em bem do protector, a que traz um beneficio que supera incomparavelmente o sacrificio feito num momento."



**Instituto Varnhagem**

No nosso ultimo numero publicámos as bases sobre as quaes um grupo de intellectuaes pretendia fundar o *Instituto Varnhagem*, que fosse ao mesmo tempo um centro de cultivo de nossa historia, remodelando seus methodos de analyse, de critica e didacticos, mas tambem nucleo de estudos brasileiros em geral em seus multiplos aspectos, sociaes, litterarios, artisticos, etc. A nobre idéa, que despertou o mais vivo entusiasmo, é triumphante, não só por já estar constituido e instalado o *Instituto Varnhagem*, bem como por ter surgido prestigiado por optimos elementos de nossa mentalidade, que lhe asseguram o mais completo exito. Organizado sob o alto patrocínio do eminente historiador patrio, Professor Rocha Pombo, mestre incontestavel de que nos devemos orgulhar, o *Instituto* firma decisivamente sua orientação, concentra as energias e os entusiasmos a cujo calor nasceu preparando-se para ser no Brasil um alto estimulo e forte esteio de nossa cultura. Discutidos e approvados os seus estatutos, em varias sessões, a que presenciamos individualidades das mais conspicuas de nosso meio intellectual, traça o *Instituto* o programma de seus trabalhos, numa grande amplitude, afim de abranger os variados e multiplos fins, que se propõe realizar. Embora instalado definitivamente, proseguem os trabalhos preparatorios, já estando constituídas as diversas seccões permanentes, a cujo cargo ficam a discussão e votação das theses, que constituem o programma do *Instituto*. Em breve, será publicada a revista do *Instituto* e iniciada a serie de conferen-

eias, e palestras, que será inaugurada a 17 de Fevereiro, quando pela primeira vez, o *Instituto* se apresentará em publico, commemorando a data do nascimento de Varnhagen, sobre cuja personalidade falará o illustre escriptor Celso Vieira, Vice-Presidente do *Instituto*. Aproveitando o ensejo explicará o Professor Rocha Pombo os fins da nova fundação e as tendencias de seus trabalhos. A esta seguir-se-hão outras conferencias, já estando inscriptos para fallar, os seguintes socios: Rocha Pombo, Ronald de Carvalho, Elysio de Carvalho, Renato Almeida, Ribas Carneiro, Carneiro Leão, Pontes de Miranda, Miranda Ribeiro, Barbosa de Faria e outros mais.

A Directoria do *Instituto* eleita para o triennio 1922-1925, é a seguinte: Presidente, Rocha Pombo, com o titulo perpetuo; Vices-Presidentes: Celso Vieira, Genserico de Vasconcellos e Ronald de Carvalho; Secretario Geral, Elysio de Carvalho, com o titulo perpetuo; 1º Secretario, Renato Almeida; 2º Secretario, Ribas Carneiro, Thesoureiro, Theophilo de Albuquerque; Chronista, Gustavo Barroso e Bibliothecario, Jorge Jobim. As secções permanentes são as seguintes: I, Secção de Historia Geral; II, Secção de historia militar; III, Secção de historia diplomatica; IV, Secção de historia das artes e dos costumes; V, Secção de historia da litteratura; VI, Secção de bibliographia, historia e litteratura; VII, Secção de nobiliarchia e heraldica; VIII, Secção de estudos geographicos; IX, Secção de estudos economicos; X, Secção de sciencias sociaes, applicadas ao Brasil. Afóra estas, ainda ha uma secção de estudos hespano-americanos.

O programma dos trabalhos para o anno de 1923 já foi organizado, e entre as theses e inqueritos apresentados, figuram os seguintes:

— Teve Cabral precursores no descobrimento do Brasil?

— Qual o papel de Lêdo no movimento da independencia?

— Quaes as origens da familia brasileira?

— Qual a influencia italiana na sociedade brasileira?

— Qual o estado actual da lingua portugueza no Brasil?

— Foi ou não o Brasil descoberto por acaso?

— Investigações sobre o nome *Brasil* antes do descobrimento.

— Revisão dos erros vulgarizados por autores estrangeiros sobre a nacionalidade brasileira.

— Origem dos naturaes encontrados neste lado da America em 1500.

— O problema da Atlantida.

— A ethnologia entre os indios da America oriental.

— O aborige americano.

— Onde se formou Colombo como navegador?

— A administração do Brasil nos tempos Coloniaes.

— O negro como elemento ethnico.

— A figura de Caxias em nossa historia.

— O Barão do Rio Branco e as nossas fronteiras.

— A litteratura colonial do 1º seculo.

— As magnificencias da bacia amazônica.

— Formação de ilhas alluviaes no Amazonas.

— Fontes das riquezas naturaes do Brasil.

— Os precursores da idéa de independencia no Brasil.

— Influencia da revolução franceza e da americana na independencia do Brasil.

— Qual o melhor systema de parlar as palavras na lingua portugueza.

— Qual o minimo salario necessario no Districto Federal.

— Qual a differença de notas officiaes nas escolas publicas — "medias" dos filhos de brasileiros e dos de estrangeiros.

— Qual a percentagem entre os estrangeiros e brasileiros casados, separados da familia e solteiros no Districto Federal.

— Seria conveniente estudar as relações reciprocas entre o direito e a religião no Brasil?

— Os estudos historicos no Brasil têm valor scientifico? Nas varias historias locais e gerges do Brasil, cuidaram os autores dos resultados da sociologia do seu tempo?

— Os resultados historicos do Direito Nacional provam que os institutos juridicos foram uteis ao Brasil?

Além destas questões, o *Instituto* prepara desde já a bibliographia de Varnhagen, e organisa a bibliographia das fontes principaes da nossa historia.

Por especial deferencia da Sociedade de Geographia, a sede provisoria do *Instituto* é na sede dessa muito illustre associação, á Praça 15 de Novembro, 101, 2º andar, funcionando porém, a secretaria-geral, á rua 1º de Março n. 96 — 3º andar.



### O mez artistico

Mão grado á nossa malaventurada educação artistica, o nosso retardamento evolutivo nas artes plasticas, o nosso povo distingue, ás vezes, o artista do "pasticher", a obra de arte do quadro "pompiere", admirando um e renegando outra. Apesar disso, de vez em quando apparece um "fazedor de America", medioere borrador ou simples emissario de artistas sem merito, dizendo-se uma notabilidade e expondo cousas que compradas seriam o attestado mais flagrante da nossa incultura esthetica, do nosso atrazo em cousas de arte.

Esses "artistas" buscam concorrer para o máo gosto das nossas gentes, ao mesmo tempo que nos julgam um paiz onde de arte não se entende patavina.

A nossa Escola de Bellas Artes devia ser a sentinella vigilante contra essa constante investida contra o nosso bom gosto.

Que nos adiantam exposições, como essa que o Sr. P. Vaccari faz no saguão da Associação dos Empregados no Commercio? Que temos ahí a aprender e admirar?

E' uma série de quadros onde não ha uma pincelada notavel, um traço interessante, uma qualidade pictural que revele um artista, um pintor soffrivel. Não é desenhista nem colorista. E as suas paisagens é o que ha de mais desgracioso e sem belleza, de mais lamentavelmente infantil.

Felizmente, a exposição do Sr. P. Vaccari ficou ás moscas, ninguem lhe adquirindo as paisagens que são um crime hediondo de lesa-arte.

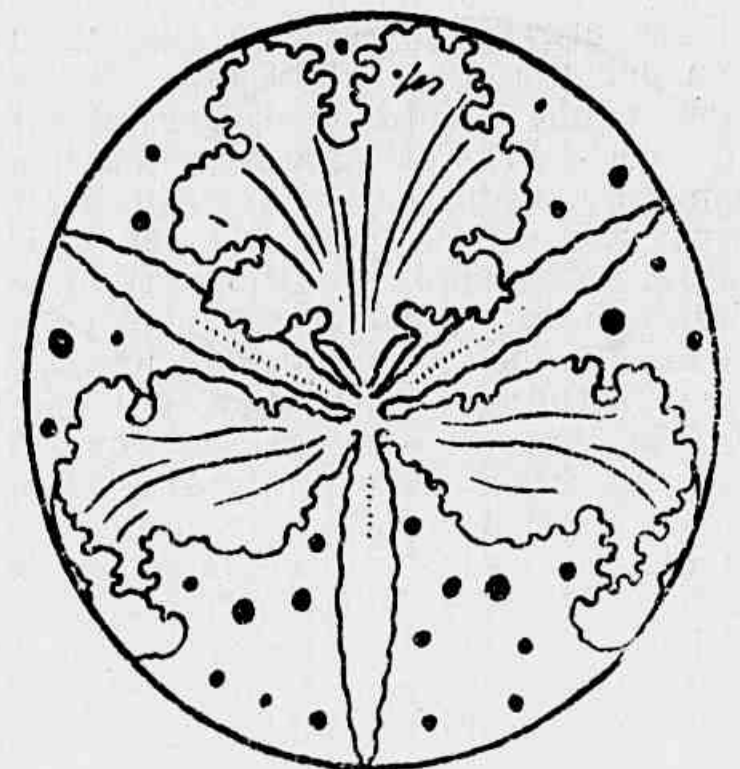
Que a lição continue e não sejámos obrigados a ver exposições de artistas de infima cathogoria... quando deixamos o "Salão", a nossa maior expressão artistica, condemnado a um abandono injustificavel.

As artes plasticas foram das nossas expressões intellectuaes que menos brilhantemente concorreram para os festejos commemorativos do Centenario. Preferiram deixar em branco as paredes dos nossos pavilhões a fixarem nellas motivos feitos pelos nossos pintores ou as ornarem com quadros que mostrassem aos forasteiros que temos alguns pintores de brilho. O que conseguimos realizar isolamos na Escola de Bellas Artes, e isolamos tão bem que a Commissão Directora vio-se obrigada a não receber sequer o "coupon" da Exposição, para ter o visitante diante das obras dos nossos artistas. Mas nem gratis ha quem queira ir ao "Salão". Os corredores melancolisam, os guardas dormem. Que propaganda se fez do "Salão"? Não se vê lá um quadro de Bernardelli, de João Timotheu, de Amoedo, de Decio de Villares, de Belmiro de Almeida, dos artistas dos Estados só apparecendo Olavo Baptista, da Bahia e tres de São Paulo. Basta dizer que a sessão de pintura contemporanea consta de 283 trabalhos! E para incentivar as artes o Governo prometteu apenas comprar quatro quadros da historia da Independencia. Só isso. Por sua vez o "Salão" concorre para esse desanimo nos artistas, para esse affastamento delles. Que fez o Jury deste anno? Deu por páos e por pedras, esquecendo os melhores valores e premiando a mediocridades cabotinas. Fazendo-se silencio em torno do "Salão", o publico tambem delle se affasta, deixando-o ao abandono. E' o que está acontecendo.

\* \* \*

Regressou ha dias da Europa o distincto pintor Sr. Raymundo Céla, uma das organizações artisticas mais brilhantes que possuímos. Tendo conquistado no "Salão" o Premio de Viagem com o "Ultimo dialogo de Socrates", tela de inconfundiveis qualidades e que evidenciou um artista consciencioso e fóra da vulgaridade, Raymundo Céla seguiu para o Velho Mundo, cujos grandes centros de arte percorreu, ampliando a sua visão e seguindo os mestres que melhor lhe pudessem orientar a intelligencia vigorosa.

Trabalhou sem esmorecimento, aperfeiçoou os seus estudos, e o resultado do quanto lhe foi proveitoso o Premio do "Salão" vai o nosso publico ver em breve nos quadros que o joven e estimado artista brasileiro pretende expôr.



\* \* \*





**Academia de Letras**

Foi eleito presidente da Academia de Letras o Sr. Afranio Peixoto, o que significa a renovação dos processos da illustre companhia, libertando-se do criterio dos "mais velhos" que poderá augmentar a sua gravidade, mas lhe esmaece o brilho e a juventude, com que deve reagir contra o natural conservatorismo das academias. Merece, pois, todos os louvores pela eleição do romancista admiravel da "Esfinge", de "Castro Alves", do philosopho subtil das "Parábolas" e do insigne hygienista. Porque o Sr. Afranio Peixoto realiza o milagre de uma intelligencia multiforme, sem ser dispersiva, de sorte a dominar as cousas que procura e não simplesmente em lhe namorar as apparencias. O autor de "Maria Bonita" é um grande inquieto e busca na existencia, por sobre o seu tumulto,

aquelle grão de sabedoria que nos foge sem cesar, e aquelle instante vago de emoção, a que a arte nos eleva. Como todos os que fazem da vida um meio de conhecimento e não se contentam com meia duzia de fórmulas sublis e caprichosas, o Sr. Afranio Peixoto tem uma perpetua juventude de espirito, que vence todas as academias. Foi, portanto, de fina argueia a sua eleição para presidir o nosso alto cenaculo, que, por certo, lhe vai roubar o segredo de mocidade. Uma aurora de renovação!



**No theatro**

"E o amor venceu", do Sr. Paulo Magalhães, no *Trianon*.

Foi uma idéa feliz a da Empreza do *Trianon* em inaugurar uma série de espectaculos, com peças de escriptores mo-

dermos, a que deu o titulo suggestivo de *Alvorada dos novos*. E' mais um ensejo de beneficiar o nosso theatro, interessando os moços, que lutam sempre com as maiores difficuldades para fazer repre-



sentar suas peças, sem o que seus esforços falharão, á mingua de incentivo e de estímulo. Aliás, a empreza do *Trianon*, desde que começou a explorar o elegante theatro da Avenida, manifestou esse desejo de chamar a collaboração dos novos, escolhendo para estrear a peça *Nossos Papás* de Ribeiro Couto, que obteve um grande successo. Está pois, de parabens o *Trianon* com a *Alvorada dos Novos*, iniciada com o melhor exito, que é uma garantia de sua victoria. A peça *E o amor venceu...* do Sr. Paulo Magalhães foi muito bem recebida, numa atmosphera de acolhedora sympathia. Que a *Alvorada dos novos* seja um novo triumpho para a Empreza do *Trianon* e um beneficio para o theatro nacional!

**UM LIVRO QUE TODO O BRASIL LÊ**

**E QUE SE DISCUTE NO ESTRANGEIRO:**

**ELYSIO DE CARVALHO**

**Os Bastiões da Nacionalidade**

Edição do ANUARIO DO BRASIL

Um volume de 400 paginas

Preço: brochura 6\$000 e encadernado 8\$000

A' venda nas principaes livrarias do Brasi

PEDIDOS AOS EDITORES

**62, Rua D. Manoel**

RIO DE JANEIRO

**LIVROS ALLEMÃES**

ESPECIALMENTE

**Obras de Sciencia**

DE TODOS OS RAMOS

Arte, Literatura e

Leitura para a mocidade

GRANDE STOCK EM

Romances, Revistas, Cartões postaes,  
etc, etc. na

**LIVRARIA "EDANEE"**

A unica allemã para Livros, Arte e Musica

**112, Rua da Alfandega, 112**

**RIO DE JANEIRO**

**CAIXA POSTAL: 2274**

SANTOS

Rua Frei Gaspar, 37-39

Telephone: Central 2074

S. PAULO

Rua de São Bento, 93

Tel.: Central 321

CAIXA POSTAL: 1897

# ULTIMAS EDIÇÕES

DO

## "ANNUARIO DO BRASIL"

62, RUA D. MANOEL, 62

### RIO DE JANEIRO

<i>Italia Azul</i> , Jaime Cortesão.....	5\$000
<i>Fausto</i> , Renato Almeida.....	5\$000
<i>Historia do Rio Grande do Norte</i> , Rocha Pombo.....	15\$000
<i>Cousas do Tempo</i> , Tristão da Cunha.....	5\$000
<i>Conversas</i> , Coelho Netto.....	4\$000
<i>Poesias</i> , 4ª edição, Raymundo Corrêa....	5\$000
<i>Atravez dos Estados Unidos</i> , Gomes Leite.	4\$000
<i>Affonso Arinos</i> , Tristão de Alhayde.....	4\$000
<i>Os Bastiões da Nacionalidade</i> , Elysio de Carvalho.....	6\$000
<i>O Suave Convivio</i> , Andrade Muricy.....	5\$000
<i>Sciencia do Criterio</i> , Cesario Martins.....	5\$000
<i>Epigramas Ironicos e Sentimentaes</i> , Ronald Carvalho.....	8\$000
<i>A Igreja Silenciosa</i> , Tasso da Silveira....	5\$000
<i>O Marquez de Pombal e a sua Epoca</i> , 2ª ed., J. Lucio de Azevedo.....	10\$000
<i>Pascal e a Inquietação moderna</i> , Jackson de Figueiredo.....	4\$000
<i>Cannaviaes</i> , Alberto Deodato.....	4\$000
<i>A Reacção do Bom Senso</i> , Jackson de Figueiredo.....	4\$000
<i>A Margem dos livros</i> , José Maria Bello...	5\$000
<i>O Genio rebelado</i> , Affonso Lopes de Almeida.....	5\$000
<i>Retalhos e Bisalhos</i> , Eduardo Ramos.....	5\$000

### ANTHOLOGIA UNIVERSAL

(Volumes encadernados em chita)

- 1 — Manuel Bernardes — Historias varias.
- 2 — *Soror Mariana* — Cartas de Amor, nova restituição e esboço critico de Jaime Cortesão.

- 3 — José de Alencar — *Iracema*, edição prefaciada por Mario de Alencar.
- 4 — Almeida Garrett — *Frei Luiz de Souza*.
- 5 — Gonzaga — *Lyricas (Da Marilia e Dirceu)*, prefacio e notas de Alberto de Faria.
- 6 — Fernão Mendes Pinto — *Em Busca do Corsário*.
- 7 — Carlos Dickens — *Canto do Natal*, traducção de D. Virginia de Castro e Almeida.
- 8 — *Camões* — Pensamentos extrahidos das suas obras por J. Viana da Mota.
- 9 — Cervantes — *Novelas exemplares (Corneliu — O ciumento)* — traducção de D. Virginia de Castro e Almeida.
- 10 — Fernão Mendes Pinto — *A Ilha dos Tesouros*.
- 11 — José d'Alencar — *Diva*, prefacio de Mario de Alencar.
- 12 — Shakespeare — *O Mercador de Veneza*.
- 13 — 14 — *Imitação de Christo*, traducção do Padre Valerio Cordeiro.

Cada numero — 3\$000 — Dois numeros num só volume — 5\$000.

### A SAHIR

- Ronda Crepuscular* — Silveira Netto.  
*Intelligencia das Coisas* — João do Norte.  
*O Espelho de Ariel* — Ronald de Carvalho.  
*O que tinha de ser...* (2ª ed.) — Mario de Alencar.  
*Portugal Amoroso* — D. João de Castro  
*Historia do Brasil* — Rocha Pombo.  
*Tragedia Florentina*, ed. illustrada — Elysio de Carvalho.